



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA E URBANISMO
CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO

ABNER AUGUSTO RAMOS MACEDO ANTUNES DE SOUZA

COMPLEXO DE ARTES AUDIOVISUAIS

FORTALEZA

2015

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

email: abner.hey@gmail.com

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca do Curso de Arquitetura

SOUZA, A. A. R. M. A. de.

Complexo de Artes Audiovisuais/ Abner Augusto Ramos Macedo

Antunes de Souza - 2015.

f. : il. color.

TCC (Graduação) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Tecnologia, Curso de Arquitetura e Urbanismo, Fortaleza, 2015.

Área de Concentração: Arquitetura

Orientação: Profa. Mariana Monteiro Xavier de Lima

1.Cinema. 2.Equipamento Cultural. 3. Espaço Público.

4.Multifuncional. I. Título

ABNER AUGUSTO RAMOS MACEDO ANTUNES DE SOUZA

COMPLEXO DE ARTES AUDIOVISUAIS

Trabalho Final de Graduação apresentado ao Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Ceará, como parte dos requisitos para obtenção do título de Arquiteto e Urbanista.

Aprovada em: __/__/____.

BANCA EXAMINADORA

Profª. Mariana Monteiro Xavier de Lima (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Daniel Ribeiro Cardoso
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Arqt. Neliza Maria e Silva Romcy
Universidade Federal do Ceará (UFC)

AGRADECIMENTOS

E no final desta etapa, sou eternamente grato por todas as pessoas que passaram em minha vida e deixaram diversas contribuições na minha formação acadêmica. Certas experiências que passei pelo curso de Arquitetura e Urbanismo ficarão inesquecíveis em minha memória.

Em especial, quero agradecer aos meus pais por terem sempre acreditado em mim, e por terem ensinado o valor de lutar por aquilo que acreditamos.

À Rayana Vasconcelos, essa pessoa especial que apareceu em minha vida. Agradeço muito por ter feito parte da vida dela nesses últimos meses e por ter sido uma ótima companheira, até mesmo nos momentos difíceis, como os que passei trabalhando neste TFG!

À todos os amigos que fiz durante este curso, principalmente aqueles que conheci durante os encontros de arquitetura, que foram experiências inesquecíveis para meu desenvolvimento tanto como arquiteto, como cidadão.

À MC Arquitetos, escritório de arquitetura mais incrível que tive a chance de trabalhar, sou muito agradecido pelo conhecimento que obtive durante meus dois anos estágio e as orientações que recebi da Márcia Cavalcante e Anelise Castro. Com eles, tive a chance de trabalhar em áreas que não sabia que iam me conquistar tanto em minha formação profissional.

Aos colegas da ABEBA, que sempre torceram pelo meu êxito, e que mal podem esperar para comemorar o final desta etapa!

RESUMO

Complexo de Artes Audiovisuais

Proposição de um equipamento dedicado à celebração e produção da sétima arte. Através da criação de espaços criativos e de exibição de conteúdo audiovisual, este trabalho reflete sobre como espaços culturais podem se relacionar com o espaço público. Com o objetivo de diversificar a oferta de instalações dedicadas ao cinema, este Complexo também procura criar espaços ideais para receber Festivais de Cinema e outras manifestações culturais relacionados à produção audiovisual.

Palavras Chave: Cinema, Equipamento Cultural, Espaço Público, Multifuncional

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1. Nickelodeon em Toronto, Canadá.	26
Figura 2. Interior do primeiro nickelodeon dos Estados Unidos, em Pittsburgh, 1905.	26
Figura 3. Vista do salão do Cine Majestic.	28
Figura 4. Vista salão do Tennessee Theatre.	28
Figura 5. Fachada do Cine São Luiz recém inaugurada.	30
Figura 6 e 7. Cinema da Franquia "Tower Theater", na Califórnia.	31
Figura 8. Foyer do Cinema do Shopping Rio Mar Fortaleza.	33
Figura 9. Vista do cinema Majestic, 1930.	35
Figura 10. Interior do Cinema Moderno.	36
Figure 11. Sorveteria das Lojas de Variedades.	37
Figure 12. Praça do Ferreira em 1919 com o Café Elegante.	37
Figura 13. Vista do Edifício Diogo em 1941.	38
Figura 14. Vista do Edifício Diogo em 2013, durante a Copa do Mundo.	38
Figura 15. Vista do Salão do Cine Diogo em 1941.	39
Figura 16. Folder do Shopping Center Um, em 1974.	40
Figura 17. Público Total em Salas de Cinema no Brasil.	40
Figura 18. Localização dos Cinemas em Fortaleza.	41
Figura 19. Interior da sala Macro XE.	42
Figura 20. Interior da sala 4DX.	43
Figura 21. Vista aérea do shopping Rio Mar Fortaleza.	43
Figura 22. Vista da fachada do Cine Teatro São Luiz nos anos 60.	44
Figura 23. Interior do cinema nos anos 60.	45
Figura 24. Vista do Foyer do Cine Teatro São Luiz nos anos 60.	46
Figura 25. Elementos decorativos encontrado nas laterais da sala.	46
Figura 26. Gerentes do Grupo Ribeiro de exibição e a Família Severiano Ribeiro na cerimônia de inauguração do cinema.	47
Figura 27. Operário fazendo os retoques finais do restauro do forro do palco.	49
Figura 28. Detalhe do forro do salão.	49
Figura 29. Vista do salão na abertura do 25º Cine Ceará em 2015.	50
Figura 30. Vista da platéia após reforma em 2015.	50

Figura 31 Seminário no Festival Farol de cinema.	52
Figura 32 Cinema do Dragão no encerramento do Festival Farol de Cinema.	53
Figura 33. Vista principal do prédio	55
Figura 34. Interior do cinema	56
Figura 35. Vista do volume dos cinemas.	57
Figura 36. Vista do cinema aberto	57
Figura 37. Corte do volume de eventos	57
Figura 38. Vista do cinema	58
Figura 39. Vista do Cinema	59
Figura 40. Vista da sala de cinema	60
Figura 41. Corte das salas de cinema	60
Figura 42. Kino International	61
Figura 43. Sports Center Llobregat	61
Figura 44. Harpa Concert Hall and Conference Centre / Henning Larsen Architects & Batteriid Architects	62
Figura 45. Teikyo Heisei University / Studio On Site	62
Figura 46. Mapa de Equipamentos Culturais	68
Figura 47. Mapa de Uso e Ocupação do Solo	69
Figura 48. Vista do terreno na Av. Barão de Studart	71
Figura 49. Vista do logradouro que foi criado após a construção da sede da AABB.	71
Figura 50. Mapa de mobilidade. Fonte: Prefeitura de Fortaleza (2011)	72
Figura 51. Fluxograma do projeto	73
Figura 53. Gráfico das áreas totais do programa	74
Figura 54. Esquema volumétrico	76
Figura 55. Perspectiva explodida dos volumes separados por seu uso	77
Figura 56. Vista da Avenida Barão de Studart	78
Figura 57. Vista da rua Livio Barreto	78
Figura 58. Vista da rua Adolfo Pinheiro	79
Figura 59. Vista da rua Júlio Siqueira	79
Figura 60. Corte perspectivado das salas 1 e 2	80
Figura 61. Vista interna da sala de cinema	80
Figura 62. Corte perspectivado dos projetores	81

Figura 63. Layout genérico de uma sala de cinema	81
Figura 64. Esquema de isolamento acústico de uma sala certificada THX.	81
Figura 65. Corte perspectivado do cineteatro	82
Figura 66. Vista do interior do cineteatro	82
Figura 67. Esquema de funcionamento da plataforma móvel	83
Figura 68. Vista do café do Cineteatro	84
Figura 69. Corte perspectivado do estúdio	85
Figura 70. Vista de entrada das lojas	86
Figura 71. Corte esquemático do volume das lojas	87
Figura 72. Vista da praça	88
Figura 73 Vista do cinema a céu aberto	89
Figura 74. Esquema de acesso de veículos	90
Figura 75. Bicicletário interno no subsolo	91
Figura 76. Pespectiva do estudo da estrutura	92
Figura 77. Perspectiva do estudo da estrutura	92
Figura 78. Esquema de instalação de painél Viroc. Retirado do catálogo do fabricante	93
Figura 79. Esquema de rotas de fuga	94
Figura 80. Esquema de implantação do ar condicionado no cineteatro	95
Figura 81. Vista do prédio no cruzamento da Av. Barão de Studar com aR. Júlio Siqueira	97
Figura 82. Vista do edifício da R. Adolfo Pinheiro	97
Figura 83. Vista do Cinema a Céu Aberto	97

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	14
2	CONTEXTO HISTÓRICO	21
3	REFERÊNCIAS DE PROJETO	55
4	COMPLEXO DE ARTES AUDIOVISUAIS	67
5	CONCLUSÃO	98
	REFERÊNCIAS BIBLIORAFICAS	100
	APÊNDICE	104
	ANEXOS	116

1

INTRODUÇÃO



Este trabalho tem a intenção de criar um espaço para celebração e produção de cinema e outras artes relacionadas à mídia audiovisual. O Complexo de Artes Audiovisuais irá ao encontro às novas tendências com a implantação salas de cinema 100% digitais, estúdios de gravação multiuso, um cineteatro e cinema a céu aberto. Por meio de um programa diversificado, este trabalho irá desafiar a ideia atual que temos de cinema em Fortaleza.

A escolha do estudo sobre este tema vêm de inquietação pessoal sobre como estes espaços de exibição são vendidos como a “experiência ideal” para a apreciação de filmes. Com a variedade de mídias que temos atualmente para o consumo de filmes e animações, o cinema ainda é um meio que tem potencial de promover uma experiência social única, uma forma de reunir os amantes da sétima arte.

Um bom filme nos faz pensar na forma como observamos o que está ao nosso redor, nos faz escapar da rotina, rever nossos conceitos. Muitas vezes nos faz ter vontade de discutir sobre este filme com alguém. Porém, como boa parte dos cinemas de hoje dia estão dentro de Shoppings Centers, seu formato que incentiva um ritmo de consumo acelerado impede que exista espaços que possibilitem a contemplação e reflexão entre aqueles que assistiram determinado filme.

Trazer edificações desse perfil atrelados novamente ao contexto urbano local causam novas possibilidades de se refletir o modo de como vamos ao cinema hoje em dia. Não como uma volta aos antigos cinemas de rua, mas numa releitura de como é possível criar equipamentos culturais privados que se integrem à cidade por meio de espaços públicos.

OBJETIVOS DO PROJETO

- Criar ambientes que permitam a realização de festivais de cinema e que proporcionem uma maior socialização dos espectadores antes, durante e depois de assistir um filme.
- Gerar espaços de criação de grande porte para produtores de conteúdo audiovisual.
- Conceber ambientes flexíveis e de multiuso para que se integrem à rede de serviços oferecidos no local em que o Complexo será implantado.

METODOLOGIA

No primeiro momento, deu-se prioridade à análise conceitual do problema através da leitura da bibliografia pertinente ao assunto. Depois disso, entro na etapa de coleta de dados para auxiliar na definição do programa do edifício e no estudo do contexto local das salas de cinema. As referências de projeto foram feitas por meio de consulta a livros especializados e pela internet através pesquisa ao site dos próprios escritórios de arquitetura.

-Definição do Programa

Para definição do programa de necessidades, foram realizados visitas de campo, entrevistas com especialistas da área de criação de conteúdo audiovisual e questionários online com usuários de cinema que residem em Fortaleza.

Em agosto de 2014 foi criado um questionário de nove perguntas relacionadas ao ato de ir ao cinema. Com mais de 170 respostas, este trabalho provou ser útil para nortear algumas características do Complexo de Artes Audiovisuais. As perguntas e resultados podem ser acessados no APÊNDICE deste trabalho.

A sede da TV Ceará foi visitada com o objetivo de entender o funcionamento de um estúdio de televisão e avaliar seu desempenho para com os usuários deste espaço.

Uma entrevista foi realizada com um profissional da área de cenografia para discutir sobre espaços de produção e suas características. Também foram abordados os espaços de festivais de cinema e alguns exemplos de cineteatros. A transcrição desta entrevista com a arquiteta Juliana Ribeiro se encontra no APÊNDICE deste trabalho.

-História das Salas de Cinema

No estudo da história das salas de cinema e referencias de projeto, foi realizado uma visita técnica à reforma do Cineteatro São Luiz, com a finalidade de entender sua importância no contexto urbano do Centro.

Foram realizadas várias visitas ao Museu de Imagem e Som do Ceará, a fim de consultar bibliografia especializada na história dos cinemas de Fortaleza.

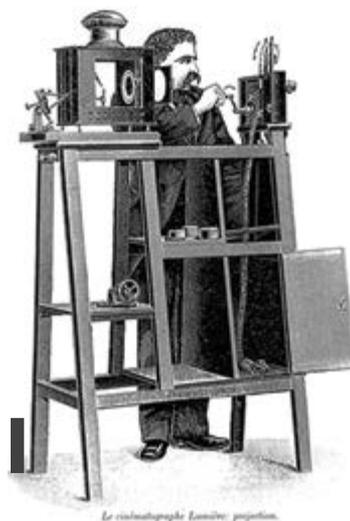
2

CONTEXTO HISTÓRICO



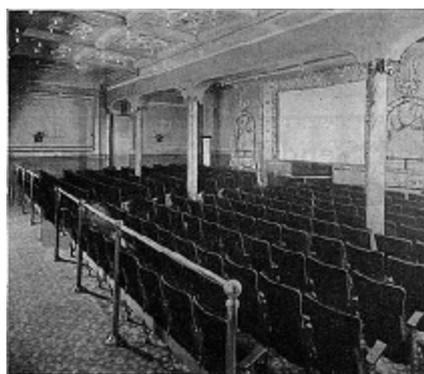
EVOLUÇÃO DAS SALAS DE CINEMA

- Criação do Cinématographe
- Exibiam somente curtas
- Montados em espaços voltados ao entretenimento público (praças, eventos, cafés)
- Exibidores são de maioria ambulantes



1895-1900

- Surgimento dos Nickelodeons
- Considerada uma forma de entretenimento barata e acessível à classe operária
- Grande espaço de socialização e de encontros na época
- Início da expansão da indústria cinematográfica



1900-1920

- Sofisticação dos filmes
- Advento dos Cinemas Palácio (Movie Palace)
- Separação da sala com a arena social
- Tornam-se referenciais urbanos, símbolo de progresso e desenvolvimento da cidade
- Exibiam um mix de curtas e espetáculos teatrais, com intervalos entre eles
- Ofereciam diversos luxos e confortos para o público com maior poder aquisitivo, como camarotes, melhores poltronas, áreas de fumantes, etc.



1920-1930

Fonte das imagens:

(1) <<http://en.wikipedia.org/wiki/Cinematograph>

(2) <<https://wfpp.cdrs.columbia.edu/wp-content/uploads/2013/08/WFP-MT26.jpg>>

(3) <http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/d/da/Orpheum_AZ.jpg/1024px-Orpheum_AZ.jpg>

NOS ÚLTIMOS 120 ANOS



1990-2015

- Popularização dos DVD's e Bluray's
- Aumento do uso da internet para uso doméstico
- Consolidação da telefonia móvel e uso de smartphones e tablets
- Fortalecimento da união entre shoppings e cinemas multiplex, servindo como entretenimento complementar para quem está fazendo compras
- Aperfeiçoamento das tecnologias 3D e 4D
- Contratos para exibições antecipadas nos cinemas antes de qualquer outra mídia



1950-1990

- Invenção da televisão e autonomia dos filmes para com o cinema
- Declínio do público aos cinemas
- Grande investimento na experiência cinematográfica, agora sendo vendido como local "ideal" para fruição do filme
- Criação de novas tecnologias, como a tela Widescreen, cinema 3D e IMAX
- Aumento na quantidade de salas e diminuição da capacidade de cada uma, com o objetivo de oferecer uma maior variedade de produções no mesmo espaço
- O foco agora é somente no aproveitamento do filme pelo espectador, transformando as salas de cinema em verdadeiras "caixas escuras"



1930-1950

- Crise econômica (grande depressão)
- Fuga da população dos grandes centros
- Invenção do cinema sonoro (vitaphone)
- Consolidação dos filmes longa-metragem
- Padronização técnica das redes de cinema
- Salas de menor porte e de decoração mais simples
- Adoção da escola Art Déco, com a finalidade de criar uma arquitetura voltada ao cinema
- Espaços mais fluidos, com estilo convidativo ao público

(4) <<https://www.flickr.com/photos/oldcinemaphotos/1916822609>>

(5) <<https://cdn.amctheatres.com/theatres/images/Primary/Large/337.jpg>>

(6) <https://www.ucinemas.com.br/upload/imgs_cinemas/cinema_9.jpg>

Contexto Histórico

Este capítulo tem como objetivo analisar a morfologia e a transformação dos espaços dedicados a projeção de filmes. São apresentados as mais variadas formas que a sétima arte era exibida ao longo da história, desde as primeiras salas de cinema, passando pelos cinemas palácio, cinemas Art Déco americanos até os cinemas Multiplex que conhecemos hoje em dia. Depois, um breve histórico dos mais de 107 anos de salas de cinema em Fortaleza e o que mudou desde então. Como estudo de caso local, o Cine São Luiz também será apresentado como edifício que referenciou este trabalho. E por último uma reflexão sobre como o estudo desses tipos de salas rebateram para o Complexo de Artes Audiovisuais, seja no quesito formal ou conceitual.

Os Cinemas Nickelodeon e Palácio

O cinema surgiu como um entretenimento popular, com a projeção de “vistas” que encantavam o público pela simples reprodução em movimento de fotografias como uma atração circense. Em seu início, estas projeções eram exibidas geralmente em espaços com grande movimento de pessoas onde fosse permitido sua exploração comercial, como feiras, parques de diversão, vaudevilles, e cafés(MACHADO, apud MENOTTI, 2007, p.2).

No início do Séc XX, auge da Revolução Industrial nos Estados Unidos, o cinema veio como forma de entretenimento barata e que se adequava ao ritmo de vida dos operários. Na época, o comércio do entretenimento havia sido especialmente favorecido pela redução das horas de trabalho e pelo aumento da renda familiar da classe média (ROSENZWEIG, apud MENOTTI, 2007, p.3). Foi nesse contexto que nasceram as primeiras salas de cinema nos centros urbanos. Na maioria das vezes eram adaptados de antigos galpões ou pequenos teatros onde tinham uma estrutura básica para exibição(figura 2). Esses espaços eram chamados nickelodeons, termo que combina a palavra grega para teatro, odeon, à moeda cujo valor correspondia ao preço do ingresso (o níquel – cinco centavos de dólar).

Há de se destacar aqui que o cinema nesta época tinha grande valor como espaço de socialização, pois servia como um lugar de encontros, um refúgio para a classe operária, uma forma de escapar dos sobrados precários, da insalubridade das fábricas (MERRITT,



Figura 1. Nickelodeon em Toronto, Canadá. Era chamada também por “Vaudeville de Imagens”, caracterizando um dos primeiros espaços criados para a exibição de filmes.

Fonte: http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/d/d6/Auditorium_Theatre_in_Toronto.jpg

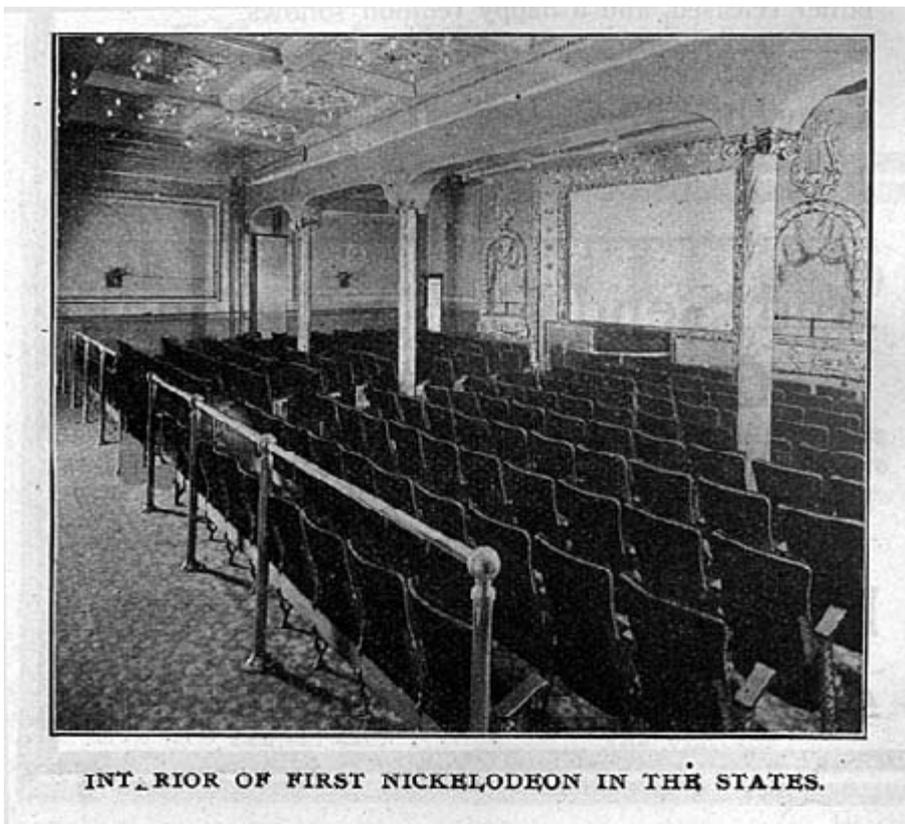


Figura 2. Interior do primeiro nickelodeon dos Estados Unidos, em Pittsburgh, 1905.

Fonte: <http://tcf.ua.edu/Classes/Jbutler/T112/EdisonIllustrations.php>

apud MENOTTI, 2007, p.4).

Com o desenvolvimento da indústria cinematográfica, o cinema foi atraindo cada vez mais o interesse das classe sociais de maior poder aquisitivo (NETO, 2001, p.10). Com a finalidade de atrair o público burguês, que tinha aversão aos espaços insalubres e até mesmo das pessoas que frequentavam os nickelodeons, as salas de exibição passaram por diversas modificações para atender a essas novas demandas (MENOTTI, 2007, p.5,6). É nessa época que acontecem também as primeiras tentativas de trazer a atenção do público para o consumo dos filmes, reprimindo qualquer outro sentido que não fosse a visão e audição. Isso causou principalmente a separação entre a sala de cinema e da arena social (criação de lobbys, ou salas de espera entre os filmes), e com a adição de artigos luxuosos nos espaços de exibição, como a adição de carpetes, mobílias caras e outras mordomias, tratando o público como rei, dando assim o nascimento do Cinema Palácio.

Geralmente situados no centro das cidades europeias e americanas, esses equipamentos costumavam se impor como um referencial urbano, que, advindo dos ideais americanos para um novo estilo de vida, simbolizava como objeto de consumo de massa.

Os Cinemas Palácio demonstravam um caráter programático multifuncional, que serviam para diversas apresentações culturais no mesmo espaço, como descreveu NETO (2001, p. 11):

“Os primeiros Cinemas Palácios foram erguidos para apresentação de espetáculos de Vaudeville intercalados com filmes. Na verdade eram Teatros com uma programação diferenciada, onde se incluíam, números musicais, mágicos, danças, cinema, etc. Ainda que este tipo de atração “popular” fosse considerada “menos nobre” que o espetáculo teatral, o edifício tratava de enobrecê-la, na medida em que tomava da tradição teatral os elementos arquitetônicos para sua construção.”

A arquitetura do Cinema Palácio (Movie Palace ou Cine Teatro) era bastante influenciada pela escola de Belas Artes, possuindo uma aparência muito próxima à de grandes teatros e casas de show (figura 4), com espaços bastante luxuosos visando enobrecer a atividade de se ir ao cinema. Este tipo de cinema era de grande capacidade, podendo abrigar até 6.000 espectadores. Esse dimensionamento ocorria devido à rápida deterioração dos rolos de filmes de antigamente. Assim, era de interesse dos exibidores alcançar o máximo de pessoas em pouco tempo. À medida que os rolos se deterioravam,

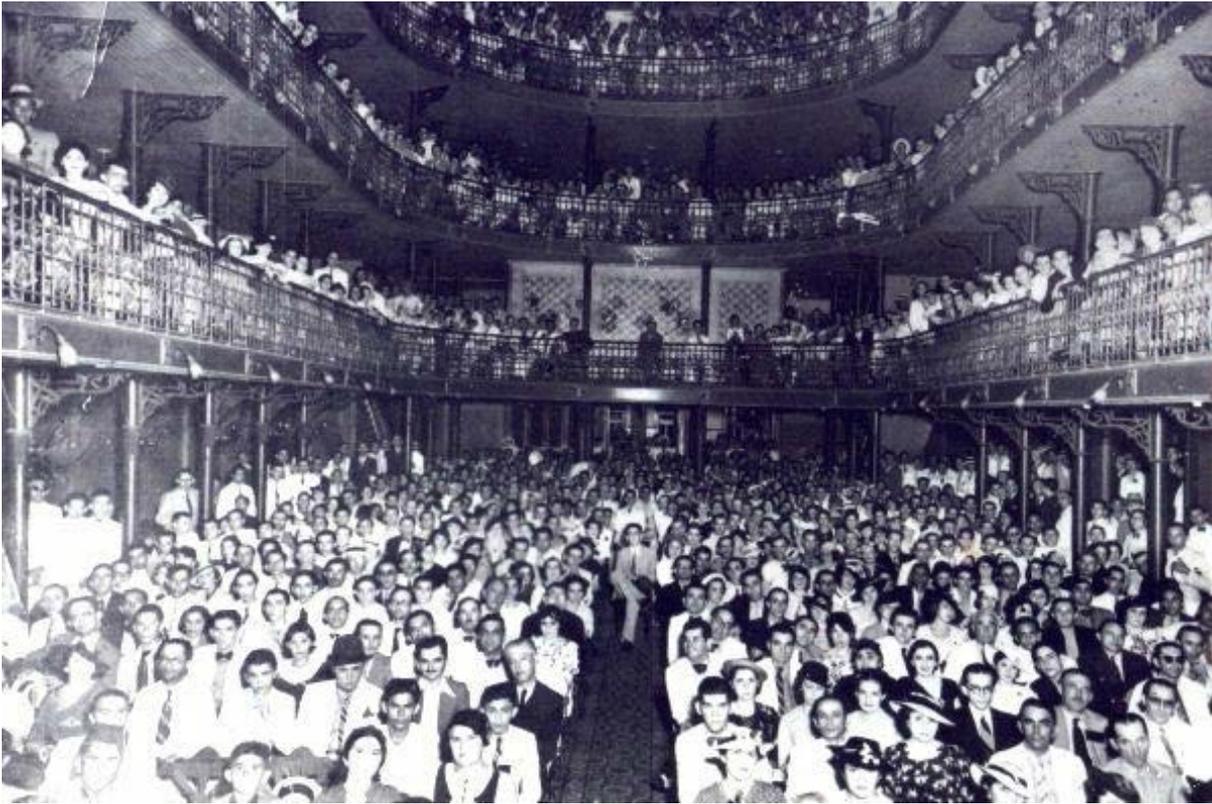


Figura 3. Vista do salão do Cine Majestic, que tinha capacidade para até 1.088 pessoas.
Retirado dos Arquivos do MIS (2014)

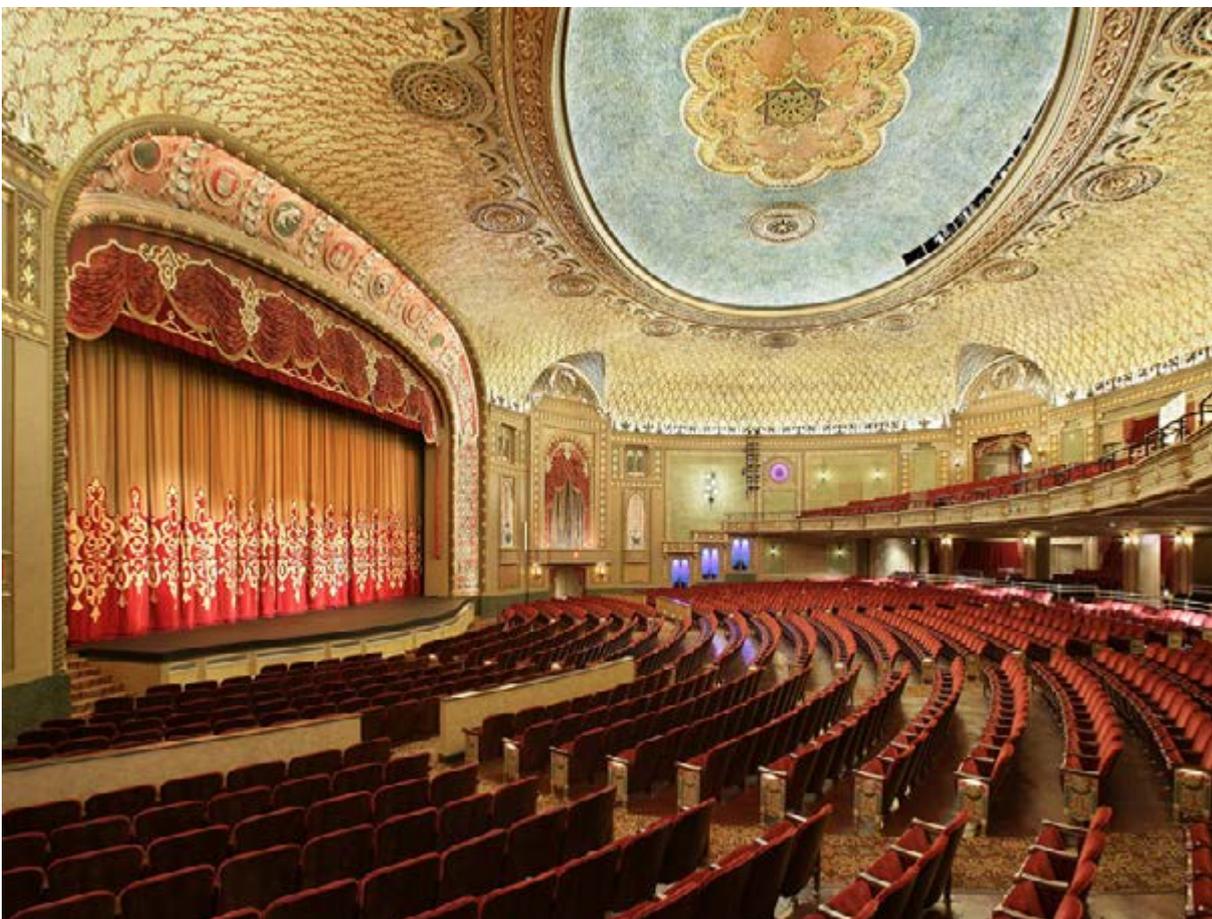


Figura 4. Vista salão do Tennessee Theatre, com capacidade para até 1.631 pessoas.
Fonte: <http://www.tennesseetheatre.com/>

eles perdiam qualidade de imagem e, por isso, eram vendidos para outras salas de exibição de menor porte. (MENOTTI, 2007, p.7).

Art Déco e a Independência do Cinema

No final da década de 1920, dois grandes acontecimentos causaram uma nova reorganização da indústria cinematográfica. Isto ocasionou mudanças significativas no modo como o cinema era consumido e principalmente no espaço que era feito o mesmo. São estes a invenção do som sincrônico e a queda bolsa de Nova York.

Como descreve Menotti (2007, pg.7), “O efeito imediato da chegada do filme sonoro é o fim das apresentações ao vivo nos cinemas. (...) Os shows ao vivo perderam seu apelo econômico – logo, os exibidores trataram de cortá-los do espetáculo.” Esses avanços tecnológicos acabam suprimindo cada vez mais o espectador de qualquer outro sentido no espaço de exibição além da visão e audição focados no conteúdo que é transmitido, que causa um efeito de nulificação do espaço físico e deterioram cada vez mais a ida ao cinema como uma experiência social.

O que põe a arquitetura barroca das salas de exibição dos Cinemas Palácio em cheque é a Grande Depressão. A quebra da bolsa de Nova Iorque em 1930 afundou os Estados Unidos em uma grave crise econômica, forçando muitos exibidores a diminuir bastante os padrões oferecidos em seus cinemas. Muitos optaram por construções mais modestas, de menor padrão, oferecendo menos serviços que enobreciam o ato de se ir ao cinema.

Estas novas salas, menores e mais próximas aos subúrbios das grandes cidades, encontram na Bauhaus e na escola Art Déco uma identidade própria, simbolizando uma nova era nas salas de cinema:

“Esta postura de rejeição aos modelos Beaux Arts, e a consequente adoção da escola Art Déco, embora parecesse simbolizar um cansaço com os estilos do velho mundo e pretendesse sugerir uma arquitetura tipicamente americana, na verdade era inspirada na Exposition Internationale des Arts Decoratifs et Industriels, ocorrida em Paris, em 1925. A exposição percorreu os Estados Unidos em 1926 e demonstrou, juntamente com outra exposição, o Industrial Style exibida no Museum of Modern Art, e com o movimento da Bauhaus, de 1930, exercer uma considerável influência nos arquitetos e designers americanos. Mas ainda que não se caracterizasse como um estilo genuinamente americano, como queriam seus arquitetos/autores, é importante ressaltar que, pela primeira vez, o edifício de cinema passa a apresentar identidade e caráter próprios (...)” (NETO, 2011, p.14) (grifo do autor).

Dessa vez o edifício evita elementos decorativos na fachada, agora trabalhado através da sobreposição de planos e no contraste entre cheios e vazios, e com isto abre espaço para que novos elementos arquitetônicos tenham maior destaque, como os suportes para publicidade dos filmes em cartaz. Estes dispositivos publicitários, surgidos inicialmente de maneira tímida, como pequenos cartazes colocados sobre cavaletes na calçada, surgem então como elementos incorporados ao próprio projeto arquitetônico, sob a forma de marquises e estruturas metálicas de suporte (figura 06).

Na maioria dos cinemas Art Déco, a fluidez espacial entre exterior e interior (público e privado) é elemento importante nos projetos arquitetônicos. Este espaço “público” caracterizado pela calçada em frente ao cinema é ocupado pela bilheteria, colocada sob forma de um quiosque independente, sob a marquise. A bilheteria faz a transição e o controle deste espaço aberto ao público, identificando a função do edifício. No Cinema Palácio, o público está fora ou dentro do edifício, há uma barreira a ser transposta. No cinema Art Déco, a barreira é invisível, fluída, mais fácil de ser ultrapassada, o que também faz com que a “ida ao cinema” seja uma atividade menos ritualizada que a ida ao Teatro ou ao Cinema Palácio (NETO, 2011, p. 37).

A marquise com elementos publicitários (figura 6 e 7), fachadas com pórticos e coroamentos luxuosos, porém sem muito elementos decorativos como seus antecessores e bilheterias nas calçadas são elementos que caracterizam a essência do cinema Art Déco.



Figura 5. Fachada do Cine São Luiz recém inaugurada. É possível ver sua inspiração nos cinemas art déco americanos. Retirado de um mural do próprio cinema, feito pela SECULTFOR, em 2014.



Figura 6 e 7. Cinema da Franquia "Tower Theater", na Calif6rnia.

Fonte: <http://images.fineartamerica.com/images-medium-large/tower-theater-in-roseville-california-gary-avey.jpg>
<http://photos.cinematreasures.org/production/photos/28657/1318462127/large.JPG?1318462127>

Multiplexes e a Autonomia dos Filmes enquanto Produto

A partir de 1950, outro grande acontecimento causa uma nova adaptação na forma como o cinema era vendido e nos espaços em que eram consumidos. A entrada maciça de televisores nos lares de todo o mundo passa a suprir a necessidade regular de entretenimento familiar. Nesse momento, o cinema começa a perder seu domínio no mercado de filmes e o obriga a repensar suas práticas para atrair o público que estava se desvanecendo cada vez mais. A existência da TV vai consolidar a autonomia do filme, tornando sua fruição independente de projeção em salas comerciais (MENOTTI, 2007, pg.9).

A qualidade da experiência cinematográfica volta a ser uma preocupação, mas dessa vez bem diferente como os Cinemas Palácio faziam antigamente, oferecendo confortos e luxos que estavam alheios ao produto (filme). O foco de ir ao cinema é tratado pela primeira vez como a “experiência ideal” do consumo audiovisual. Por outro lado, as televisões eram tratadas como uma forma de visão distraída e que não fazia jus à experiência do filme. É possível notar isso de forma clara na criação das telas widescreen do estilo Cinerama, com uma proporção de 2.77:1, bem mais largas que as das televisões da época, que tinham uma proporção de 4:3. Seu tamanho também aumentou consideravelmente: de uma média de 20 x 16 pés, elas saltaram para 64 x 24 (MENOTTI apud BELTON: 239). Essas novas melhorias eram sempre focadas com a intenção de aumentar a imersão do espectador com o longa-metragem, dando a impressão de “participação” do mesmo com a obra.

Por bem ou mal, a busca pela utopia de máxima imersão, e logo de melhor fruição do filme, acaba por abolir de vez qualquer socialização entre os espectadores. O design dos multiplexes de hoje não nos permite negar: os espaços de exibição passam a subscrever um comportamento privatizado, um isolamento ainda maior do que o do telespectador em sua casa. As salas de exibição são cada vez mais suprimidas de qualquer coisa que tire a atenção da tela. Os próprio foyers são tratados somente como espaço de passagem ou de compra dos ingressos para a próxima sessão (figura 8). Como descreve Menotti (2007, p. 11):

“A arquitetura dos movie palaces já havia tido enorme sucesso em suprimir a socialização dentro da sala de projeção, isolando-a em lugar e hora determinados: nos amplos foyers, durante intervalos do programa. Mas, no novo modelo que será construído a partir dos anos 50, nem mesmo este ambiente restará para o convívio da audiência. O novo formato de exibição impõe um ritmo intenso de consumo, em que não só a sala de projeção, como também o foyer, se torna espaço de fluxo, onde ninguém pára para conversar, senão compra pipocas a caminho da próxima sessão.”

A reconfiguração das salas, a diminuição da capacidade de assentos associada a uma maior variedade de títulos e a associação do cinema com Shopping Centers abriram caminho para o sucesso dos Cinemas Multiplex. Com o objetivo de aumentar a permanência dos consumidores no shopping e com isso o lucro dos empresários, vários serviços foram integrados nesse equipamento, incluindo os cinemas. Para as próprias redes de exibidores, a vantagem é de se estar integrado à um espaço que possui grande movimento de pessoas (devido ao grande sucesso dos shoppings a partir dos anos 80-90) e que possui grandes espaços para estacionamento, que já estavam se tornando muito onerosos para utilização somente dos cinemas. (MONSORES, 2011 p. 47-49)

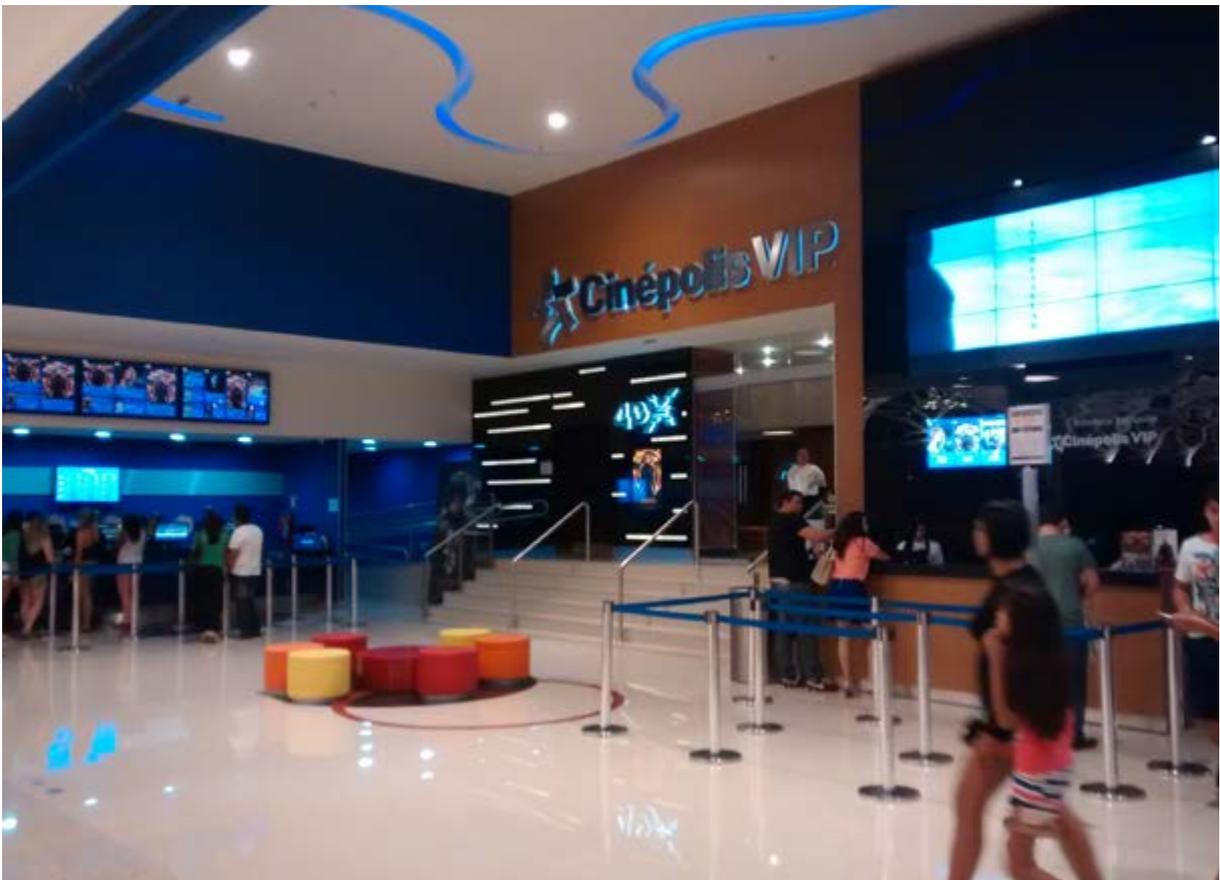


Figura 8. Foyer do Cinema do Shopping Rio Mar Fortaleza. É possível notar como o espaço de socialização é drasticamente reduzido, tornando somente como circulação entre a bilheteria e as salas de cinema. Foto tirada pelo autor em 2015.

Contexto Local: Fortaleza

No Brasil a evolução das salas de cinema ocorreu muito próximo com a Europa, tendo ocorrido a primeira sessão de cinema na América do Sul no dia 8 de julho de 1896, na rua do Ouvidor, número 57, no Rio de Janeiro, somente seis meses após a célebre apresentação dos irmãos Lumière em Paris (NETO, 2011, p. 2).

Em Fortaleza não foi diferente, mesmo que com alguns anos de atraso com a capital Rio de Janeiro, a cidade recebeu vários exibidores ambulantes até a construção de Cinemas Palácio no Centro. No início, as exhibições ocorriam em salas adaptadas ou teatrinhos na Praça do Ferreira, Passeio público ou em ruas do centro da cidade como a Rua Formosa (atual Barão do Rio Branco) e a Rua Major Facundo. Algumas exhibições eram parte integrante da programação de circos e até o ano de 1908 a exibição não ocorriam em espaços exclusivos para o cinema (LEITE, 1995).

Então com a popularização desse tipo de apresentação, surgiu-se a necessidade de um espaço dedicado a exibição do cinema. Esse espaço surge em Fortaleza com o italiano Victor Di Maio, no dia 26 de agosto de 1908 quando inaugura o Cinema Art-Nouveau, ou Cinema Cearense, como era consagrado pela imprensa local, localizado na Praça do Ferreira (LEITE, 2011, p.94). A sala de exibição era dividido ao meio por uma grade de madeira que separava a primeira classe, mais distante, e a segunda, mais próxima da tela (GARCIA, 2012).

Enquanto o cinema foi se estabelecendo como forma preferida de diversão dos fortalezenses, diversos empreendedores começaram a abrir salas de cinemas em seus edifícios comerciais, servindo de complemento para seus negócios. Esses empresários geralmente eram comerciantes, imobiliários, joalheiros, donos de cafés, etc.

E por volta de 1917 Fortaleza já teria sua Cinelândia consolidada na Praça do Ferreira, ponto de encontro e coração do centro da cidade, com os cinemas Polytheana, Majestic e Moderno um ao lado do outro. Essa região foi símbolo do desenvolvimento da cidade e representava bem a efervescência cultural que surgiu por volta do início do século XX, quando o Ceará passava por uma expansão da cultura do algodão para exportação no mercado europeu (SILVA, 2007, p.22).

O cinema do Majestic Palace (figura 3 e 9) foi inaugurado como primeiro grande cinema do Nordeste, após o interesse do ávido empresário Luiz Severiano de usar o



Figura 9. Vista do cinema Majestic, 1930.

pavimento térreo do edifício para criar uma sala de mais de mil lugares. Ela esteve em funcionamento por mais de cinquenta anos, tendo a proeza de ser um dos primeiros cinemas a implantar o cinema falado, em 1932, através da tecnologia Vitaphone. O Majestic também recebia diversas apresentações teatrais, óperas e outros entretenimentos que se faziam uso daquele espaço.



Figura 10. Interior do Cinema Moderno.
Retirado dos arquivos do MIS.

A construção destes grandes cinemas, ao mesmo tempo em que consolidavam esta atividade social e de lazer, satisfaziam a necessidade de Fortaleza parecer moderno, atando mais fortemente os laços com os Estados Unidos da América e a Europa. Neste período, o Brasil deixava de ser um império do século XIX, tornava-se uma república e entrava finalmente nos tempos modernos.

Nessa época, o público que frequentava as sessões de cinema procurava ali mesmo na Praça do Ferreira por outros locais encontro. Geralmente ficavam nos bancos da praça, ou em cafés e sorveterias da região (figura 11 e 12). No início dos anos 30, estabelecimentos como a Rotisserie, procurava atrair o público do cinema com o anúncio: "A Qualquer Hora!



Figure 11. Sorveteria das Lojas de Variedades. Arquivo Nirez retirado do blog <http://www.fortalezanobre.com.br/>



Figure 12. Praça do Ferreira em 1919 com o Café Elegante. Arquivo Nirez retirado do blog <http://www.fortalezanobre.com.br/>

Depois do Cinema, do Passeio, do Footing, da brincadeira, uma taça de Sorvetes de fructas variadas, na Rotisserie – por 500 reis!" (LEITE, 2011, p.187).

Enquanto a cinematografia ia evoluindo, ganhando som e voz, o ato de ir ao cinema cai cada vez mais nos gostos dos fortalezenses, que possuíam poucas alternativas para o lazer na cidade. É possível observar isso na coluna escrita por Afonso L. de Carvalho em 1942 para o Jornal O Povo, transcrita por Ary Leite (2011, p.220):

“Fortaleza é a uma cidade de domingos monótonos... O cinema tonou-se, por isso, a falta de outro excitação mais popular e mais eficiente, a diversão nº 1 dos habitantes dessa heroica Fortaleza inimiga da noite, esta Fortaleza que já está bocejando quando a “Coluna” da Praça do Ferreira bate muito pausadamente as nova badaladas.

Os psicólogos todos são de opinião que o cinema é uma grande arma. Para o bem, para o mal, tem ele grande influência na mentalidade dos povos. A questão é somente saber aproveitá-lo, aproveitando também a boa vontade das massas. Em Fortaleza o cinema também é a diversão nº 1, não só porque é a única como também porque o povo gosta de fato da brincadeira.”

Depois do surgimento de vários cinemas de pequeno porte no centro entre os anos de 1920-40, surge um cinema que irá superar o Majestic em termos elegância e conforto. Em 1939, José Diogo de Siqueira inaugura o segundo arranha-céu da cidade, de nove andares e cor azul-anil, característico de seus empreendimentos, e com ele nasce o Cine Diogo (figura 13). Administrado por Luiz Severiano, o cinema contava com hall imponente, salas de espera em mármore de Carrara, salão decorado, sistema de iluminação indireta (figura 15), qualidade de projeção excepcional e um sistema de resfriamento do ar, anseio



Figura 13. Vista do Edifício Diogo em 1941.
Retirado dos arquivos do MIS.



Figura 14. Vista do Edifício Diogo em 2013, durante a
Copa do Mundo.
Retirado do Google Street View.

de boa parte dos frequentadores da época, que reclamavam muito do calor no interior das salas (LEITE, 2011, p. 275). Por quase dezoito anos, o belo cinema dominou a vida social de Fortaleza, com seu ambiente seletivo e suas sessões festivas. Na época ele foi um salão completamente utilizado, exigindo que seus frequentadores vestissem o traje passeio completo: paletó para os homens e vestido social para as mulheres. Funcionou por quase sessenta anos sendo um dos cinemas de maior destaque no Centro, lembrado muitas vezes pelas agitadas sessões das quatro nos domingos, onde era muito frequentado pelos jovens e seus acompanhantes. Em 1997, o Cine Diogo fecha suas portas, devido as novas tendências do mercado cinematográfico e da evasão dos grandes empreendimentos do centro. Em seu lugar, surge o Shopping Diogo, que funciona até hoje (figura 14).



Figura 15. Vista do Salão do Cine Diogo em 1941.
Retirado dos arquivos do MIS.

A partir dos anos 70, quando a cidade começa a se expandir para outros bairros, outros centros comerciais são criados, muitas vezes no formato de shoppings ou galerias comerciais, que viraram locais privilegiados de consumo para a população. Com isso, o Centro aos poucos vai perdendo sua importância como local de encontro, forçando várias lojas a fecharem ou transferirem seus endereços. A publicidade nesse período de evasão do centro já mostrava o shopping como local ideal de consumo para a população de classe média/alta: no folder de inauguração do “Shopping Center Um” em 1974 (figura 16), se promovia a saída do Centro devido aos desconfortos de se fazer compras na rua, como o trânsito congestionado, calor, poluição sonora e preços altos das lojas.

A vinda da televisão aberta, da TV a cabo e VHS acabam tirando a exclusividade do cinema como entretenimento de massa. Isso causou um esvaziamento das salas de cinema de rua, que não conseguiam mais preencher salas de 1000 lugares em suas sessões diárias.

As grandes salas do Centro fecham e viram igrejas ou lojas de departamentos, sobrando somente o Cine São Luiz, que será analisado no próximo tópico. A crise do cinema foi uma realidade até meados da década de 90, quando este tipo de entretenimento que parecia destinado à falência sofre uma reviravolta: ao mesmo tempo em que os cinemas de rua vão fechando, surge outro fator que modifica não apenas a ida ao cinema, mas a rotina de lazer das pessoas, de maneira geral: consolida-se o shopping center (MONSORES, 2011, p.47). Hoje é possível notar o sucesso dos modelos de cinema multiplex nos shoppings em Fortaleza: com exceção do “Cinema do Dragão – Fundação Joaquim Nabuco” e atualmente com o Cineteatro São Luiz, todos os outros 10 cinemas da cidade estão instalados nos shoppings em diversos bairros da cidade, comprovando a rentabilidade desse modelo (figura 18). Após esse período de mudanças e estabilidade econômica no contexto nacional, o cinema volta a crescer, como é possível ver na figura 17, há um aumento constante no público total frequentando as salas de cinema de todo o Brasil,

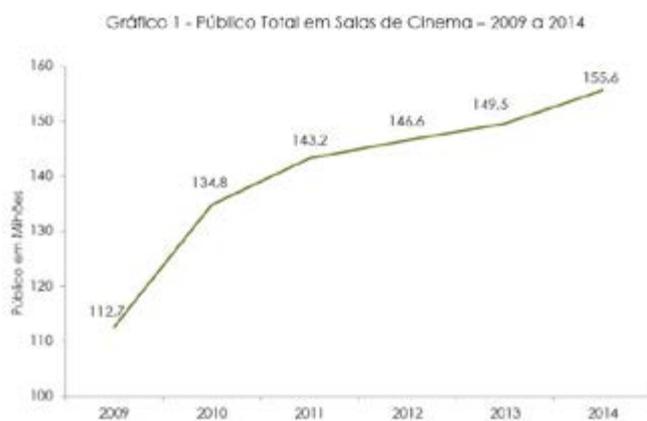
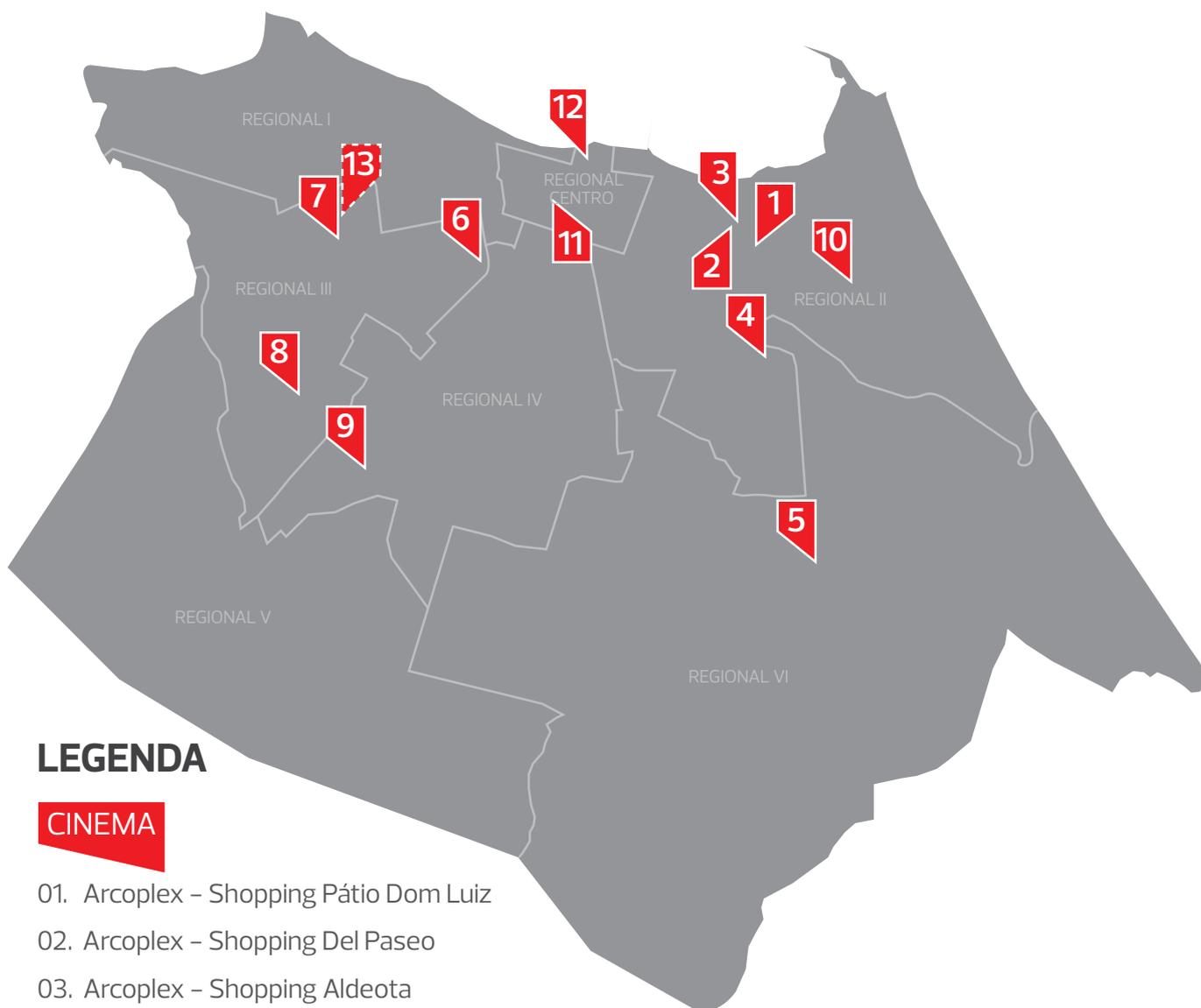


Figura 17. Público Total em Salas de Cinema no Brasil.
Fonte: ANCINE

Figura 16. Folder do Shopping Center Um, em 1974.
Retirado do site: <http://www.fortalezanobre.com.br/2010/03/center-um-o-primeiro-shopping-de.html>



LEGENDA

CINEMA

01. Arcoplex – Shopping Pátio Dom Luiz
02. Arcoplex – Shopping Del Paseo
03. Arcoplex – Shopping Aldeota
04. UCI – Shopping Iguatemi
05. CenterPlex – Shopping Via Sul
06. Cinemas Benfica – Shopping Benfica
07. Kinoplex – North Shopping
08. Cinépolis – North Shopping Jóquei
09. UCI – Shopping Parangaba
10. Cinépolis – Shopping Rio Mar Fortaleza
11. Secult – Cineteatro São Luiz
12. Cinema do Dragão – Fundação Joaquim Nabuco
13. Cinema Rio Mar Pres. Kennedy (em construção)



0 1.3 2.6 6.5km

Figura 18. Localização dos Cinemas em Fortaleza.
 Fonte: Prefeitura de Fortaleza (2011), editado pelo autor.

trazendo sinais de recuperação de popularidade.

Entre 2013 e 2014, a cidade recebe 3 grandes shoppings, e com eles uma nova leva de salas de cinema de alto padrão na capital. A Cinépolis, maior operadora de cinemas da América Latina e com cinco anos de atuação no mercado brasileiro, investe em Fortaleza com dois cinemas de shopping: um no North Shopping Jóquei, com cinco salas e capacidade de 1.481 lugares, inaugurado em fevereiro de 2014 e outro no Shopping Rio Mar Fortaleza (figura 21), com 10 salas e 2.000 lugares, inaugurado em outubro de 2014. Destaque para o alto nível de qualidade das salas de exibição, com assentos confortáveis e seguindo o padrão dos grandes multiplexes de trazer salas com tecnologias de última geração, como as Salas 4DX (figura 20) e Macro XE (figura 19) do Shopping Rio Mar. Segundo o presidente da franquia no Brasil, Fortaleza ainda tem grande potencial para expandir sua cobertura de salas de cinema: “A região tem se destacado como uma das principais para a indústria de cinema, já possui um bom histórico com complexos já em operação mas, ainda há muitas áreas em crescimento e a oportunidade de novos centros de compra, viabiliza a chegada de mais cinemas”¹. Seguindo essa tendência, a rede de shoppings Rio Mar anunciou a inauguração de mais um shopping, no bairro Presidente Kennedy, para ser inaugurado em 2016 com mais um conjunto de salas de cinema, sem rede exibidora confirmada ainda.



Figura 19. Interior da sala Macro XE.
Foto tirada pelo autor em 2014.

¹ Fonte: <http://tribunadoceara.uol.com.br/diversao/cinema/rede-de-cinemas-cinepolis-inaugura-salas-de-exibicao-em-fortaleza/>



Figura 20. Interior da sala 4DX.

Fonte: <http://www.riomarfortaleza.com.br>



Figura 21. Vista aérea do shopping Rio Mar Fortaleza.

Fonte: <http://www.riomarfortaleza.com.br>

Cine São Luiz (estudo de caso)



Figura 22. Vista da fachada do Cine Teatro São Luiz nos anos 60. Retirado dos arquivos do MIS.



Figura 23. Interior do cinema nos anos 60.
Retirado dos arquivos do MIS.

Com suas obras iniciadas em 1938, e por razões nunca claramente explicadas, O Cine São Luiz fica por quase 20 anos em construção até ser inaugurada no dia 26 de março de 1958 por Luiz Severiano Ribeiro. Segundo Ary Leite (2011, p. 441), a inauguração do igualmente imponente Cine Diogo, em 1940, não justificava a criação de mais cinemas daquele porte.

Considerado um dos cinemas mais luxuosos do Brasil, o cinema contava com uma área total de 2.653m², foyer e escadarias para o balcão revestidas de mármore de Carrara (figura 24), lustres de cristal tchecos, duas máquinas de ar condicionado da marca Carrier com capacidade de 60hp, dois projetores Simple XL – considerados de alto padrão na época – e uma tela apta para receber filmes de padrão cinemascope com 14,80m x 6,7m de tamanho. A sala de exibição, projetada pelo arquiteto cearense Humberto da Justa Menescal tem capacidade de até 1.315 espectadores, possui decoração de traços geométricos feitos com madeira e gesso, típicos da escola Art Déco (figura 25) e um palco em forma de teatro elisabetano, semelhante ao Theatro José de Alencar. Assim como em outros cinemas de luxo da época, seus frequentadores se viam obrigados a entrar na sala somente com trajes de luxo, com o paletó sendo indispensável para os homens, que muitas vezes alugavam com comerciantes da região.



Figura 24 . Vista do Foyer do Cine Teatro São Luiz nos anos 60.
Retirado dos arquivos do MIS.

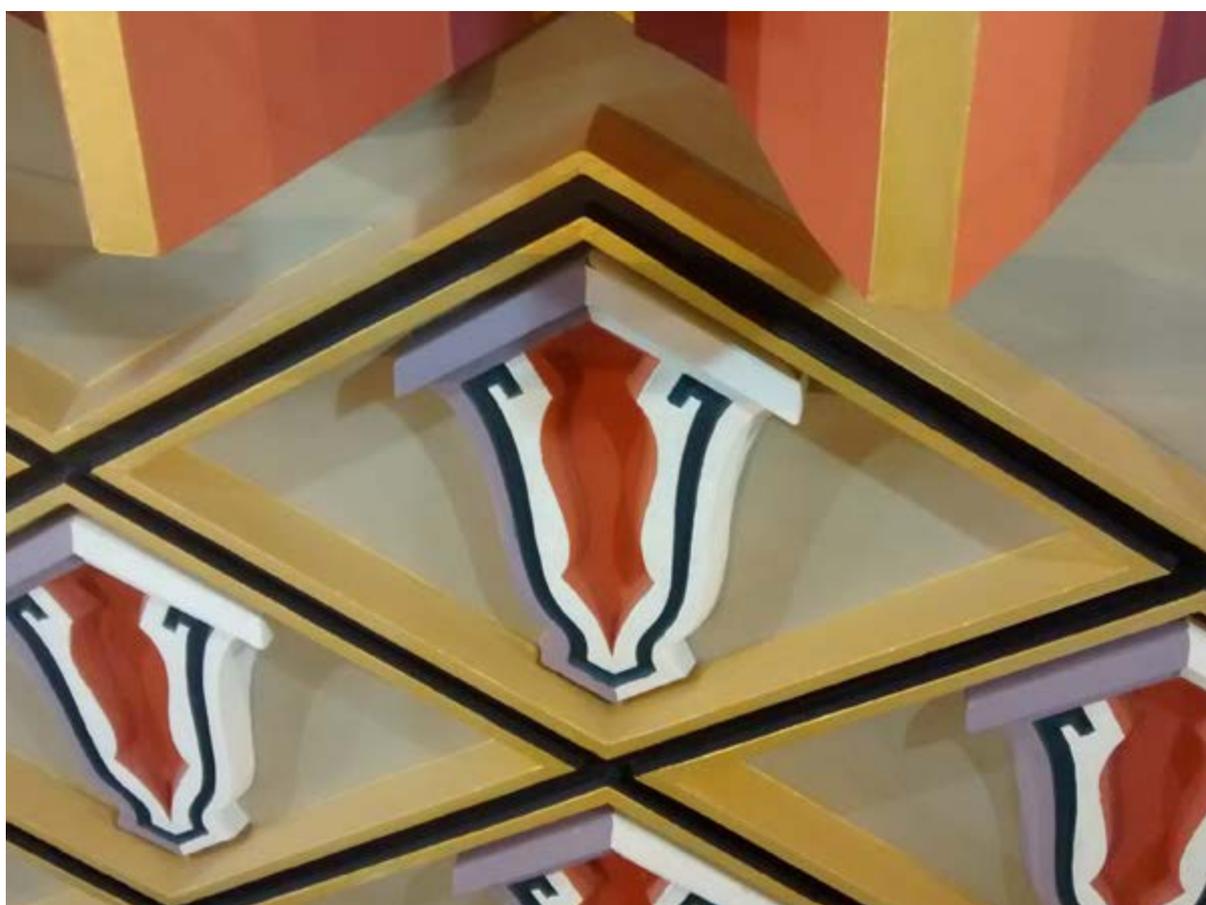


Figura 25. Elementos decorativos encontrado nas laterais da sala.
Foto tirado pelo autor durante a reforma do cinema em 2014.



Figura 26. Gerentes do Grupo Ribeiro de exibição e a Família Severiano Ribeiro na cerimônia de inauguração do cinema.

Retirado do livro "A Tela Prateada" (2011, p.456).

Apesar da crise dos cinemas de rua que se acentua a partir dos anos 70 pelo advento da televisão, o grupo Ribeiro ainda continua investindo em seu cinema de rua, fazendo ocasionais atualizações nos equipamentos. A partir de então, com a crise financeira que o Brasil sofre nos anos 80, a popularização das televisões e o início dos cinemas em shopping centers, o São Luiz vive num período de público reduzido, porém sempre em atividade. Até que nos anos 90, após o fechamentos de diversas salas de cinema do Centro, o cinema recebe a atenção de promotores e cineastas para a sua preservação como patrimônio da cidade. A concretização desse apelo foi efetivada por ato do Governador Tasso Jereissati, através do decreto nº 21.309, de 13 de março de 1991, que tornou o último cinema da Praça do Ferreira em patrimônio tombado da capital cearense (LEITE, 2011, p. 450). Mas somente em 2005 a Empresa Luis Severiano Ribeiro faz um acordo com a Fecomercio – Federação do Comércio do Estado do Ceará e SESC – Sistema Social do Comércio, e tem planos para transformar o cinema como sala multiuso, para a apresentação de peças, musicais e palestras. Desde então o cinema continua sendo palco para vários eventos, como Cine Ceará – Festival Iber-Americano de Cinema que aconteceu em 2008 e atualmente (junho de 2015), após a sua tão esperada reforma.

Em 2011, o prédio é comprado pelo Governo do Estado, e fechado em seguida. Passou a sediar a Secretaria da Cultura (Secult) e, depois de adiada sucessivas vezes, as obras de restauro começaram em dezembro de 2013. A reforma do Cineteatro São Luiz tem objetivo de preservar a memória dos cinemas de rua de Fortaleza e o legado do empresário Luiz Severiano Ribeiro, e restituir por completo sua dignidade e funcionalidades originais. Segundo a Secretaria, o cinema passará apenas por intervenções pontuais para que seja possível ser usado como teatro, com a criação de camarins e iluminação cênica no palco. Num artigo do jornal G1 CE, o jornalista destaca a preocupação dos técnicos no restauro para que se aproximasse mais de sua elegância quando foi inaugurado:

“Durante a obra, muitas áreas encobertas por reformas anteriores foram encontradas. O tom de cor dourada; os desenhos do teto que, além de decorar, contribuem para a acústica do ambiente; o granito e os lustres da entrada foram recuperados e até o palco que se planejava construir, na verdade, já existia. “A nossa função aqui é preservar”, afirmou o Coordenador de Patrimônio Histórico e Artístico, Otávio Meneses.”²

Na cerimônia de reinauguração no dia 22 de dezembro de 2014, subiram ao palco do Cineteatro para o descerramento da placa de reinauguração, o Secretário de Cultura do Estado, Paulo Mamede, o Superintendente do Departamento de Arquitetura e Engenharia (DAE), Quintino Vieira, o prefeito de Fortaleza, Roberto Cláudio, e o governador do Estado do Ceará, Camilo Santana. Todas as autoridades destacaram a importância do equipamento no contexto de revitalização do Centro³. Até o momento que esse trabalho foi escrito, o cinema ainda não se encontra em seu pleno funcionamento, mas por meio de uma conversa com Robledo Valente, arquiteto responsável pela reforma do Cineteatro São Luiz, o equipamento irá funcionar de quarta a domingo utilizando uma programação de cinema e teatro, e na segunda e terça fica por conta de qualquer entidade que queira alugar o cine para eventos.

² Fonte: <http://g1.globo.com/ceara/noticia/2014/12/em-fortaleza-cine-sao-luiz-passa-por-ultimos-acertos-para-inauguracao.html> - acessado em 15/06/2015)

³ Fonte: <http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/cadernos/cidade/cine-teatro-sao-luiz-e-reaberto-em-fortaleza-1.1181235>



Figura 27. Operário fazendo os retoques finais do restauro do forro do palco.
Foto tirado pelo autor durante a reforma do cinema em 2014.



Figura 28. Detalhe do forro do salão.
Foto tirado pelo autor durante a reforma do cinema em 2014.



Figura 29 Vista do salão na abertura do 25º Cine Ceará em 2015.

Fonte: <http://www.verdinha.com.br/wp-content/uploads/2015/06/saoluiz-cineceara-fortaleza.jpg>

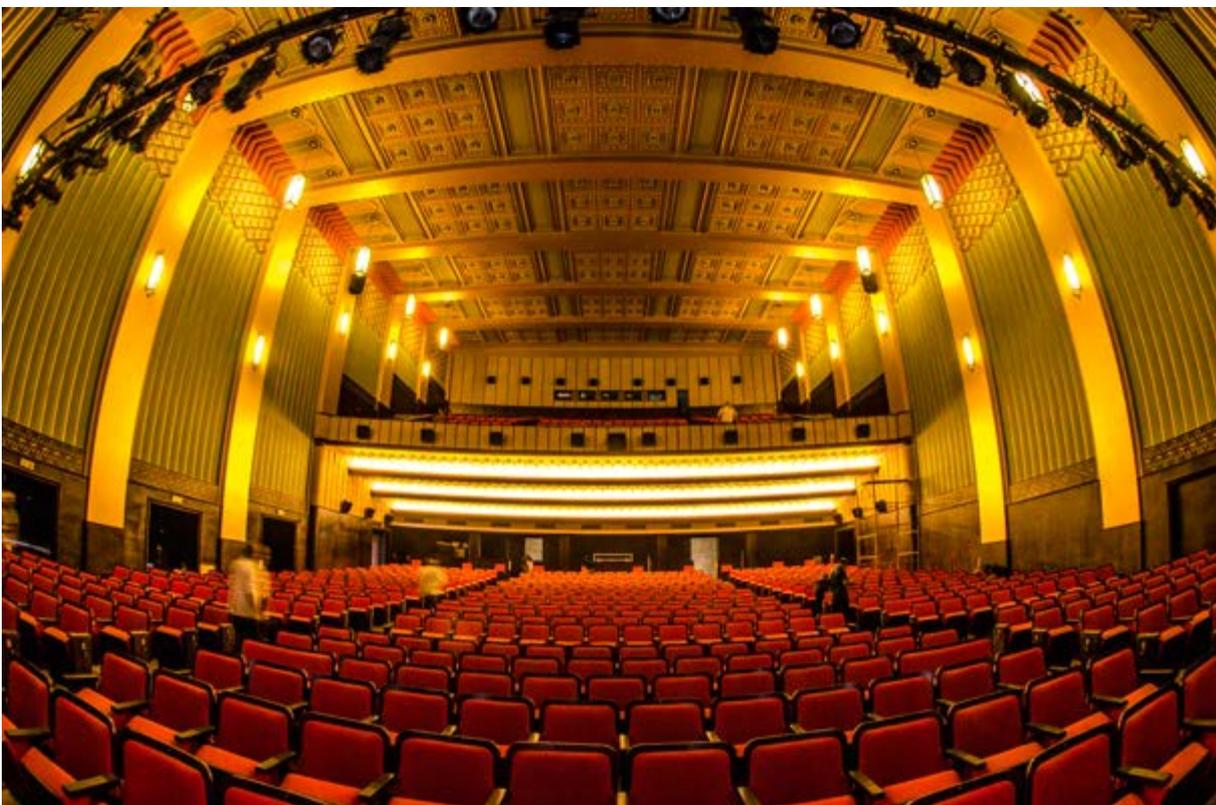


Figura 30 Vista da platéia após reforma em 2015.

Foto tirada por Glayton Jorge.

Reflexão Sobre o Panorama Atual das Salas de Cinema

A sétima arte possui características bastante peculiares que a diferenciam das outras. A sua dependência de um aparelho eletrônico e de um ambiente adequado para que a reprodução da mercadoria (filme) tem uma relação direta com seu sucesso. Há também a questão do contexto econômico em que o mercado cinematográfico está inserido, que depende dessa relação direta de preço dos ingressos com a quantidade de espectadores por sessão. Após estudar o desenvolvimento das salas de cinema desde os nickelodeons até os multiplexes, é possível notar que ele sempre procura se reinventar após crises econômicas através de avanços tecnológicos na forma de como ele é exibido ou por regulações na forma como o filmes eram exibidos comercialmente.

O cinema se manteve como entretenimento popular quando lhe era viável (no caso dos nickelodeons), ou foi elitizado quando era lucrativo para os grande exibidores (no cinema palácio). Atualmente, devido aos grandes avanços tecnológicos na área de exibição e criação de conteúdo audiovisual (internet, TV aberta, DVD's), existem diversas formas de se consumir filmes, mais privativas e até mais acessíveis que o cinema, obrigando a indústria se adaptar novamente à sua realidade. Apesar da crítica de diversos cinéfilos saudosistas com os antigos cinemas de rua do Centro, é preciso compreender que os tempo mudaram, o mercado cinematográfico mudou, certas modificações foram necessárias para que ele continuasse competitivo na atualidade. No Brasil, a aliança do Cinema com os Shoppings Centers foi fundamental para o desenvolvimento de sua popularidade no final do século XX, podemos notar isso através de crescente aumento nas bilheterias nos últimos dez anos (figura 17). No final das contas, faltaram ações do Estado e Sociedade Civil para preservar a história do cinema no centro, tombando além do São Luiz, o Cine Diogo e Moderno, por exemplo, para que as próximas gerações se lembrem do esforços dos exibidores da época em trazer entretenimento de qualidade para Fortaleza, mantendo assim sua memória.

A população volta ao cinemas, mesmo que não sendo pelos motivos de antigamente: antes era como estímulo principal para se sair de casa em busca de entretenimento, hoje é algo mais atrelado a um complemento na rotina de consumo dos shoppings centers (CANCLINI, 2006, p.202). O ato de ir ao cinema, na maioria das vezes, significa entrar num equipamento de grande porte, fechado, sem contato nenhum com a rua, porém com

outras opções de lazer a compras. Devido ao ritmo de consumo dos filmes num multiplex, o ato de assistir um filme acaba virando uma experiência privativa; os antigos cineclubes que se realizavam em praças públicas próximos aos cinemas acontecem na maioria das vezes somente no meio virtual (por fórum de internet e redes sociais).

No entanto, ainda existem iniciativas que promovem o acesso à cultura de uma forma mais acessível e democrática em Fortaleza. Destaque para o “Cinema do Dragão - Fundação Joaquim Nabuco”, que vem sediando diversos festivais de cinema, como o Farol - Festival Internacional de Cinema de Fortaleza, que ofereceu em 2014 eventos gratuitos como a exibição de filmes, clássicos, curtas e palestras com grandes nomes do cinema (figura 31). A Rede CUCA (Centros Urbanos de Cultura, Arte, Ciência e Esporte), iniciativa da Coordenadoria Especial de Políticas Públicas de Juventude, também realiza um trabalho formidável em descentralizar o acesso à cultura, que através de seus centros culturais multiuso oferecem sessões gratuitas de cinema em suas salas de cinema e auditórios em vários bairros afastados dos grandes centros de Fortaleza.



Figura 31 Seminário no Festival Farol de cinema.

Fonte: <http://www.cinemadodragao.com.br/farol/>.



Figura 32 Cinema do Dragão no encerramento do Festival Farol de Cinema.
Fonte: <http://www.cinemadodragao.com.br/farol/>.

3

REFERÊNCIAS PROJETUAIS



Este tópicos foi separado em três partes, com o objetivo de abordar todos os conceitos teóricos e funcionais que influenciaram diretamente no processo criativo do Complexo de Artes Audiovisuais. Na primeira parte, são apresentados dois projetos que de alguma forma possuem relação com o tema deste trabalho, seja na questão programática quando nas soluções arquitetônicas adotadas. Depois é apresentado de forma rápida referências visuais que se mostraram relacionadas com o que foi desejado atingir no projeto. E por fim, são abordados duas considerações em relação à produção de arquitetura, e os seus desafios.

CINEMA CENTER IN BUSAN



Figura 33. Vista principal do prédio
Fonte: <http://www.coop-himmelblau.at>

“The basic concept of this project was the discourse about the overlapping of open and closed spaces and of public and private areas.”¹

¹ O conceito básico deste projeto foi o discurso através da sobreposição de espaços abertos e fechados e de áreas públicas e privadas. (Tradução livre)
Fonte: <http://www.coop-himmelblau.at>.

O Cinema Center in Busan foi inaugurado em 2011 e projetado pelo escritório Coop Himmelb(l)au, localizado em Busan na Coreia do Sul. O projeto apresenta uma nova combinação de espaços culturais e de entretenimento com uma arquitetura voltada para o espaço público.

O programa consiste em teatros, cinemas, centro de conferências, escritórios, estúdios de produção e restaurantes. Além de uma grande praça que funciona como salão, protegido por uma grande cobertura; ela é o grande destaque da edificação. Equipado com projetores de LED, é possível obter vários espetáculos visuais únicos no entorno do complexo. A iluminação serve como plataforma de comunicação do centro de visitantes e transeuntes. Possui um vão livre de 85 metros e uma superfície de telhado de 60 x 120 metros; acredita-se que seja o maior telhado do mundo em balanço. O complexo dispõe de cerca de 60.000 m² de espaço para performance, eventos e gastronomia com capacidade de até 6.800 visitantes.

Ele se torna uma referência por possuir um programa semelhante ao que se quis atingir no Complexo de Artes Audiovisuais, porém em maior escala. A transição entre os espaços públicos e privados é feita de forma completamente fluída, num ritmo interessante através das circulações entre o grande volume onde se situam as salas de cinema e no outro nos salões multiuso.



Figura 34. Interior do cinema.
Fonte: <http://www.coop-himmelblau.at>



Figura 35. Vista do volume dos cinemas.
Fonte: <http://www.coop-himmelblau.at>



Figura 36. Vista do cinema aberto.
Fonte: <http://www.coop-himmelblau.at>

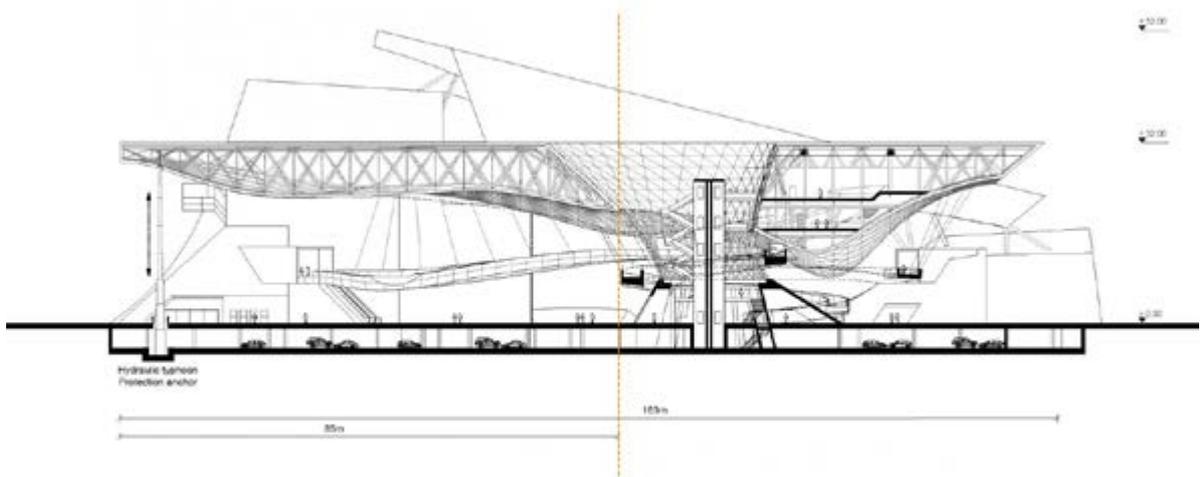


Figura 37. Corte do volume de eventos.
Fonte: <http://www.coop-himmelblau.at>

ETOILE LILAS



Figura 38. Vista do cinema
Fonte: <http://www.hardel-lebihan.fr>

“L’Etoile Lilas est conçu comme un cinéma de ville (par opposition au multiplexe de centre commercial en périphérie): il est vertical, en relation physique et visuelle avec son environnement, dresse quatre façades le long des trois voies et du parvis qui l’entourent, et détermine un lieu géographique caractérisé par une architecture non standard.”²

2 O Etoile Lilas foi projetado como um cinema de bairro (em oposição ao multiplex dos centros comerciais da periferia): ele é verticalizado, tem relação física e visual com seu entorno, suas quatro fachadas se erguem ao longo de três vias e ao tribunal que as cercam, determinando uma localização geográfica caracterizado por uma arquitetura fora do padrão. (Tradução livre)
Fonte: <http://www.hardel-lebihan.fr/>

O Cinema Etoile Lilas foi inaugurado em 2012 e projetado pelo escritório Hardel Et Le Bihan Architectes. O Projeto possui uma área de 5.527 m², localizado em Paris, França.

Situado na Place du Maquis du Vercors, o edifício se apresenta como elemento central dentro de um contexto polarizado que é a periferia de Paris. O grande desafio do arquiteto é criar um edifício que atendesse a dois assuntos: a requalificação do espaço urbano e a funcionalidade do equipamento. A edificação apresenta dois volumes: um que abriga o cinema e outro destinado a lojas e restaurante. Na interseção dos dois volumes se encontra uma praça que é um espaço público que serve de passagem, facilitando os acessos.

Para promover o desenvolvimento social e econômico da região metropolitana de Paris foi feito um projeto de requalificação urbana para a população que moravam nas periferias de cidades próximas a Paris. A intenção das autoridades locais tem sido a de fazer uma zona de desenvolvimento conjunta próximo às estações de metrô, elevando o desenvolvimento da região metropolitana através de grandes obras de infraestrutura urbana e com a distribuição de equipamentos culturais pela cidade. Este cinema é considerado como o toque final na transformação dos espaços na região da estação “Porte des Lilas”.



Figura 39. Vista do Cinema
Fonte: <http://www.hardel-lebihan.fr>

As dificuldades que o escritório encontrou para este projeto são semelhantes ao que será visto no Complexo apresentado neste trabalho. O principal refere-se a sua funcionalidade de modo a garantir uma solução adequada para um grande programa de necessidades num terreno de pequeno porte. O segundo desafio se consiste em implantar um equipamento que se integre entre os bairros próximos, através de um estudo no comportamento das pessoas diante da nova edificação.



Figura 40. Vista da sala de cinema
Fonte: <http://www.hardel-lebihan.fr>

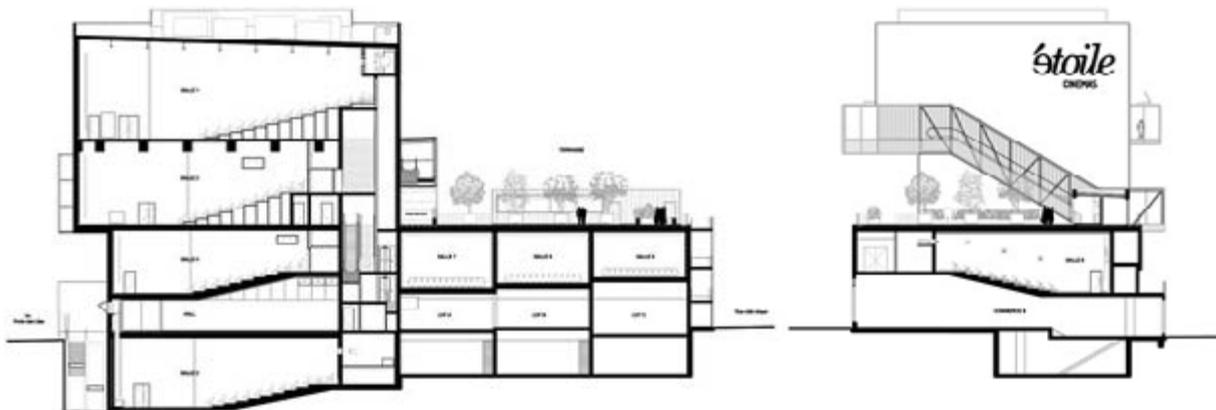


Figura 41. Corte das salas de cinema
Fonte: <http://www.hardel-lebihan.fr>

REFERÊNCIAS GERAIS

Kino International (1963) / Josef Kaiser & Heinz Aust

Berlin, Alemanha.

- Grandes vão alcançados por concreto protendido
- Forma como resultado das características especiais do programa (cinema)
- Marquise cria boa transição entre espaço público e a edificação



Figura 42. Kino International

Fonte: <https://www.flickr.com/photos/pulp-o-rama/2682366667>

Sports Center Llobregat (2005)

/ **Álvaro Siza**

Barcelona, Espanha.

- Espaços amplos
- Pureza dos materiais
- Poucos detalhes no acabamento
- Uso da iluminação natural para dinamizar o ambiente



Figura 43. Sports Center Llobregat

Fonte: <http://alvarosizavieira.com/2005-sports-center-llobregat>

Harpa Concert Hall and Conference Centre (2011) / Henning Larsen Architects & Batteriid Architects

Reykjavik, Islândia.

- Forma como resultado das características especiais do programa (teatro)
- Volume intercalados
- Fachada assimétrica, criando visuais diferentes a cada ângulo de visão.

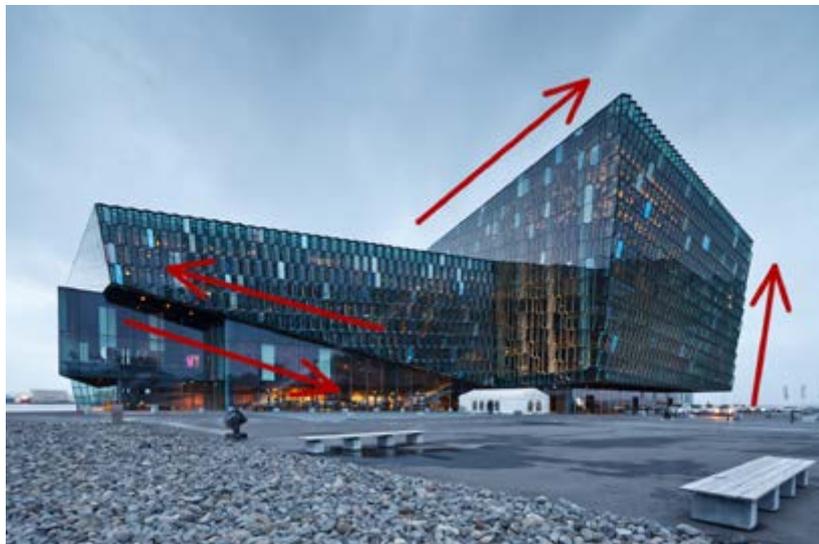


Figura 44. Harpa Concert Hall and Conference Centre / Henning Larsen Architects & Batteriid Architects

Fonte: http://farm8.staticflickr.com/7316/8719919539_4726921e31_h.jpg

Teikyo Heisei University (2013) / Studio On Site

Tokyo, Japão.

- Localizada numa região de grande fluxo de pessoas
- Concebido para receber uma variedade de atividades no local
- Sobreposição de volumes para criação de ambientes mais aconchegantes.



Figura 45. Teikyo Heisei University / Studio On Site

Fonte: <http://www.s-onsite.com/works/detail.html?id=80>

REFERÊNCIAL TEÓRICO

Arquitetura gentil com seu contexto urbano: Urbanidade

Comportamentalmente, o dicionário Aurélio define que “urbanidade” é a qualidade do “cortês, do afável, relativo à negociação continuada entre interesses”. O conceito de urbanidade abordado aqui é o mesmo que o arquiteto Douglas Aguiar descreve no livro “Urbanidades” (2012, p. 61). Ele se refere ao modo como espaços da cidade acolhem as pessoas. Espaços com urbanidade são espaços hospitaleiros. O oposto são os espaços inóspitos ou, se quisermos, de baixa urbanidade. Numa cidade que cria cada vez mais prédios isolados por extensos muros, shoppings centers que ignoram seu contexto urbano, áridas vias expressas e viadutos, faz-se necessário refletir sobre esse tema, e como a arquitetura pode ajudar a inverter esse fenômeno de negação da cidade.

De modo geral, o conceito de urbanidade é inerente à arquitetura do espaço público. Na cidade, este espaço é considerado como local de compartilhamento, que promove convívio com os opostos, envolve diversidade e a troca de experiências. Aguiar (2012), defende que uma cidade torna-se mais humana quando adaptamos a arquitetura à forma do corpo, individual e coletivo, no espaço urbano:

“Refiro-me à urbanidade inerente às diferentes escalas do espaço público, desde o desenho do corrimão da escadaria da praça, que em algum momento vai dar guarida à mão do velho, passando pela largura da calçada, chegando até definições sobre o desenho de ruas, quarteirões e bairros inteiros. Cada um desses elementos, vindos de diferentes escalas, tem a sua contribuição à condição de urbanidade à medida que cada um deles tem uma qualidade arquitetônica intrínseca que vem da adequação, melhor ou pior, da sua forma ao corpo, individual e coletivo. Portanto a urbanidade é por definição uma qualidade da forma ou das formas; trata-se de algo essencialmente material, ainda que repercuta diretamente no comportamento e no bem-estar das pessoas no espaço público.” (AGUIAR, 2012, p.64)

Para o Complexo de Artes Audiovisuais, visa-se alcançar os seguintes preceitos em busca de proporcionar um espaço com urbanidade:

- **Continuidade:** Criar um edifício sem barreiras físicas rigorosas, possibilitando uma visão maior da rua. Na maioria das vezes, essa característica é atingida livrando a edificação do pavimento térreo, ou usando materiais que permitam uma maior permeabilidade da edificação com a rua.
- **Espaços públicos intercalado com privados:** Através da criação de comércios de pequeno e médio porte entre espaços públicos, de modo que incentive um contato visual maior com a rua.
- **Traços da vida cotidiana:** Por meio de uma pesquisa de campo do local em que o edifício é projetado, procurar meios de incluir os cidadãos que frequentam a região a usufruir o espaço público oferecido pelo edifício.
- **Escala humana:** Influenciados pelo conceito de cidade para pessoas de Jan Gehl, há uma preocupação com o nível da rua, e da percepção do espaço no nível dos olhos. Respeitando o contexto local, mantém-se uma escala compatível com a de seu entorno, evitando a verticalização desnecessária a fim de buscar um contato maior com a cidade.
- **Diversidade de meios de transporte:** criar espaços que estejam aptos para receber uma variedade de deslocamentos, principalmente as realizadas por meios de transporte ativos, como andar a pé ou de bicicleta. Calçadas amplas e sombreadas, bicicletários, estacionamentos com vagas acessíveis; todos esses equipamentos quando são pensados em conjunto incentivam o uso democrático da cidade.

Fazer Arquitetura é saber trabalhar com limitações

Baseado nos preceitos da arquitetura moderna, entendo que arquitetura surge de um programa, onde incorpora variáveis sociais, culturais e econômicas do período histórico em que é criada. Por isso, este projeto de graduação tem como premissa fundamental alcançar os objetivos propostos de forma satisfatória, seguindo todas as limitações do contexto urbano local (legislação local, viabilidade técnica e financeira), e ainda obter um resultado interessante que se diferencie do que é produzido atualmente na cidade. A definição de Arquitetura feita por Lúcio Costa sintetizar bem essa intenção:

“Arquitetura é, antes de mais nada, construção; mas, construção concebida com o propósito primordial de ordenar o espaço para determinada finalidade visando a determinada intenção. E nesse processo fundamental de ordenar e expressar-se ela se revela igualmente arte plástica, porquanto nos inumeráveis problemas com que se defronta o arquiteto desde a germinação do projeto até a conclusão efetiva da obra, há sempre, para cada caso específico, certa margem final de opção entre os limites máximo e mínimo determinados pelo cálculo, preconizado pela técnica, condicionado pelo meio, reclamados pela função ou impostos pelo programa, -cabendo então ao sentimento individual do arquiteto (ao artista, portanto) escolher, na escala de valores contidos entre tais limites extremos, a forma plástica apropriada a cada pormenor em função da unidade última da obra idealizada – A intenção plástica que semelhante escolha subentende é precisamente o que distingue a arquitetura da simples construção”. (COSTA, 1952, p. 5)

4

COMPLEXO DE ARTES AUDIOVISUAIS



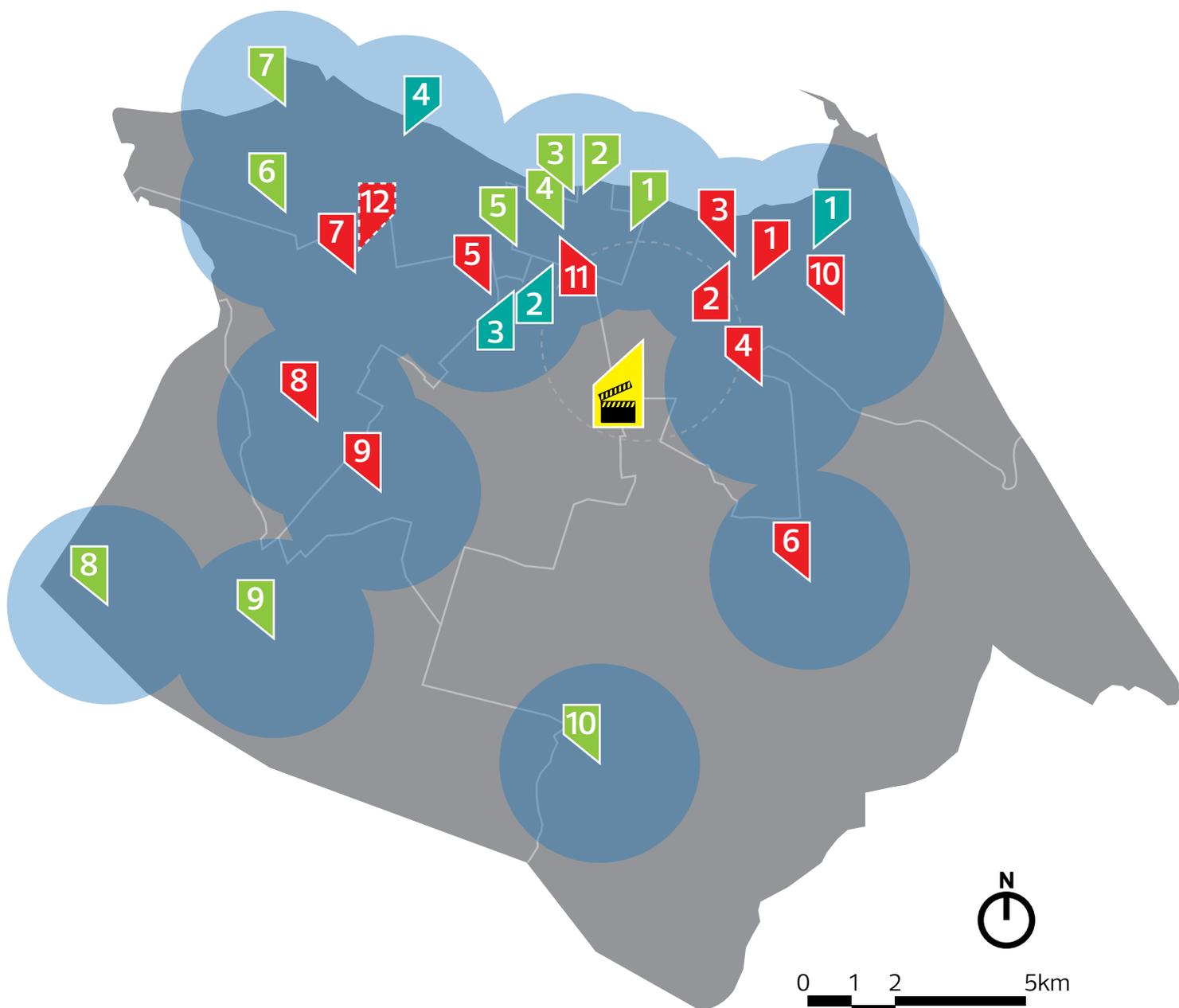
Complexo de Artes Audiovisuais

Terreno e Legislação

Para a escolha do local de implantação do Complexo de Artes Audiovisuais, foram adotados os seguintes critérios básicos:

- Estar fora da área de influência de equipamentos culturais que têm alguma relação com a produção e exibição de conteúdo audiovisual (centros culturais, cinemas, escolas), com o objetivo de diversificar o acesso à cultura em outras regiões da cidade. Esta área é definida por um raio de 2,5 km para cada equipamento identificado, com base Código de Obras do Município de Goiânia, que determinou esses valores através do livro *Planning Design Strategies*, do urbanista Adrian Pitts. Dados da localização dos equipamentos estão disponíveis no Mapa da Cultura, elaborado pela SECULTFOR (disponível em <http://mapeamentofortaleza.org.br/>).
- Estar localizado numa região com infraestrutura adequada, que suporte um equipamento Institucional, subgrupo Cultural, considerado um Polo Gerador de Tráfego pela LUOS (Lei de Uso e Ocupação) de Fortaleza de 1996.

Com base nesses critérios, foi criado um mapa de equipamentos culturais em Fortaleza para auxiliar na escolha do terreno para o Complexo (figura 46):



LEGENDA

CINEMA

01. Arcoplex – Shopping Pátio Dom Luiz
02. Arcoplex – Shopping Del Paseo
03. Arcoplex – Shopping Aldeota
04. UCI – Shopping Iguatemi
05. Cinemas Benfica – Shopping Benfica
06. CenterPlex – Shopping Via Sul
07. Kinoplex – North Shopping
08. Cinépolis – North Shopping Jóquei
09. UCI – Shopping Parangaba
10. Cinépolis – Shopping Rio Mar Fortaleza
11. Cineteatro São Luiz
12. Cinema Rio Mar Pres. Kennedy (em construção)

CENTRO CULTURAL

01. Mercado dos Pinhões
02. Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura
03. Caixa Cultural Fortaleza
04. Centro Cultural Banco do Nordeste
05. Theatro José de Alencar
06. Centro Cultural Jovens na Raça
07. CUCA – Barra do Ceará
08. Centro Cultural Bom Jardim
09. CUCA – Mondubim
10. CUCA – Jangurussu

AUDIOVISUAL

01. Associação dos Produtores de Cultura do Ceará – Prodisc
02. Vila das Artes
03. Casa Amarela Eusébio Oliveira
04. Academia de Ciências e Artes (ACARTES)

TERRENO ESCOLHIDO

- 
- Área de Influência (r=2,5km)

Figura 46. Mapa de Equipamentos Culturais

Localizado entres os bairros Dionísio Torres e Joaquim Távora, o terreno escolhido se encontra numa região predominantemente de uso residencial, mas que possui edifícios comerciais e de uso misto entre suas avenidas de maior fluxo, como a Av. Barão de Studart ,Av. Rui Barbosa e Av. Pontes Vieira (figura 47).



LEGENDA

- 01. Sede GVT Fortaleza
- 02. Oficina Gerardo Bastos
- 03. AABB (Associação Atlética Bando do Brasil)
- 04. EEEP (Escola Estadual de Ensino Profissional) Joaquim Antônio Albano
- 05. Praça dos Eletricitários

Figura 47. Mapa de Uso e Ocupação do Solo.
Fonte: Prefeitura de Fortaleza (2011), Google Maps (2013). Editado pelo autor.

Este lote já foi Sede Administrativa da Coelce - Companhia Energética do Ceará, e ocupava o quadrante das ruas Júlio Siqueira, Soriano Albuquerque, Adolfo Pinheiro e Av. Barão de Studart. Após sua mudança para um terreno de maior porte na rua Padre Valdevino, parte de seu terreno foi vendido para AABB – Associação Atlética Banco do Brasil em 2009, pela cifra de 7,4 milhões de reais¹. Após a demolição de todo o conjunto de edificações localizadas em seu terreno de 6.534 metros quadrados, a nova sede da AABB (item 3, figura 47) foi inaugurada no dia 12 de setembro de 2014. Já a outra parte do terreno, de 5.253,91 metros quadrados, já foi sede da 12ª Edição do Casa Cor Ceará em 2010, modificando boa parte de sua arquitetura original. Logo após esse evento, o terreno foi vendido após a apresentação de diversas propostas para uso do local, com valor estimado de 2.500 reais por m², segundo especialistas no mercado imobiliário². Infelizmente, essas propostas jamais foram divulgados na mídia local.

Em 2014, O Senador Eunício Oliveira anunciou a compra do prédio administrativo da Coelce para transformá-lo em comitê de sua campanha nas eleições de Governado do Estado, desfigurando mais ainda sua arquitetura original³. Após observar as diversas modificações sofridas pela antiga Sede Administrativa da Coelce, optou-se por não preservar a edificação existente, pois a mesma já foi degradada em relação ao seu valor arquitetônico inicial. Atualmente o terreno se encontra sem uso definido e é administrado pela empresa FZ Imóveis, onde encontra-se disponível para aluguel como espaço de eventos.

1 Fonte: <http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/cadernos/negocios/ex-sede-da-coelce-sera-vendida-1.765933>

2 Fonte: <http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/cadernos/negocios/ex-sede-da-coelce-sera-vendida-1.765933>

3 Fonte: <http://moisesarruda.blogspot.com.br/2014/05/eunicio-compra-sede-da-coelce-para.html>)

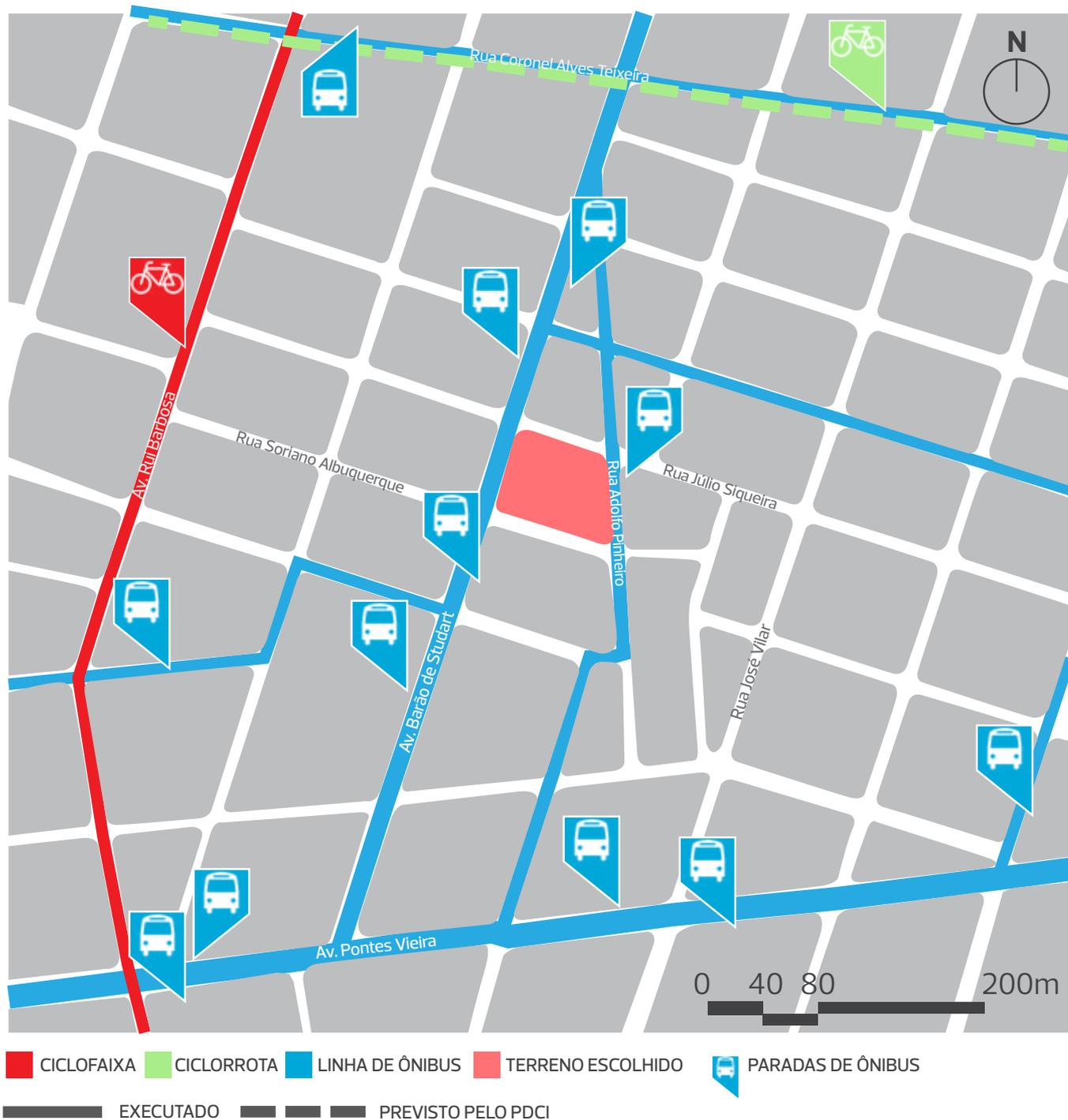


Figura 48. Vista do terreno na Av. Barão de Studart.
Foto tirada pelo autor (2014).



Figura 49. Vista do logradouro que foi criado após a construção da sede da AABB.
Foto tirado pelo autor (2014).

Em relação à oferta de transportes, o terreno está situado numa rota de 9 linhas de ônibus e a menos de trezentos metros de uma ciclofaixa, localizada na Avenida Rui Barbosa. Ele é cercado por quatro vias, permitindo seu acesso por qualquer lado.



LINHAS DE ÔNIBUS QUE CIRCULAM NA REGIÃO 11, 33, 36, 44, 45, 85, 94, 99, 701

Figura 50. Mapa de mobilidade. Fonte: Prefeitura de Fortaleza (2011).
 Editado pelo autor. Dados obtidos pelo PDCI Fortaleza e ETUFOR..

Foi realizado também um pré-dimensionamento do programa, com objetivo de verificar a viabilidade do edifício, e comprovou-se que é possível de se trabalhar com as medidas estimadas. A tabela de pré-dimensionamento completa do programa se encontra no APÊNDICE deste caderno.

Através de uma comparação entre as áreas estimadas com as obtidas após o término do projeto, podemos notar que, apesar de haver uma diferença na área de estacionamento, a metodologia utilizada para elaboração e dimensionamento dos espaços condiz com o resultado final.

CINEMA/EVENTOS/LOJAS			
Nº	ÁREA ESTIMADA (m²)	ÁREA+15% CIRCULAÇÃO (m²)	Nº DE PESSOAS
	4.772,00	5.487,80	1.647

TOTAL GERAL PREVISTO(m²)		TOTAL GERAL OBTIDO (m²)
9.385,05		9.794,00

PRAÇA/ÁREA DE CONVIVÊNCIA			
Nº	ÁREA ESTIMADA (m²)	ÁREA+15% CIRCULAÇÃO (m²)	Nº DE PESSOAS
	1.000,00	1.150,00	-

ÁREA TOTAL DO TERRENO	
5.253,91	
ÁREA MAX DE OCUPAÇÃO (60%)	
3.152,35	
ÁREA C/ INDICE DE APROV. (2,5)	
13.134,78	
POPULAÇÃO MÁXIMA NO EDIFÍCIO	
1.662	

ADMINISTRATIVO			
Nº	ÁREA ESTIMADA (m²)	ÁREA+15% CIRCULAÇÃO (m²)	Nº DE PESSOAS
	215,00	247,25	15

ESTACIONAMENTO E PAVIMENTO TÉCNICO			
Nº	ÁREA ESTIMADA (m²)	ÁREA+15% CIRCULAÇÃO (m²)	Nº DE PESSOAS
	2.500,00	-	-

Figura 52. Resumo da tabela do programa de necessidades. Elaborado pelo autor.

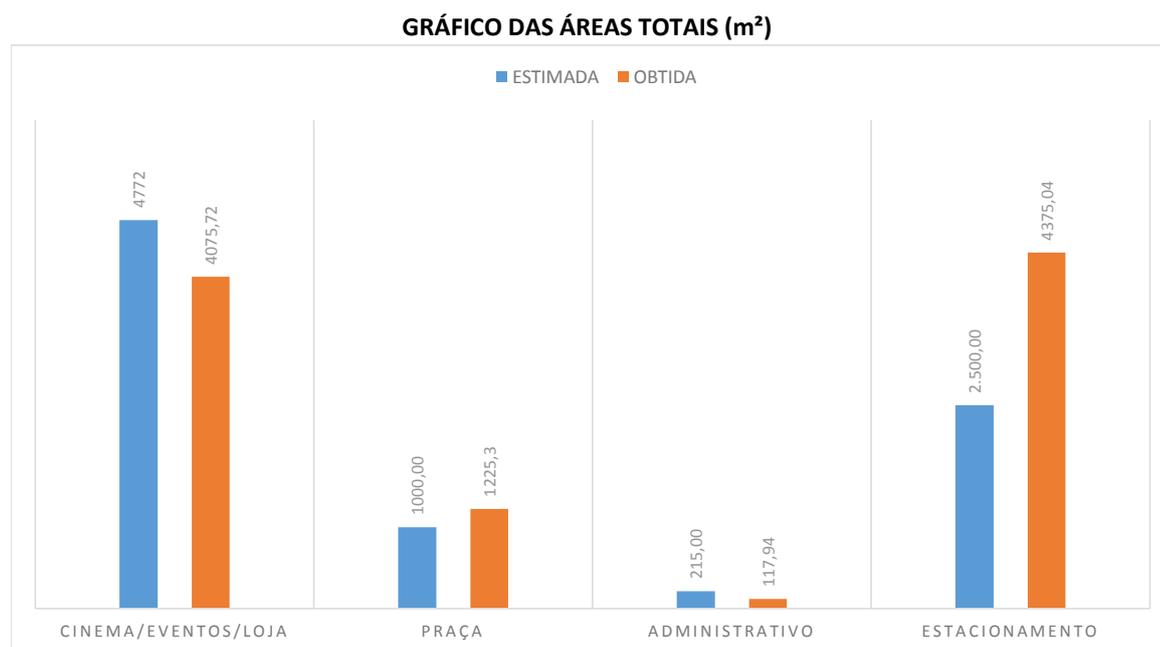


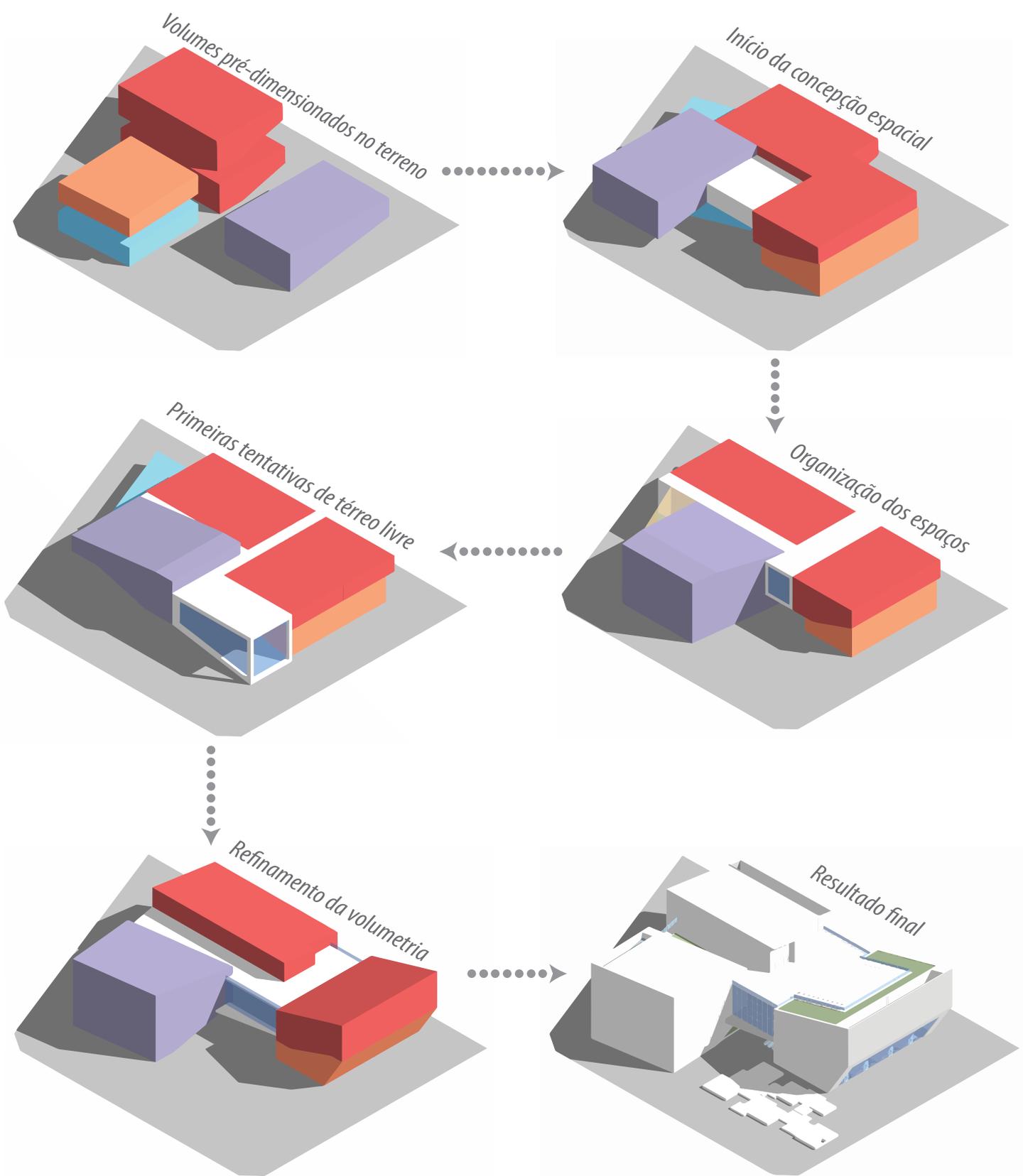
Figura 53. Gráfico das áreas totais do programa. Elaborado pelo autor.

Concepção

Para a concepção da volumetria, tomei partido do formato trapezoidal das salas de exibição, buscando criar uma forma através da composição dos diversos espaços de exibição e produção de conteúdo audiovisual. Sendo um edifício cercado por vias, foi considerado importante que houvesse acesso em todas as direções, independente de que rua o usuário estivesse chegando.

A idéia de se criar um espaço público que se integre com o equipamento cultural sempre esteve presente desde as primeiras concepções. Baseado nos princípios da urbanidade, foi considerado essencial que a praça fosse visível em todas as direções do prédio, por ser um espaço de encontro e de concentração de pessoas (figura 54).

Por ser um edifício de caráter multifuncional, o local de implantação de cada equipamento foi considerado importante para seu funcionamento pleno. Para os espaços de convivência e das lojas, ficar próximo de vias de grande movimento aumentavam tanto visibilidade do comércio, quanto tornavam os espaços públicos mais atrativos. Para os cinemas, seu acesso se dá por escadas rolantes e elevadores até o pavimento superior, com o objetivo de aumentar o controle do acesso dos visitantes, sem limitar a entrada de pessoas que desejam somente usufruir das praças e espaços de convivência (figura 54).



Estudo Volumétrico - ● Cine Teatro ● Cinemas ● Lojas ● Estúdio de Gravação ● Terreno

Figura 54. Esquema volumétrico.

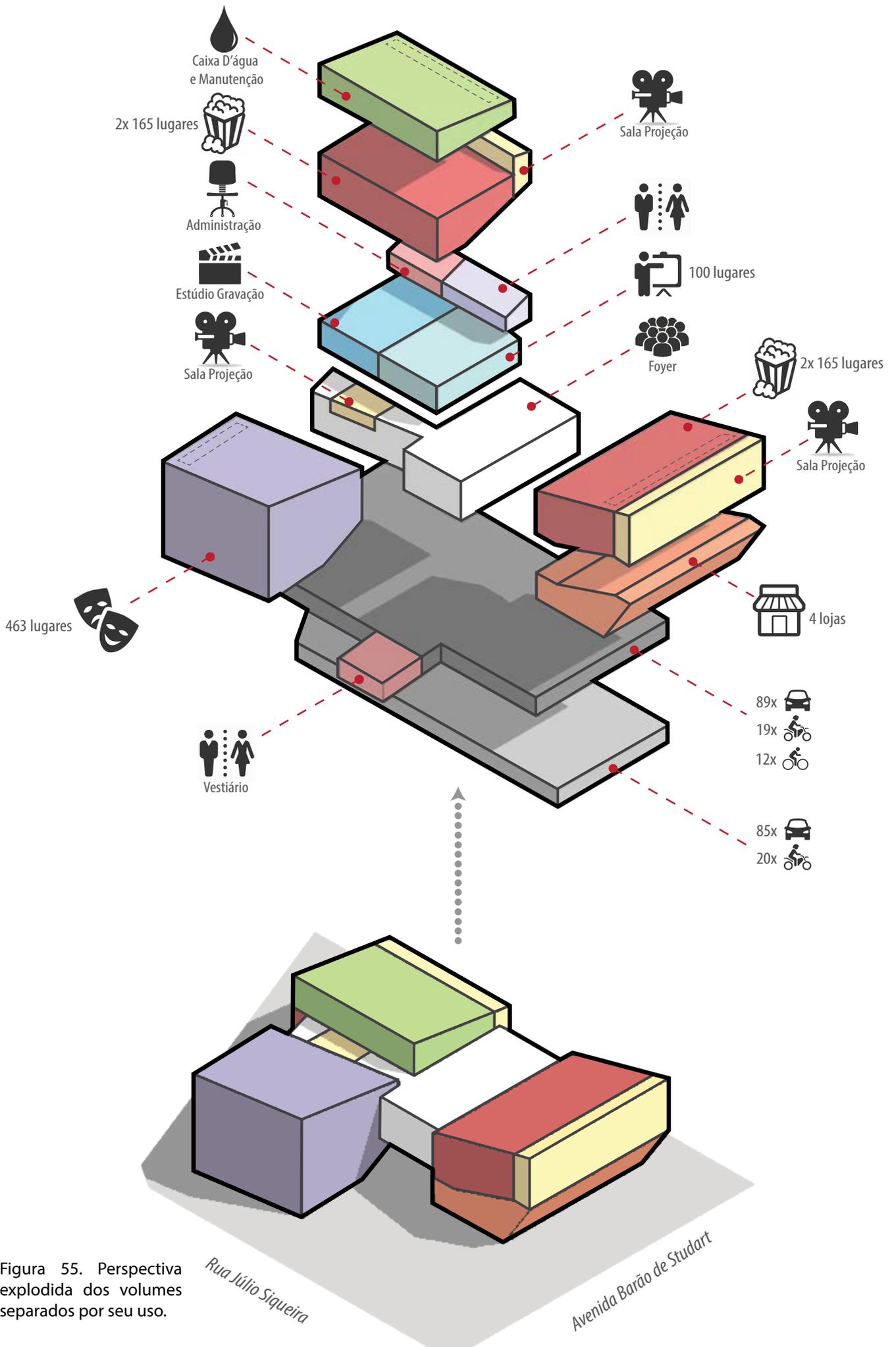


Figura 55. Perspectiva explodida dos volumes separados por seu uso.



Figura 56. Vista da Avenida Barão de Studart.



Figura 57. Vista da rua Livio Barreto

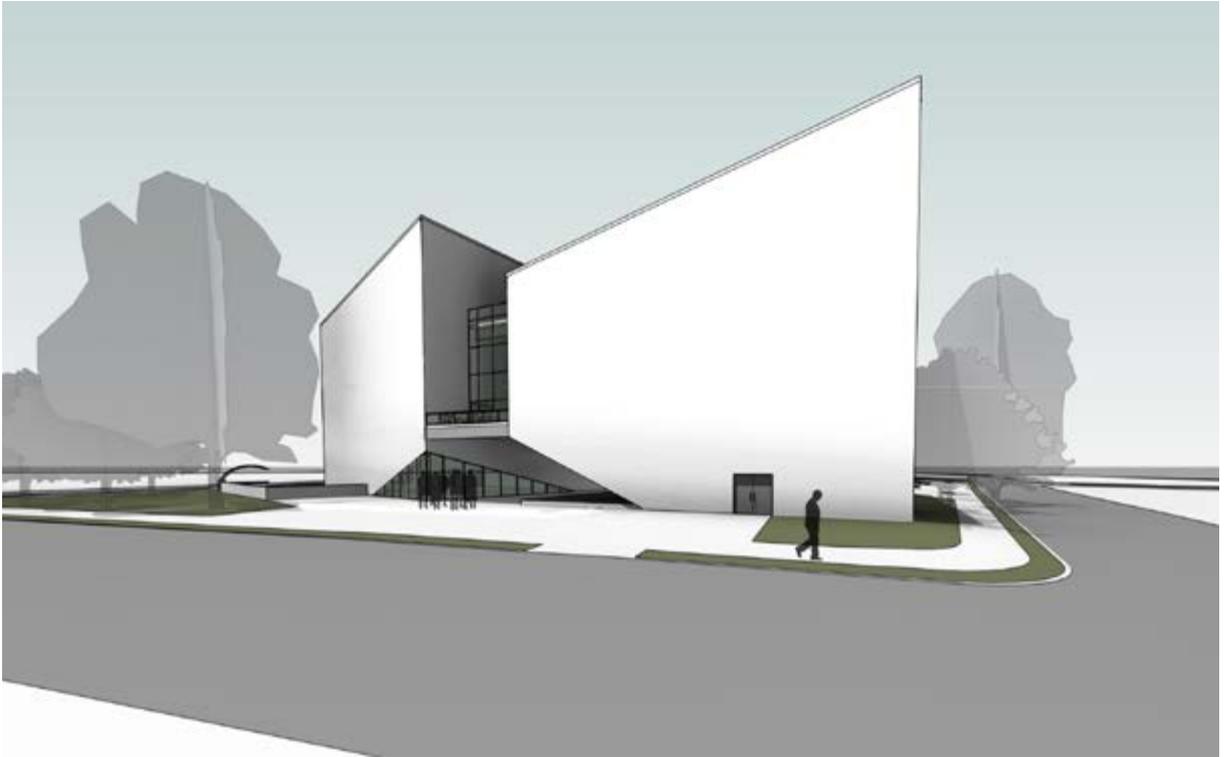


Figura 58. Vista da rua Adolfo Pinheiro



Figura 59. Vista da rua Júlio Siqueira

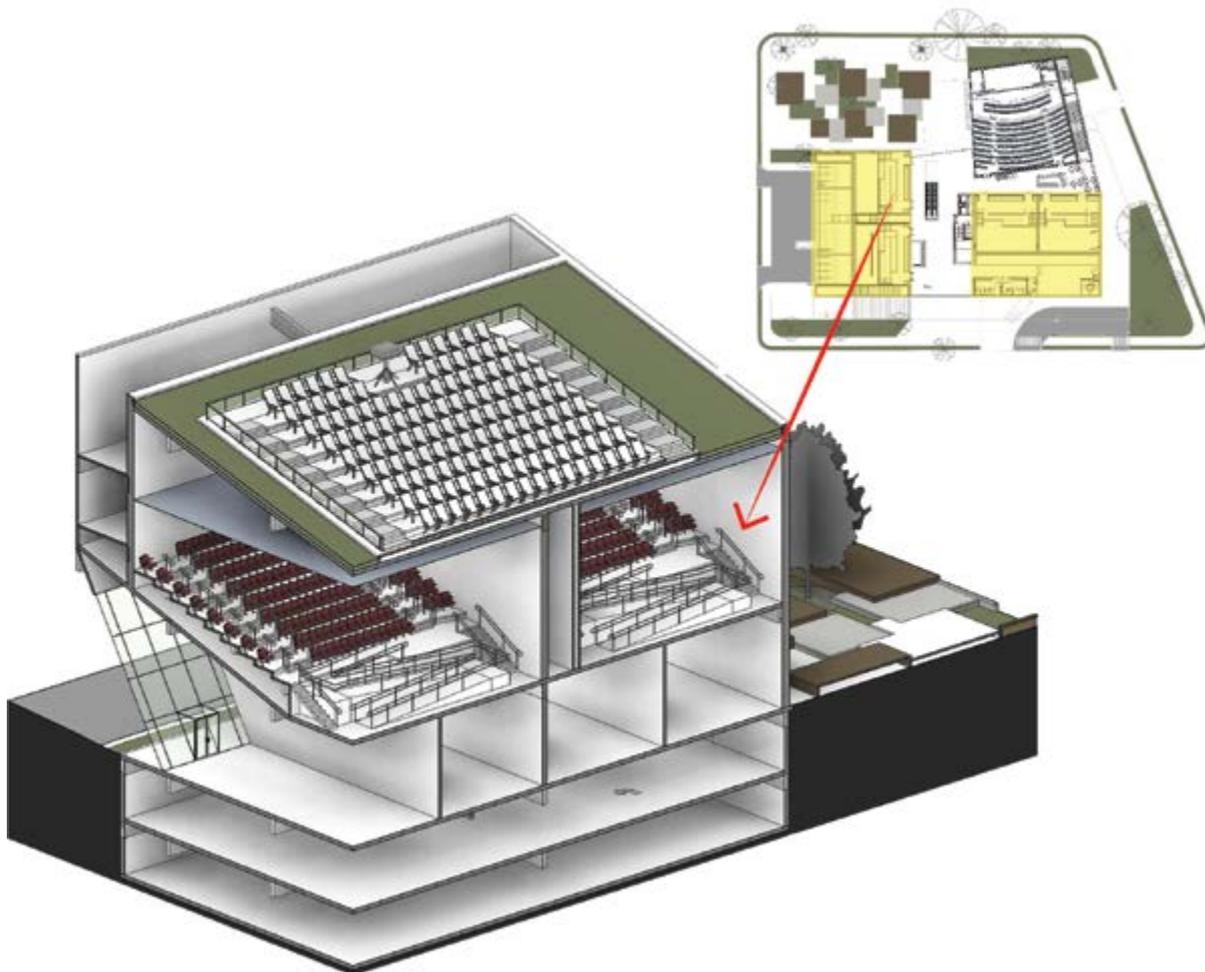


Figura 60. Corte perspectivado das salas 1 e 2.

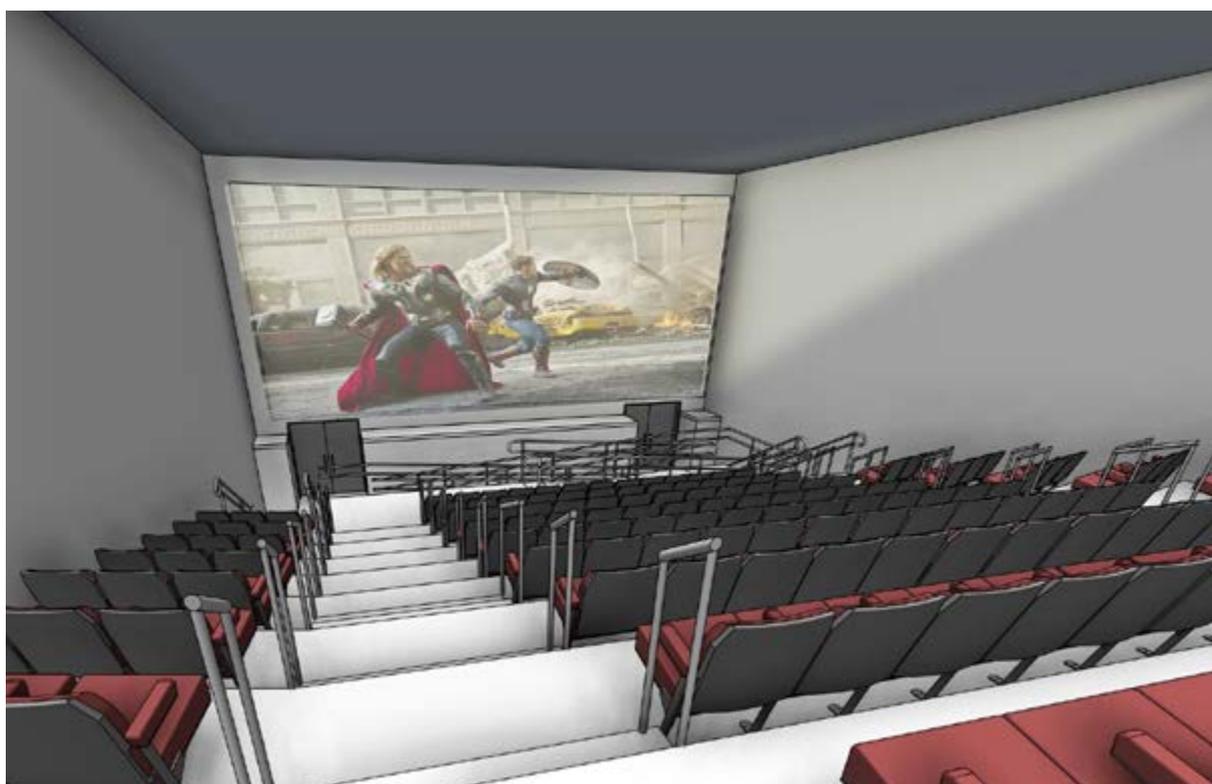


Figura 61. Vista interna da sala de cinema.

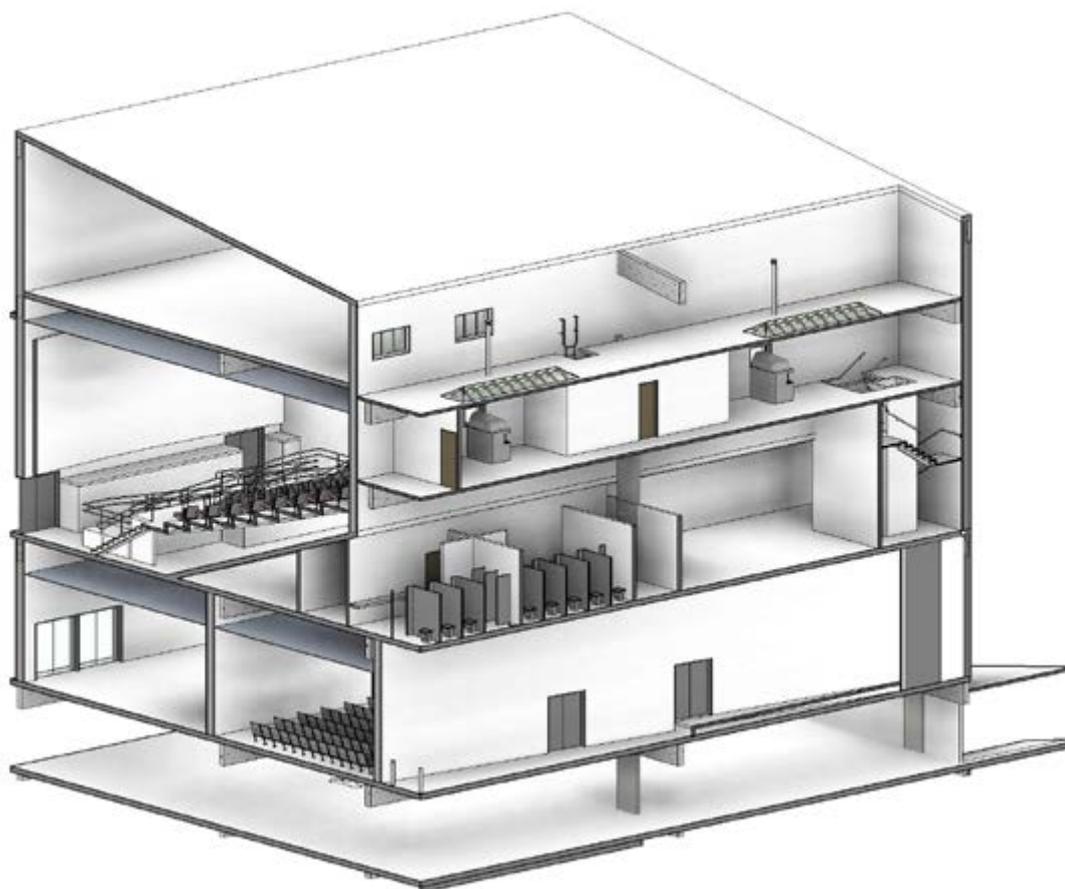


Figura 62. Corte perspectivado dos projetores.

O PROJETO

• Cinemas

As salas cinema foram concebidas com para receberem projetores de última geração 100% digitais, com o objetivo de oferecer uma ampla possibilidade de programação, funcionando como um espaço para exibição de filmes, transmissões ao

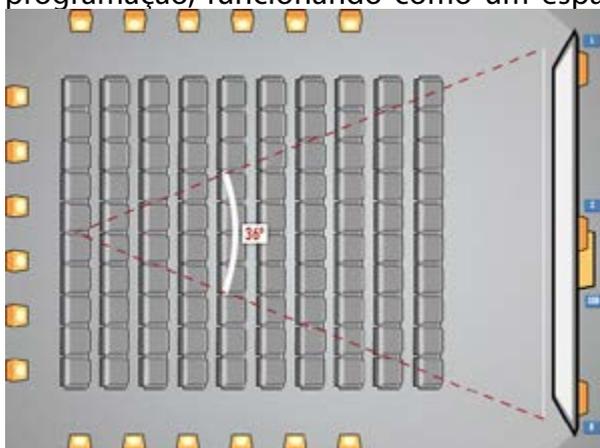


Figura 63. Layout genérico de uma sala de cinema.

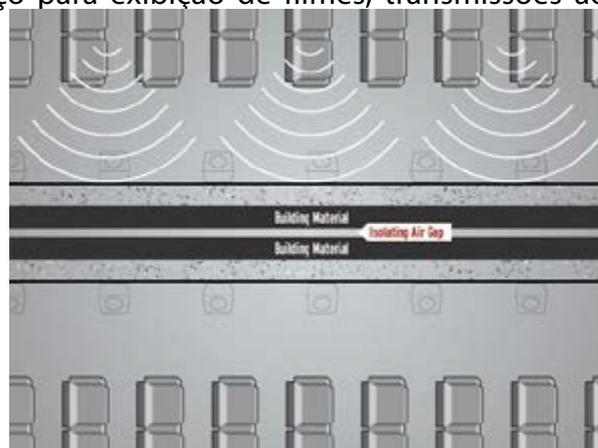


Figura 64. Esquema de isolamento acústico de uma sala certificada THX.

Fonte: <<http://www.thx.com/professional/cinema-certification>>

vivo, e apresentações digitais. Foram seguidos os manuais de criação de salas de cinema da THX (figura 63 e 64) e da ABC - Associação Brasileira de Cinematografia, que se encontra

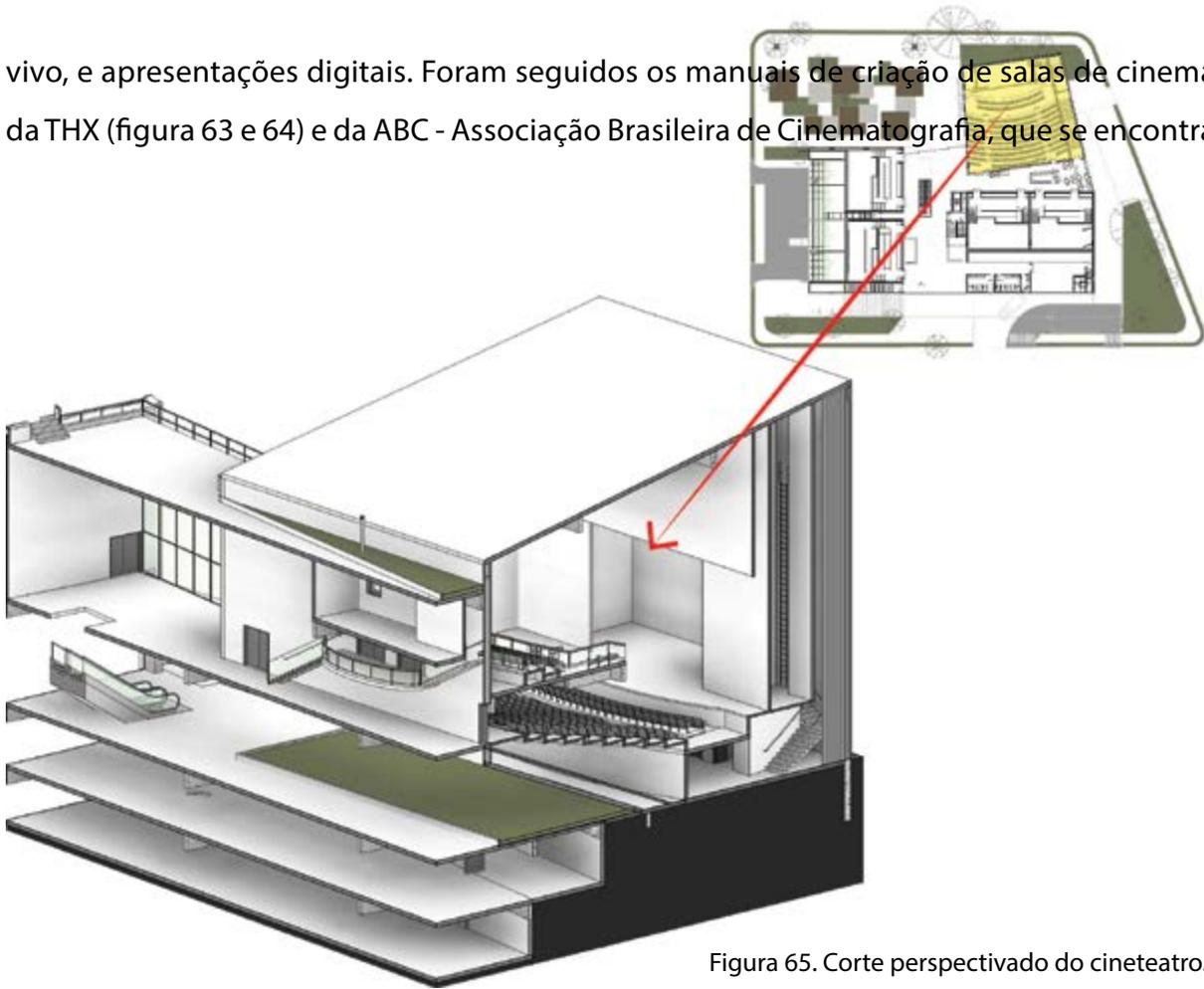


Figura 65. Corte perspectivado do cineteatro.



Figura 66. Vista do interior do cineteatro.

em anexo neste trabalho.

- **Cineteatro**

Com capacidade de 463 lugares, o Cineteatro é concebido como um espaço performático multifuncional, tornando-se um equipamento de destaque para a realização de festivais de cinema. Nele é possível realizar apresentações de teatro de pequeno e médio porte, palestras, musicais, shows e projeções cinematográficas. Para que esses diferentes tipos de produção se adequassem ao mesmo espaço, foi concebido duas soluções técnicas. Uma foi o ajuste mecânico dos forros para alterações do tempo de reverberação, para que o espaço se adeque às necessidades acústicas de acordo com o que for executado no local. E a outra solução foi a criação de uma plataforma móvel próxima

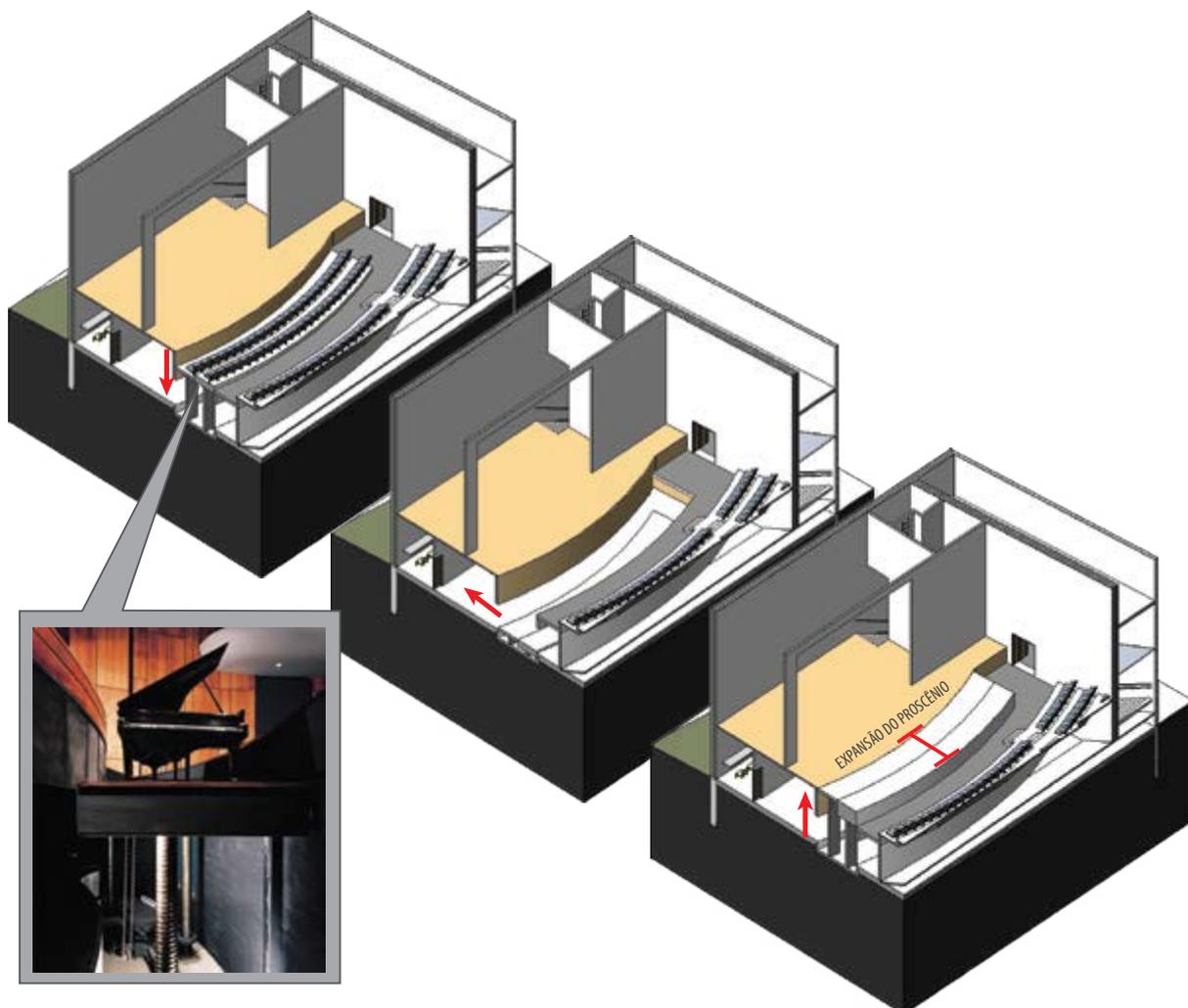


Figura 67. Esquema de funcionamento da plataforma móvel.

ao palco, que serve a três funções: aumento do número de lugares da sala, expansão do proscênio e fosso da orquestra (figura 67).

Próximo ao Cineteatro, há um pequeno café que serve de apoio à programação de



Figura 68. Vista do café do Cineteatro

festivais de cinema, que tem a função de criar espaços de socialização entre produtores, distribuidores e cinéfilos (figura 68).

• Estúdio de gravação/auditório

Com uma área de 214,06m², o Estúdio de Gravação é um grande espaço vazio que conta com isolamento acústico, iluminação artificial e uma pequena ilha de edição. Este

equipamento foi planejado para ser versátil e atender diversas demandas que pudessem surgir tanto de pequenos como grandes produtores de conteúdo audiovisual, fotógrafos, músicos e qualquer outro artista que tivesse a necessidade de um espaço com essas especificações. Para manter os custos de um ambiente desse porte, são criados alguns mecanismos que tornam possível dividi-lo em partes, de modo que é possível alugar somente o que for compatível com as demandas do produtor.

Foi especificado neste projeto painéis acústicos retráteis para que se torne possível converter o estúdio em duas unidades de $107,03\text{m}^2$, e uma cortina acústica para controle total do som e iluminação externas. De forma geral, por ser um espaço onde existe controle total da luz, som, iluminação e temperatura, suas possibilidades de uso são bem extensas.

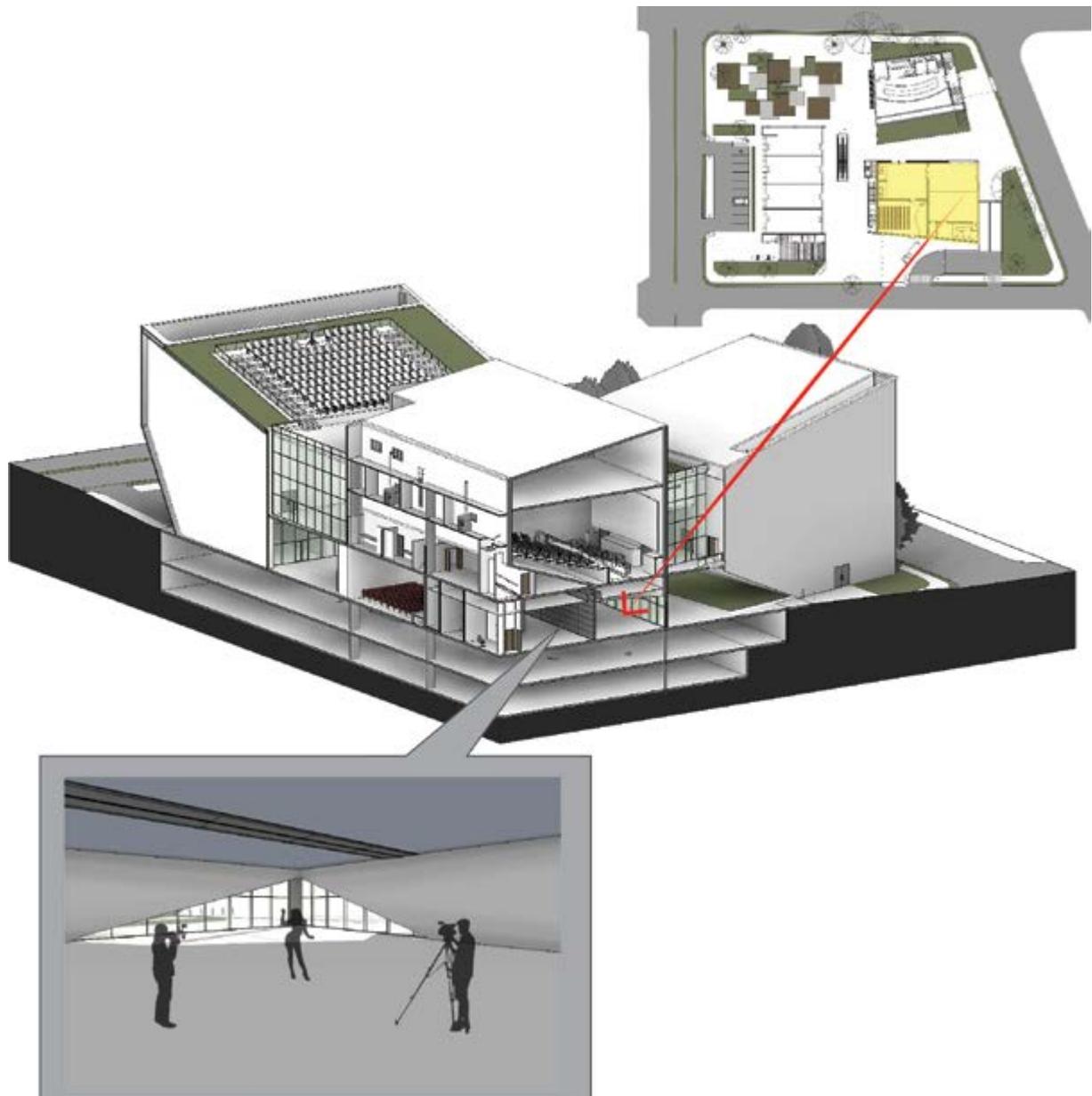


Figura 69. Corte perspectivado do estúdio.

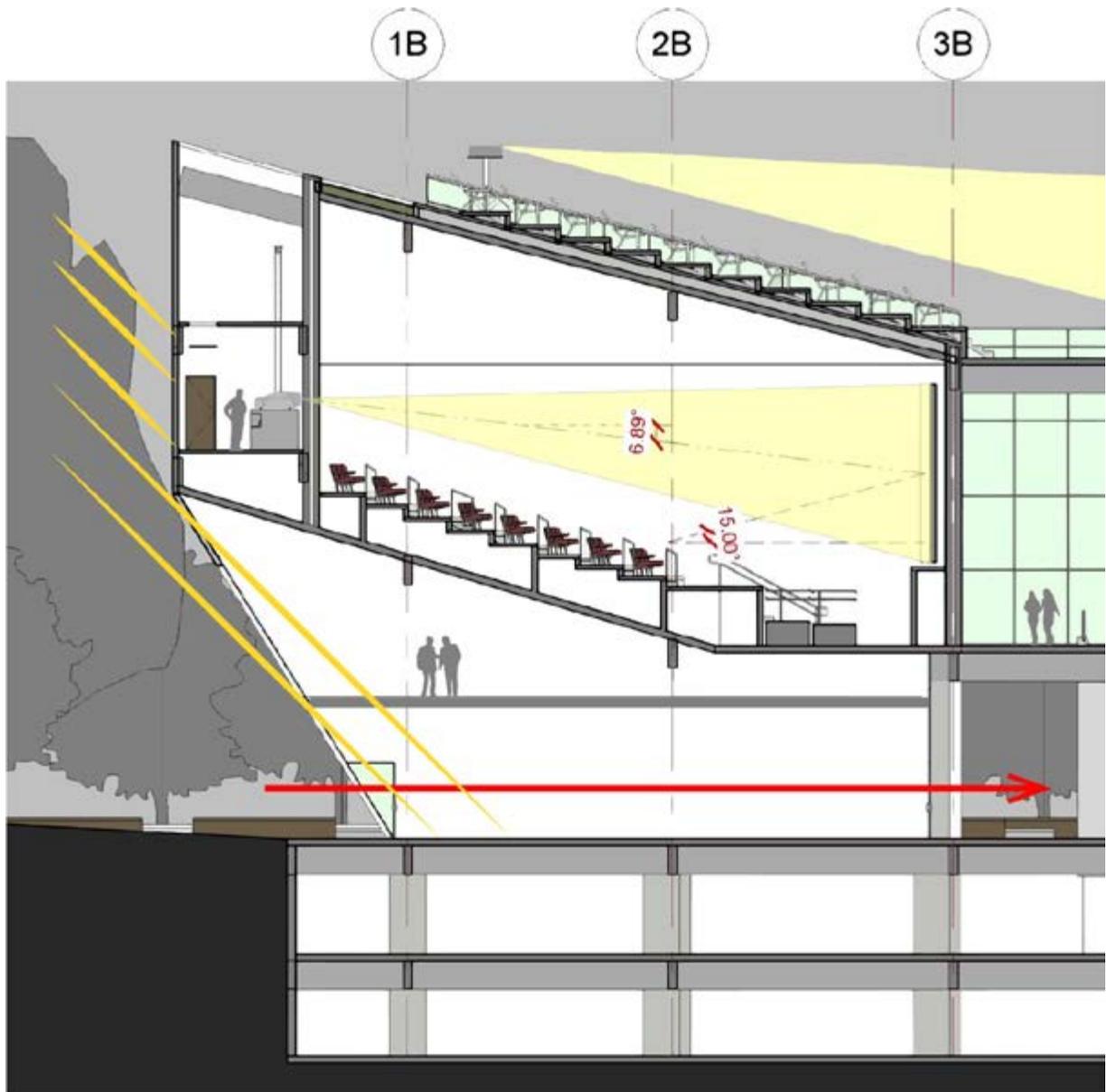
Na ocorrência de um festival de cinema este espaço poderia ser facilmente convertido em um pequeno centro de eventos, se transformando em dois auditórios de 95 lugares, ou em espaços de exposição de obras de arte.

- **Lojas**

A criação de espaços comerciais foi considerado como essencial para o programa do Complexo de Artes Audiovisuais, devido ao seu pontencial de atrair visitantes para região, e de complementar a rede de serviços oferecidos pelo edifício. O formato inclinado da



● Espaço para fixação de letreiro lojas
Figura 70. Vista de entrada das lojas.



Projeção Raios Solares Linha de circulação de visitantes

Figura 71. Corte esquemático do volume das lojas.

fachada foi concebido com o objetivo de reduzir a entrada direta de luz solar, por estar numa orientação que favorece a incidência de raios solares no período da tarde.

- **Praça e cinema a céu aberto (térreo)**

A praça é vista como um espaço agregador, que seria pontuado por pessoas que fazem uso daquele espaço de diversas formas, seja por estar esperando iniciar uma sessão de cinema, quanto para aqueles que estão usando somente como ponto de descanso e contemplação. Boa parte da vegetação local foi preservada, mantendo a maioria da copa

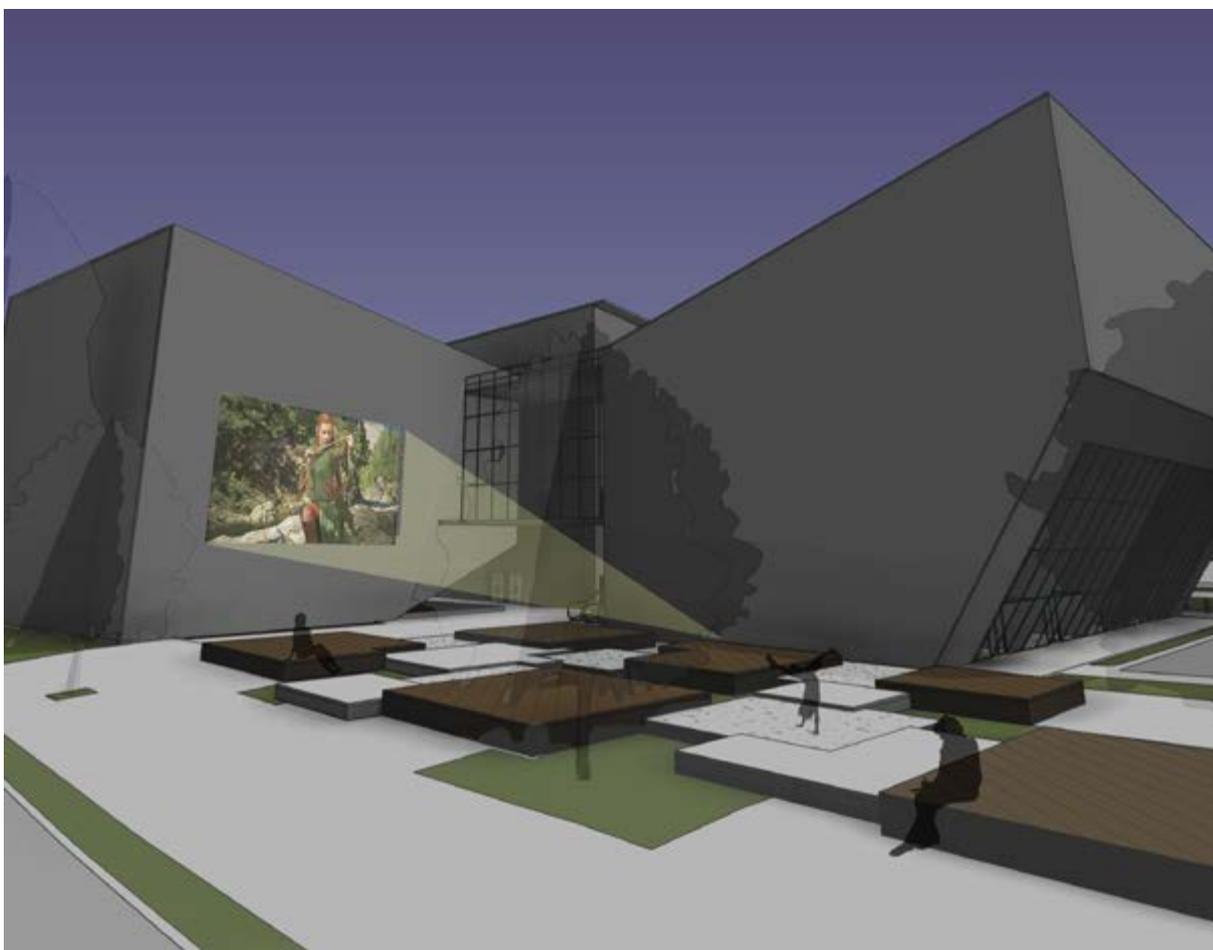


Figura 72. Vista da praça.

das árvores de médio e grande porte. Os paredões de concreto da edificação são ideais para a projeção de filmes e de instalações artísticas (ex. video mapping, proporcionando um tipo de entretenimento conveniente para quem está passando pela região.

- **Cinema a céu aberto (cobertura)**

Um equipamento deste tipo proporciona uma experiência diferenciada de se ir

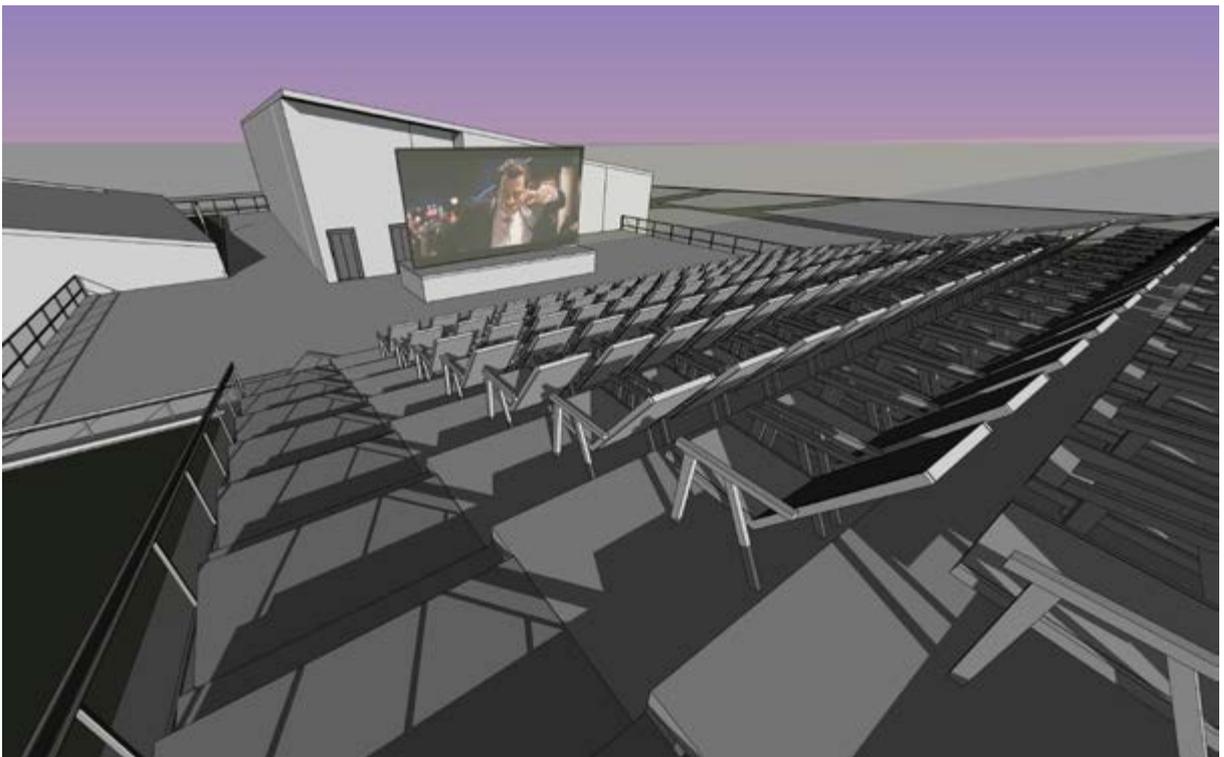
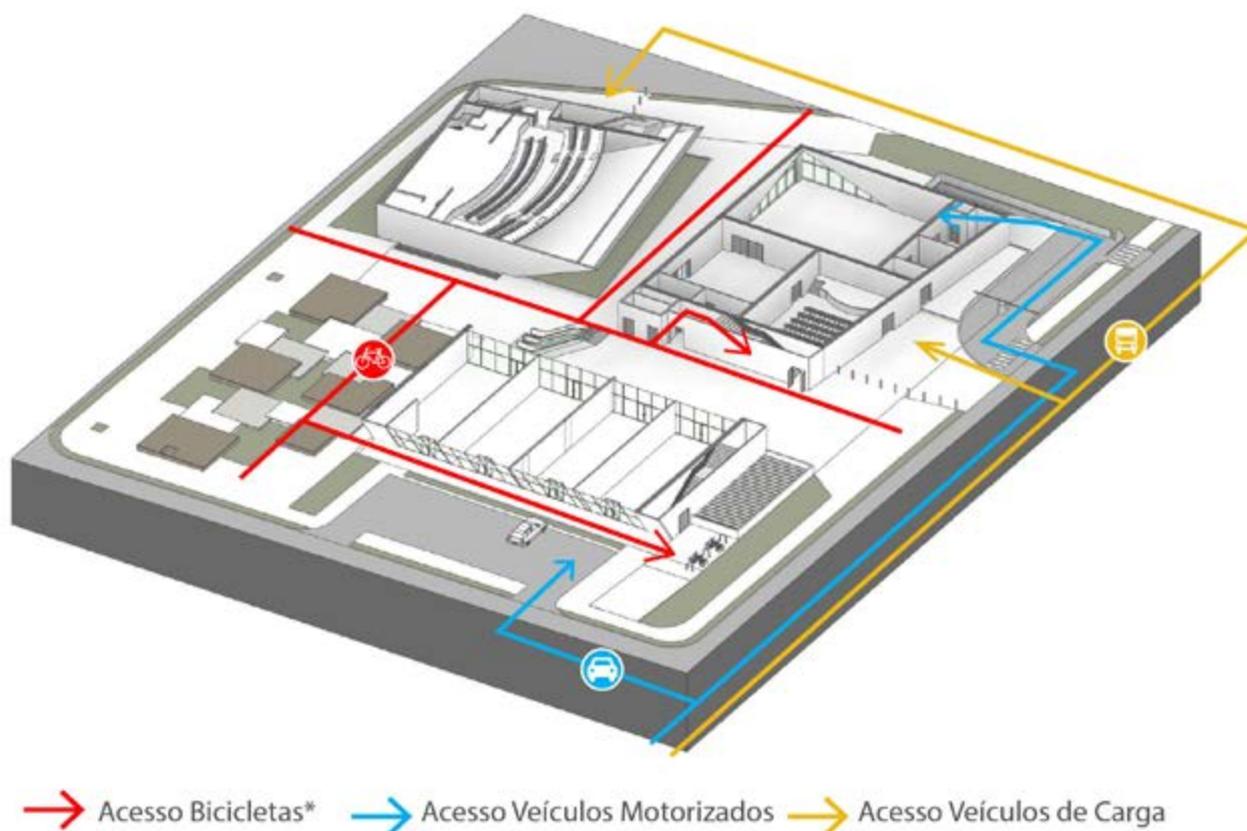


Figura 73 Vista do cinema a céu aberto.

ao cinema. Com vista para os bairros Joaquim Távora e Dionísio Torres, o cinema a céu



* Com o ciclista desmontado da bicicleta, levando como um pedestre.

Figura 74. Esquema de acesso de veículos.

aberto foi algo bastante requisitado pelos entrevistados no questionário que auxiliou a concepção do programa de necessidade para este Complexo.

• Estacionamento

Desde de sua concepção houve a intenção de acolher uma diversidade de meios transporte, com a intenção de promover uma acesso mais democrático à edificação, e principalmente criar um incentivo aos meios de transporte ativos (bicicleta e a pé). Para evitar conflitos com ciclistas e motoristas que desejam usar o subsolo para estacionarem seus veículos, foi estipulado acessos diferenciados para o perfil de cada modal (figura 74).

O acesso de bicicletas se dá por rampas espalhadas no perímetro do terreno, que após compartilhar espaço com pedestres, desmonta da bicicleta e a leva para a garagem através de uma rampa inserida ao lado da escada que dá acesso ao mesmo. Para os

veículos motorizados (moto e carro), o acesso ocorre por meio de cancelas localizadas próxima a rampa de entrada do subsolo, para manter um controle maior da entrada de veículos e permitir a cobrança de estacionamento, se for de interesse do administrador do edifício. E por fim, foram criados dois acessos para veículos de carga e descarga, próximos ao estúdio e ao Cineteatro. Por serem espaços que não seriam usados com frequência, foi optado que os veículos de carga ocupem uma parte do recuo, sem atrapalhar o fluxo de



Figura 75. Bicletário interno no subsolo.

pedestres nem o trânsito de veículos na via, e limitando o espaço permitido de uso para

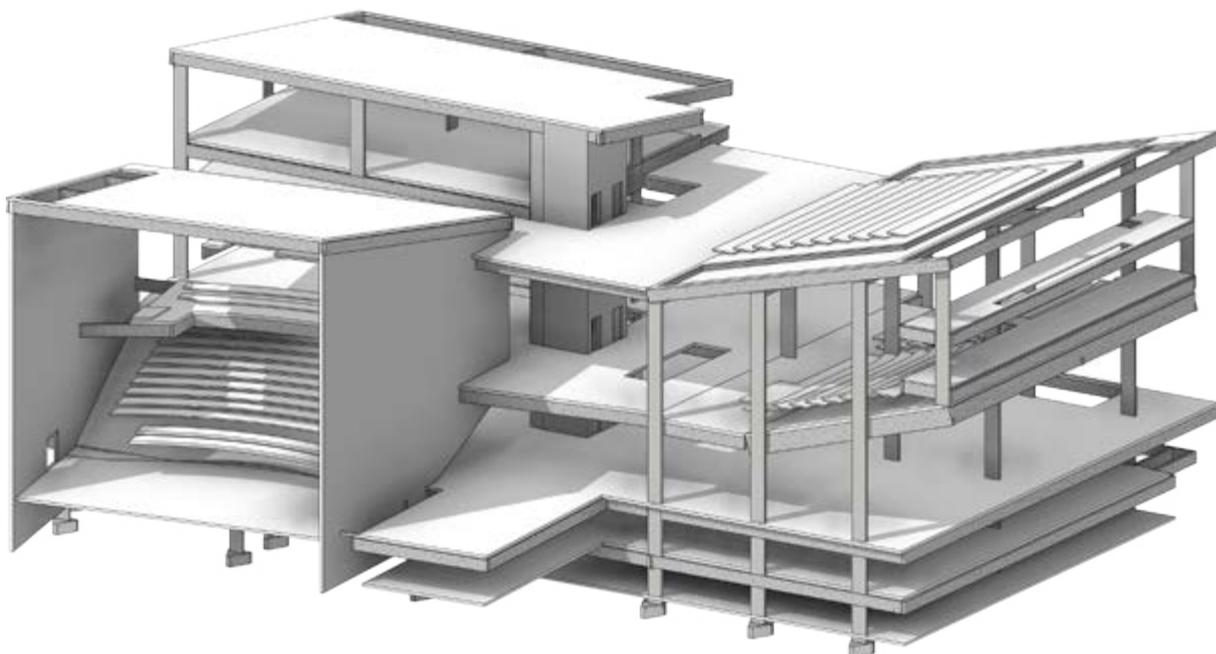


Figura 76. Perspectiva do estudo da estrutura.

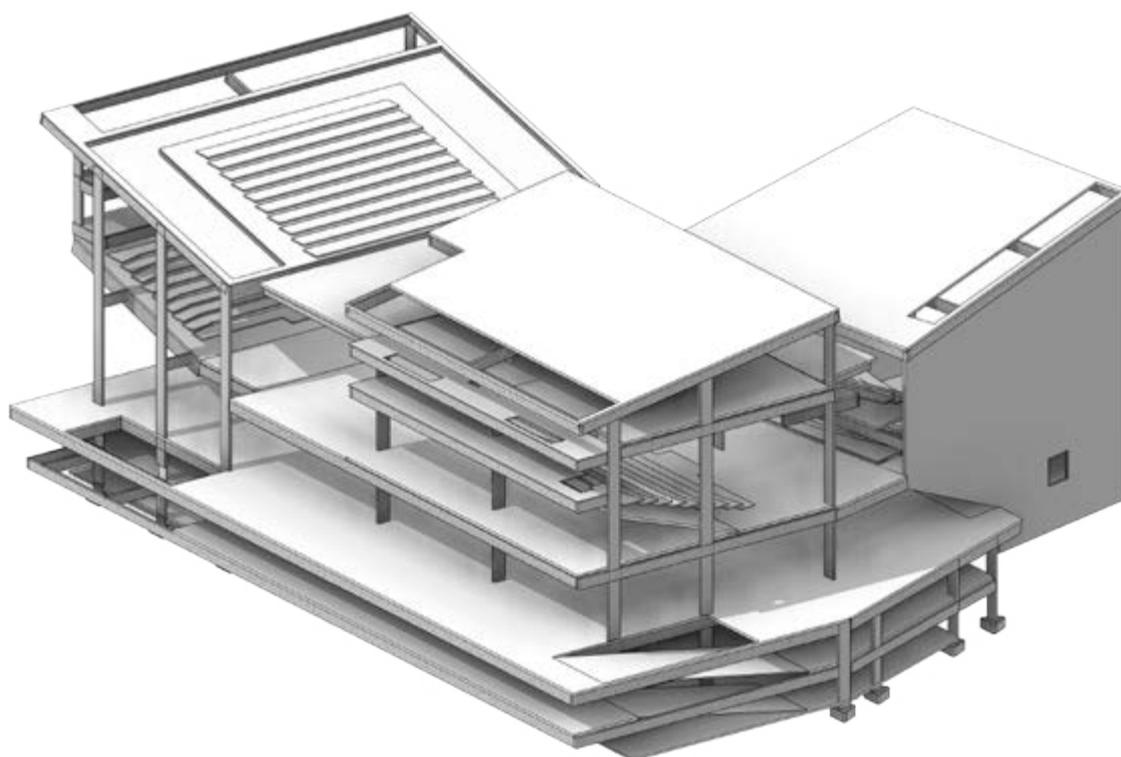


Figura 77. Perspectiva do estudo da estrutura.

carga e descarga através de frades ou muretas.

• **Estruturas, materiais e tecnologia utilizada**

A estrutura do edifício é composta em sua maioria por lajes de concreto prontendido e pilares de concreto armado com vãos que variam entre 15,80x7,40m e 13,50x7,90m. As vigas também foram idealizadas como de concreto armado ou protendido para regiões que precisam suportar uma carga maior, como as localizadas nos cinemas. Para tornar a estrutura do Cineteatro independente do conjunto, foi utilizado duas empenas de concreto nas laterais da sala para auxiliar na carga causada pela platéia.

Nas vedações utilizou-se alvenaria comum de blocos cerâmicos, e parede dupla com isolamento acústico nos cinemas, cineteatro e estúdio de gravação.

Para revestimento das fachadas, são usados painéis Viroc. Eles são feitos de um composto de partículas de madeira e cimento, e possuem alta versatilidade em sua aplicação devido a sua grande alta durabilidade, resistência a impacto, ao fogo, umidade

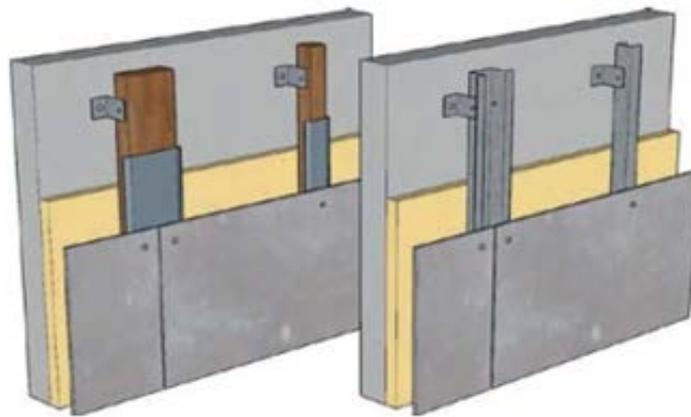


Figura 78. Esquema de instalação de painel Viroc. Retirado do catálogo do fabricante.

e ruidos. Foram

usadas cores neutras

para facilitar a projeção de equipamentos multimídia.

• Saída de incêndio

Por ser um equipamento cultural com alta concentração de pessoas, foi elaborado um estudo preliminar para cálculo de saídas de emergência e rotas de fuga em caso de

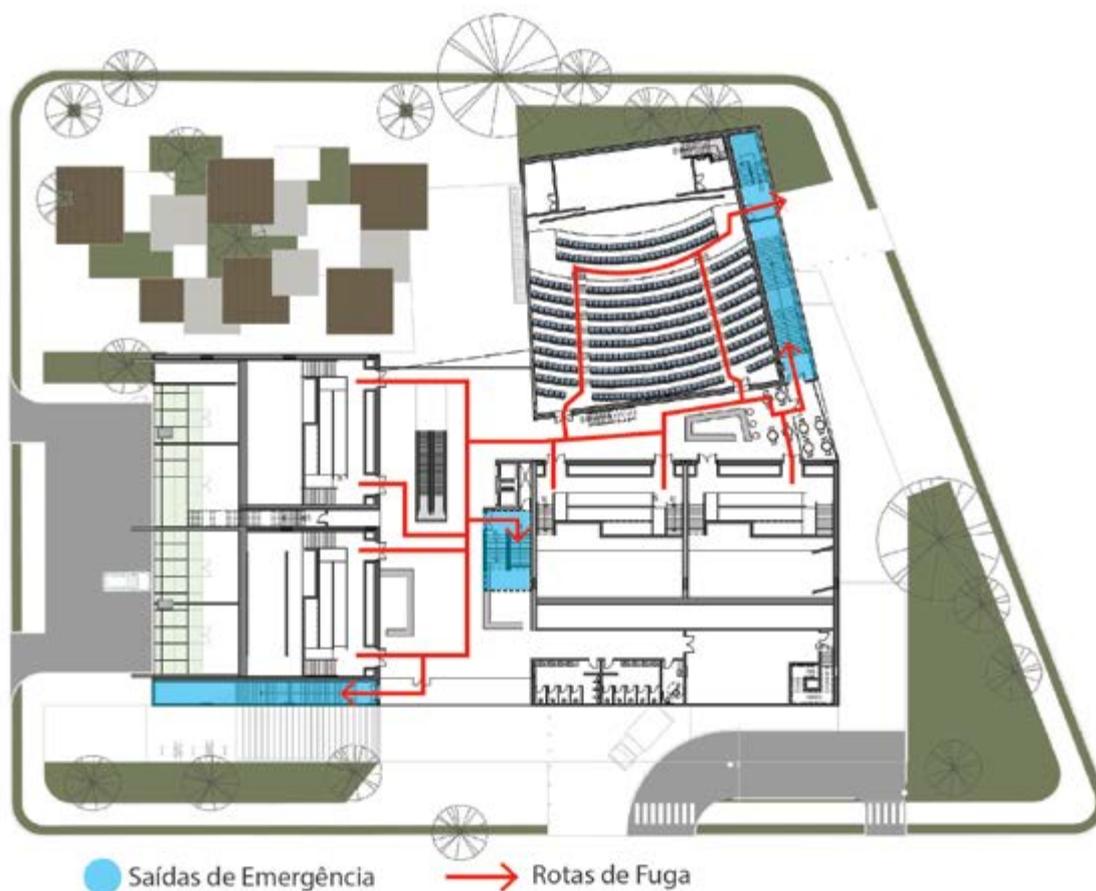


Figura 79. Esquema de rotas de fuga.

incêndio na edificação. Estes documentos se encontram no APÊNDICE deste trabalho.

- **Ar condicionado**

Serão utilizados condicionadores de ar do tipo modulares, equipamentos com compressores scroll de alta eficiência, para uso em casa de máquinas. A renovação de ar será através de tomada de ar exterior dotada de damper regulador de vazão com sistema de filtragem classe G4. Os condensadores estão todos instalados na cobertura do

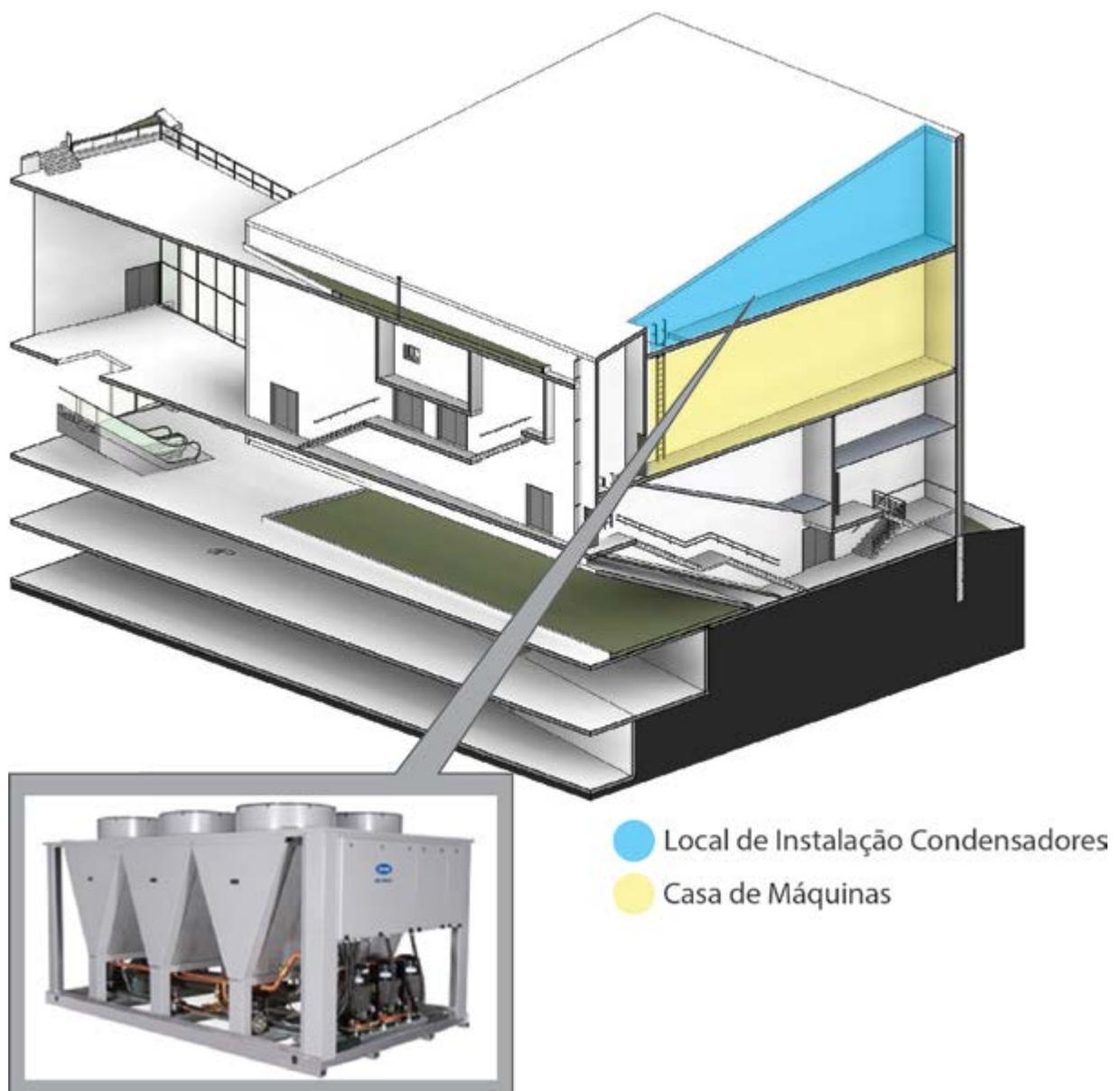


Figura 80. Esquema de implantação do ar condicionado no cineteatro.

Complexo, nas lajes de cada bloco. Para mais informações, um pequeno memorial deste



Figura 81. Vista do prédio no cruzamento da Av. Barão de Studar com a R. Júlio Siqueira.



Figura 82. Vista do edifício da R. Adolfo Pinheiro.



Figura 83. Vista do Cinema a Céu Aberto.

5

CONCLUSÃO



Estudar um tema que nunca foi abordado durante o curso, e rebater na forma de projeto utilizando de todo o conhecimento obtido ao longo desses últimos anos, foi realmente algo muito interessante para mim. O estudo do desenvolvimento do cinema, de seus altos e baixos, me permitiram ter uma conexão especial com o Complexo de Artes Audiovisuais. Muitos de meus desejos e de características que considero importantes de se ter em uma edificação foram inseridos neste projeto, apesar de algumas vezes não estarem tão expressas nos desenhos e textos. Procurei estudar diversas áreas que envolvem a concepção de um projeto arquitetônico, para que se aproximem ao máximo da realidade imposta semelhante às outras edificações de Fortaleza, e ainda assim criar algo interessante e fora do eixo.

Espero que este projeto inspire muitos outros amantes do cinema assim como a sétima arte me conquistou cada mais após a realização deste trabalho!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Aguiar, Douglas. Urbanidades. Rio de Janeiro, RJ: Folio Digital: Letra e Imagem, 2012.

Leite, Ary Bezerra. A Tela Prateada. Fortaleza: Carla Pereira De Castro, 2011.

Leite, Ary Bezerra. Fortaleza a era do Cinema Pesquisa Histórica - Vol. 01 - 1891-1931: Leitura da Cultura, 1995.

Bloomer, K.; Moore, C. Body, memory, and architecture. New Haven: Yale University Press, 1977.

Canclini, Néstor García. Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006.

Costa, Lúcio. Considerações sobre Arte Contemporânea. Rio de Janeiro, RJ, 1952. Disponível em: < <http://www.jobim.org/lucio/handle/2010.3/4097>> Acesso em: 25 de julho de 2014

Grau, O. Arte Virtual – da ilusão à imersão. São Paulo, SP: Senac, 2007.

Littefield, D. Manual do Arquiteto: Planejamento, Dimensionamento e Projeto. Porto Alegre, RS: Bookman, 2011.

Menotti, G. ARQUITETURA DA ESPECTAÇÃO: A construção histórica da Situação Cinema nos espaços de exibição cinematográfica. Revista Eletrônica Ciber Legenda, v. 18, n. 1, 2007. Disponível em: <<http://www.uff.br/ciberlegenda/ojs/index.php/revista/article/view/187>> Acesso em: 20 de maio de 2015.

Neto, O. A. da S. Cinemas de Rua de Porto Alegre. Mestrado - UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2001.

Norberg-Schulz, C. Intentions in architecture. Cambridge, Mass.: M.I.T. Press, 1966.

Silva, M. I. Nas telas da cidade: salas de cinema e vida urbana na Fortaleza dos anos 1920. Mestrado – UFC – Universidade Federal do Ceará, 2007.

S. M. Monsores, C. A Melhor Diversão? Para Quem? Consumo De Cinema No Brasil Após A Chegada Dos Multiplexes. Mestrado - Universidade Federal Fluminense, 2011.

Uffelen, C. Cinema architecture. Salenstein: Braun, 2009.

ZEVI, B. Saber ver a arquitetura. São Paulo, SP: Martins Fontes, 1996.

Websites:

Diário do Nordeste, Tempo de inovações - Caderno 3 - Diário do Nordeste. Disponível em: <<http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/cadernos/caderno-3/tempo-de-inovacoes-1.664084>>. Acesso em: 25 jul. 2014.

Opovo.com.br, Arqueologia de um cinema | O POVO. Disponível em: <<http://www.opovo.com.br/app/opovo/vidaearte/2014/02/11/noticiasjornalvidaearte,3204652/arqueologia-de-uma-cinema.shtml>>. Acesso em: 29 jul. 2014.

Garcia, F. Fortaleza em Fotos e Fatos: Os Primeiros Cinemas. Disponível em: <<http://www.fortalezaemfotos.com.br/2012/07/os-primeiros-cinemas.html>>. Acesso em: 3 jun. 2015.

APÊNDICE

APÊNDICE A

PROGRAMA DE NECESSIDADES - COMPLEXO DE ARTES AUDIOVISUAIS DE FORTALEZA

CINEMA/EVENTOS/LOJAS					
Nº	NOME DO AMBIENTE	ÁREA ESTIMADA (m ²)	ÁREA+15% CIRCULAÇÃO (m ²)	Nº DE PESSOAS	ÁREA OBTIDA (m ²)
01	BILHETERIA	30,00	34,50	3	11,61
02	HALL CINEMAS	500,00	575,00	-	491,97
03	BOMBONIERE	60,00	69,00	3	19,07
04	03x BANHEIRO CINEMA (01 p/ cada pav. construido)	110,00	126,50	-	70,66
05	01x TEATRO MULTIFUNCIONAL (463 lugares)	1200,00	1380,00	463	644,59
06	04x SALAS DE CINEMA COMUM (165 lugares)	1080,00	1242,00	660	906,80
07	05x CABINE DE PROJEÇÕES	250,00	287,50	3	190,72
08	CINEMA A CÉU ABERTO NO TERRAÇO (180 lugares)	150,00	172,50	180	786,04
09	LOBBY EVENTOS	200,00	230,00	-	117,90
10	AUDITÓRIO (100 LUGARES)	170,00	195,50	100	118,61
11	ESPAÇO MULTIUSO P/ EVENTOS E PRODUÇÃO DE FILMES (200 lugares)	550,00	632,50	200	263,65
12	04xLOJAS	422,00	485,30	20	419,05
13	CAFETERIA	50,00	57,50	15	35,05
TOTAL		4.772,00	5.487,80	1.647	4.075,72

PRAÇA					
Nº	NOME DO AMBIENTE	ÁREA ESTIMADA (m ²)	ÁREA+15% CIRCULAÇÃO (m ²)	Nº DE PESSOAS	ÁREA OBTIDA (m ²)
01	AREAS DE CONVIVÊNCIA (variável)	1000,00	1150,00	-	1.225,30
TOTAL		1000,00	1.150,00	-	1.225,30

ADMINISTRATIVO					
Nº	NOME DO AMBIENTE	ÁREA ESTIMADA (m ²)	ÁREA+15% CIRCULAÇÃO (m ²)	Nº DE PESSOAS	ÁREA OBTIDA (m ²)
01	SALA DE ESPERA	20,00	23,00		
02	03x ESCRITÓRIOS	60,00	69,00	10	68,00
03	TREINAMENTO DE FUNCIONÁRIOS	20,00	23,00		
04	COPA	15,00	17,25	5	12,50
05	02x VESTIÁRIO	100,00	115,00		37,44
TOTAL		215,00	247,25	15,00	117,94

ESTACIONAMENTO			
Nº	NOME DO AMBIENTE	ÁREA ESTIMADA (m ²)	ÁREA OBTIDA (m ²)
01	ESTACIONAMENO (174 VAGAS) 1vaga/10 assentos + 7 extras	2500,00	4375,04
02	BICICLETÁRIO (22 vagas) 1vaga/100assentos + 5 extras	-	-
TOTAL		2.500,00	4375,04

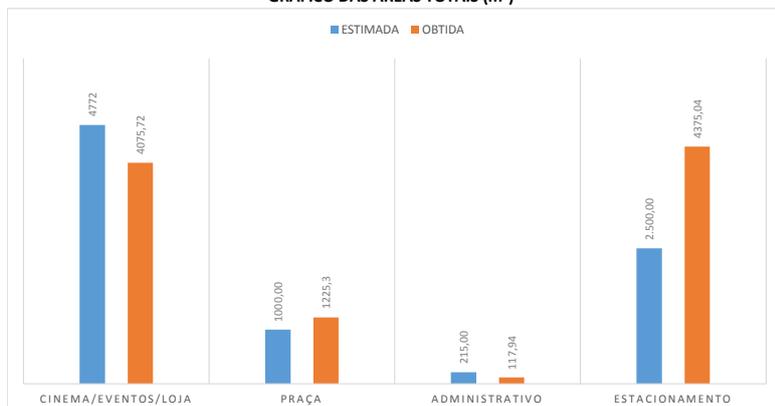
TOTAL GERAL PREVISTO (m ²)	TOTAL GERAL OBTIDO (m ²)
9.385,05	9.794,00

ÁREA TOTAL DO TERRENO	ÁREA OCUPADA (m ²)
5.253,91	
ÁREA MAX DE OCUPAÇÃO 60% (m ²)	2.878,68
ÁREA C/ ÍNDICE DE APROV. (2.5)	
13134,775	

PAVIMENTO TÉCNICO		
Nº	NOME DO AMBIENTE	
01	CAIXA DAGUA (2L por lugar) x 2 dias	6.472,00 L
02	CENTRAL DE AR CONDICIONADO (3x 150TR)	-
03	OFICINAS	-
04	GERADOR	-
05	DOCAS	-

POP. MÁXIMA NO EDIFÍCIO
1.662

GRÁFICO DAS ÁREAS TOTAIS (m²)

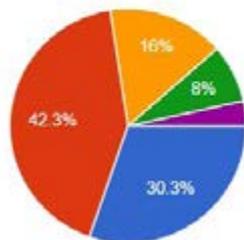


APÊNDICE B

QUESTIONÁRIO ONLINE

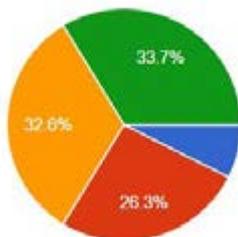
Em agosto de 2014 foi criado um questionário de nove perguntas relacionadas ao ato de ir ao cinema. No total, 175 pessoas responderam diversas perguntas sobre o ato de ir ao cinema. Estes foram os resultados:

Qual a sua idade?



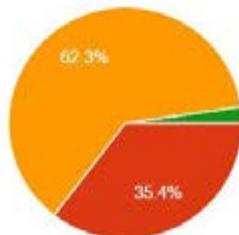
15-20	53	30.3%
21-25	74	42.3%
26-30	28	16%
31-35	14	8%
36 ou mais	6	3.4%

Com que frequência você costuma ir ao cinema?



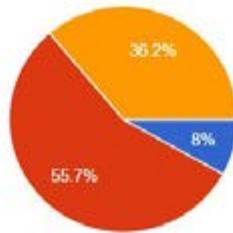
4 (quatro) vezes ou mais por mês	13	7.4%
2 (duas) a 3 (três) vezes por mês	46	26.3%
1 (uma) vez por mês	57	32.6%
Não costumo ir ao cinema com frequência	59	33.7%

Qual o horário que você costuma ir ao cinema?



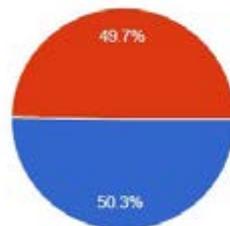
Manhã	0	0%
Tarde	62	35.4%
Noite	109	62.3%
Madrugada	4	2.3%

Você costuma ir ao cinema acompanhado ou sozinho?



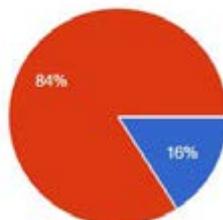
Sozinho	14	8%
Acompanhado com parceiro(a) ou namorado(a)	97	55.7%
Com amigos ou família	63	36.2%

Você está satisfeito com a experiência de ir ao cinema em Fortaleza?



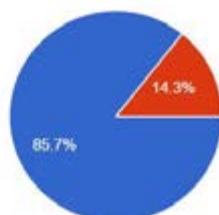
Sim	88	50.3%
Não	87	49.7%

Você já foi à uma exibição de cinema a céu aberto?



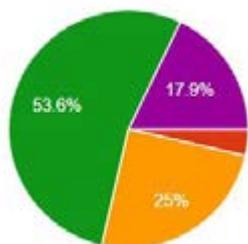
Sim	28	16%
Não	147	84%

Se não, tem interesse em ir a uma exibição de cinema a céu aberto?



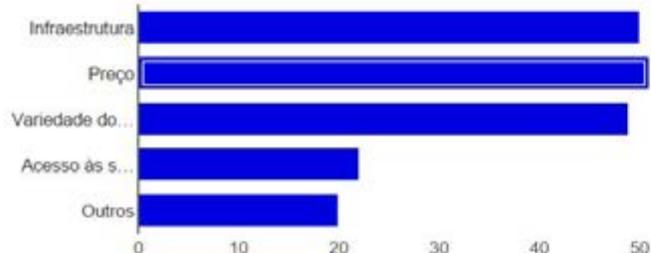
Sim	126	85.7%
Não	21	14.3%

Se sim, o que você acha que diferencia o cinema a céu aberto do cinema fechado (multiplex)?



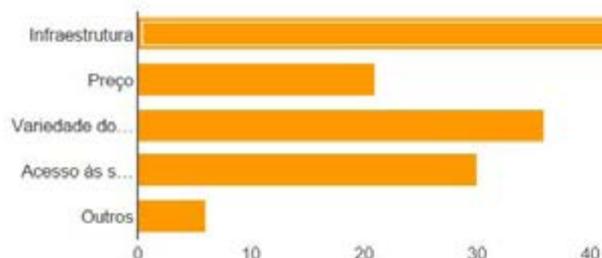
É mais confortável	0	0%
É mais barato	1	3.6%
É novidade	7	25%
Possibilita uma maior convivência entre os espectadores	15	53.6%
Outros	5	17.9%

Se você não está satisfeito, o que você considera como mais insatisfatório nos cinemas daqui?



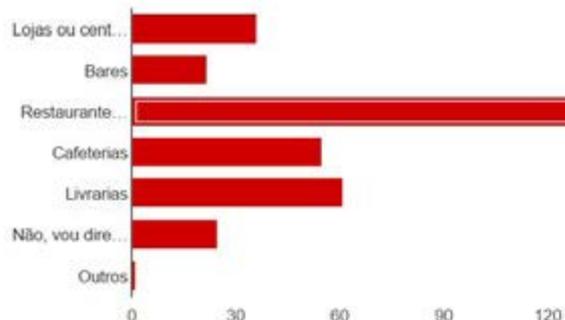
Infraestrutura	50	57.5%
Preço	51	58.6%
Variedade dos Filmes	49	56.3%
Acesso às salas de cinema	22	25.3%
Outros	20	23%

Se você está satisfeito, o que você considera como mais satisfatório nos cinemas daqui?



Infraestrutura	45	51.1%
Preço	21	23.9%
Variedade dos Filmes	36	40.9%
Acesso às salas de cinema	30	34.1%
Outros	6	6.8%

Quando você planeja ir ao cinema, você costuma ir em algum lugar antes ou depois do filme?



Lojas ou centros comerciais	36	20.6%
Bares	22	12.6%
Restaurantes ou lanchonetes	139	79.4%
Cafeterias	55	31.4%
Livrarias	61	34.9%
Não, vou direto para casa	25	14.3%
Outros	1	0.6%

APÊNDICE C

Entrevista com Juliana Ribeiro

Nesta entrevista, conversei com a arquiteta Juliana Ribeiro, formada na UFC e se especializou na área de Cenografia e Direção de Arte, onde já participou de diversos projetos em Fortaleza e principalmente em São Paulo. Faço algumas perguntas relacionadas à produção de conteúdo audiovisual e sobre festivais de cinema. Além de mim e a entrevistada, a professora Mariana Lima também está presente para acompanhar a conversa. Algumas perguntas e respostas tiveram sua ordem editadas para se relacionar com os assuntos discutidos.

Abner: Qual a sua profissão?

Juliana: Trabalho com cenografia de peças de teatro, programa de TV, exposições, instalação de artista para museu, comercial, publicidade, cinema, vídeo clipe.

Abner: O que caracteriza um estúdio de gravação?

Juliana: Um estúdio nada mais é uma sala com um pé-direito alto, de pequeno à médio porte, com pé direito de até quatro metros, com as paredes pintadas de cor de chroma key ou brancas com um fundo infinito. Uma sala vazia.

Abner: Os equipamentos são os produtores que trazem?

Juliana: Sim quando você vai filmar você aluga normalmente o espaço vazio do estúdio e leva tudo que precisa de luz e câmera.

Abner: Precisa de um acesso para os equipamentos também?

Juliana: Normalmente os equipamentos vêm no caminhão. Se você tiver um estúdio médio (5x8m) esse é um espaço que dá para fazer um programa de TV de pequeno porte. Se tiver cenário tem que despachar objetos para construir, então necessário o acesso de caminhão. As pessoas fazem adaptações. Por exemplo: no último cenário que eu fiz não tinha acesso direto de caminhão, tivemos que descarregar as coisas na frente da produtora e levar na mão para dentro. A situação ideal: se você tem um estúdio grande você

pode trabalhar com uma grua dentro, vai precisar de um caminhão maior, vai precisar de mais pessoas, maquinário e equipamentos para fazer o descarrego. O acesso de cargas iria facilitar bastante o trabalho.

Abner: Precisa de depósitos de equipamentos?

Juliana: Se você vai fazer um trabalho que vai durar mais de um dia, você provavelmente vai deixar o equipamento lá, porque você não vai ir montar e depois desmontar para no outro dia ir montar de novo, poderia deixar dentro do estúdio alugado.

Abner: Sobre a produção audiovisual, que espaços você acha que está faltando na cidade?

Juliana: O que eu acho que a gente não tem aqui? Estúdios de gravação, normalmente os que eu conheço aqui na cidade são dentro de produtoras. As produtoras tem seu espaço de gravação ou ela aluga para outras pessoas fazerem gravação. Normalmente estúdios dentro de produtoras são pequenos, não teriam um estúdio grande.

Para trabalhar com a situação ideal você pode trabalhar com um estúdio grande, já que por aqui eu não conheço nenhum.

Um elemento que pode ter: uma ilha de edição que possa ser utilizada por uma pequena produção, para as pessoas que estão fazendo uma curta metragem independente e não tem como editar. Propor uma ilha com edição com bastante máquinas com gravação de áudio para poder fazer edição de som, musica, trilha; seria um espaço "bacana".

O que você pode fazer também, é se pegar um estúdio grande e reverter ele em estúdio menores, com parede móveis que se abrem para virar um estúdio maior, porque não vai ser tão comum você alugar esse espaço grande e vai acabar ficando ocioso. Se tem uma demanda para trabalho específico que precisa de um grande estúdio você pode conseguir recolher essas estruturas internas e transformas em um espaço grande. Ele precisa ser um espaço controlável com relação à luz e a som.

Abner: Se uma empresa oferece esse serviço, como que ela iria organizar isso? Seria por aluguel?

Juliana: Normalmente esses espaços você aluga, acho que estúdio você aluga por diária, mas de repente um estúdio de gravação ou uma ilha pode ser alugado por hora. Você está trabalhando com o privado ou o governamental?

Abner: Privado.

Juliana: Então seria por hora.

Abner: O que você acha dos cinemas daqui em comparação com os de São Paulo?

Juliana: Não tem muita diferença não, as salas do cinema do Via Sul são muito boas, as do Iguatemi eram ruins, não sei se melhoraram. Acho que temos o mesmo padrão de salas, a gente tem um número reduzido de salas, eles têm que seguir o padrão. O que eu acho que acontece é que possuímos um número pequeno de salas, comparado a outras capitais.

Mariana: A gente estava discutindo se a situação melhor eram várias salas pequenas ou menos salas maiores. A vantagem de várias salas pequenas é que você pode expor várias quantidades diferentes, maior variedade.

Juliana: A gente tem uma questão do cinema hoje em dia que é a distribuição, o grande problema do cinema Brasileiro é a distribuição. Tem uma quantidade de salas razoável que não é o ideal para o tamanho da população, mas como elas são sempre franquias, eles tem sempre uma programação fechada com os grandes blockbusters. Então os filmes de menor acesso você não conseguiu exibir e isso entra quase toda a produção nacional. O que acontece, alguns filme se fecham para exibir esse tipo de filme, como o cinema Dragão do Mar, o cinema do Itaú Cultural, eles tem esse proposito e ter salas menores. Neste locais você sempre vai encontrar filme de menor público sendo exibidos primordialmente.

Tudo depende do tipo de gestão que você está fazendo. Se você quer valorizar esse outro tipo de produção também, você pode ter algumas salas menores, que seja dedicada a esse cinema que eles gostão de chamar de cinema de arte. O que Fortaleza sofre hoje em dia é acesso a esse outro tipo de programação.

Mariana: O que é considerado pequeno? Tipo 100, 200 poltronas?

Juliana: Por ai; entre 100 e 200 poltronas. O Rio tem uma rede de cinemas de rua, eles têm uma sala só de cinema que é dentro do shopping da Gávea e todas as outras sedes deles são na rua: tem dois no Botafogo e no Ipanema. É uma franquia que só tem no Rio de Janeiro com salas mais ou menos do tamanho das salas do Dragão do Mar, todas desse mesmo padrão. A única que exhibe filmes blockbuster é a sala que está dentro do shop-

ping da Gávea. Todas as outras da “rua” exibem filmes autorais. Eles tem umas 4 ou 5 sedes funcionando.

Abner: Em meu projeto irei tentar implantar um Cine Teatro, como estão fazendo com o São Luiz. Seria um espaço adaptável para apresentações de música, cinema e teatro.

Juliana: Eu conheço algumas salas que são adaptáveis, por exemplo, uma das salas de cinema da Cinemateca, em São Paulo, a maior sala de exibição de lá tem as laterais com as janelas originais do prédio. Quando eles vão fazer a sala de cinema, eles descem várias cortinas automáticas, que escurecem a sala inteira, e depois descem a tela de projeção.

O Cine SESC tem a melhor sala de projeção em São Paulo, a tela é bem grande. Ele tem uma área atrás fechada envidraçada que possui um bar. Você paga o ingresso, entra na sala e pode entrar nessa área de trás, no bar, então você pode comer e beber quanto assiste ao filme ou você pode ficar na plateia normal assistindo o filme.

O filme que você já viu ou você está indo apresentar um filme, você não assiste seu filme de novo, você aproveita aquele tempo para conversar com as pessoas, para fazer contato, conversar com distribuidores, ao mesmo tempo você tem que estar ali, dentro da seção porque é seu filme que está sendo assistido, então você consegue conversar nesse espaço ou falando sobre o filme.

Abner: Eu havia pensado em um auditório para acontecer esse bate papo depois, mas esse espaço é melhor.

Mariana: Esse espaço não elimina o auditório é outro tipo de interação. Esse espaço é interessante porque você tem que estar presente, mas não necessariamente vendo o filme.

Juliana: Um espaço desse tipo permite a possibilidade de ter festivais acontecendo, esses eventos estão crescendo. Temo o Cine Ceará, dentro do Theatro José de Alencar, mas depende da programação. Esse ano será no Dragão do Mar, mas não sei como será a logística. Porque o cinema está desvinculado com o restante dos espaços. Aqui na cidade não tem um lugar que a gente possa condensar todas as pessoas para que possa conversar sobre aquele cinema que está acontecendo.

Mariana: Ele estava pensando em uma área coberta onde pudesse ter eventos, festas, lançamentos, festival, cinema a céu aberto.

Abner: O partido do meu projeto é a praça, o convívio, então vai ter esses espaços aber-

tos que vão ser o local de encontro. Vai ter um foyer, um espaço fechado, mas tudo vai se voltar para essa praça. Vai ter espaço de convivência, auditórios, área para lanchonetes, eles se integram através desse espaço público.

Juliana: Os cinemas mais legais de fazer esses festivais que eu vejo em São Paulo são dois: um que tem um acesso ótimo na Augusta, o Itaú da Augusta; e o outro que é na zona Sul, meio longe, mas tem uma configuração mais ou menos parecida. Eles têm um teatro fechado, com um foyer grande no meio, salas com exibição com acessos ao redor, o café é uma livraria, tem a bilheteria e um grande espaço vazio no meio.

Abner: Assistir filme é uma experiência solitária, você assiste em casa ou fica na sala escura, não interage muito. Acho que esses eventos são perfeitos para encontrar os amantes do cinema. Na sua opinião, o que você acha que falta em Fortaleza na área de produção e exibição de conteúdo audiovisual?

Juliana: Com relação à produção: estúdios de maior porte. Com relação à exibição: falta salas menores para exibição de cinema autoral e esses espaços de convivência para realizar eventos sobre cinema, que seria uma grande acréscimo. Esses espaços estão começando a ter que aparecer.

Mariana: É um processo que a oferta gera uma demanda, quando você oferece um complexo desse tipo você faz com que outras pessoas que nem eram tão associadas a esse meio se aproximem e tenham interesse também.

Juliana: Outro fato que eu acho legal de você ter também salas com programação popular é porque você pode atrair um público que não iria para esse tipo de espaço, passar a frequentar e ter a oportunidade de escolher o filme. O Itaú tem um espaço que passa filmes mais diferentes, mais fora do eixo, mas ele também passa filmes que ele sabe que vai atrair público de vez em quando, principalmente porque é dentro do shopping, tem que se manter. Não dá para colocar um cinema só desse porte, desse tamanho, com essa estrutura, só com filme independente porque você não conseguir público para isso.

Abner: Bom, eu acho que é isso. Muito obrigado por ter respondido às minhas perguntas!

APÊNDICE D

MEMORIAL DE AR CONDICIONADO

AUDITÓRIO/CINETEATRO/CINEMAS

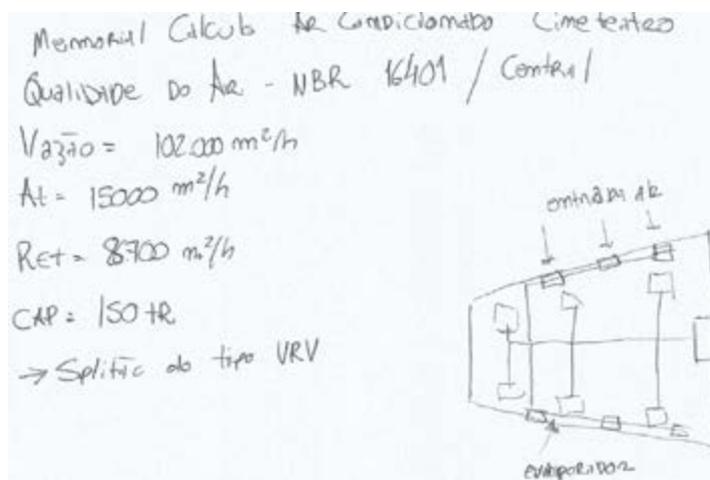
Os ambientes serão beneficiados por equipamentos do tipo VRV (Volume de Refrigerante Variável) devido ao seu uso coletivo e demanda de carga térmica variável. As unidades condensadoras serão instaladas em casa de máquinas conforme projeto.

Os fatores apresentados a seguir foram determinantes para a escolha desta opção:

Utilização de gás refrigerante ecológico isento de cloro;

Menor potência elétrica instalada do sistema global, com conseqüente consumo menor de energia e menor custo de instalação de subestação, devido ao seu uso coletivo e demanda de carga térmica variável.

Nível de ruído reduzido, face a implantação de novos projetos na linha de fabricação dos ventiladores resultando no funcionamento silencioso.



APÊNDICE E

Calculo de saída de emergencia

Grupo	Ocupação/Usos	Divisão	Descrição	Exemplos
P	Locais de reunião de público	F-3	Centros esportivos	Estádios, ginásios e piscinas cobertas com arquibancadas, arenas em geral
		F-4	Estações e terminais de passageiros	Estações rodoviárias, aeroportos, estações de trem e metrô e outros
		F-5	Locais para produção e apresentação de artes cênicas	Teatros em geral, cinemas, operas, auditórios de estudos de rádio e televisão e outros
		F-6	Clubes sociais	Bretes e clubes noturnos em geral, clubes de tênis, restaurantes, danceterias, clubes sociais e assembléias
		F-7	Construções provisórias	Circos e assembléias
		F-8	Locais para refeições	Restaurantes, lanchonetes, bares, cafés, restaurantes, cantinas e outros

Tabela 2 - Classificação das edificações quanto à altura

Código	Nome	Altura máxima (m)
K	Edificações baixas	H ≤ 4,00 m
M	Edificações de média altura	4,00 m < H ≤ 12,00 m
N	Edificações medianamente altas	12,00 m < H ≤ 30,00 m
O	Edificações altas	H > 30,00 m ou
		Edificações elevadas de pavimentos isolados em relação ao pavimento térreo, de tal forma que os eixos dos bombamentos não possam atingir 30,00 m, ou instaladas em locais onde é impossível a acesso de altura de bombeiros, desde que sua altura seja H > 12,00 m

Tabela 3 - Classificação das edificações quanto às suas dimensões em planta

Natureza de envoltório	Código	Classe de edificação	Parâmetros de área
Quanto à área de maior pavimento (A _i)	P	De pequeno pavimento	A _i ≤ 750 m ²
	O	De grande pavimento	A _i > 750 m ²
Quanto à área dos pavimentos situados abaixo da soleira de entrada (A _j)	R	Com pequeno subsolo	A _j ≤ 500 m ²
	S	Com grande subsolo	A _j > 500 m ²
Quanto à área total S _t (soma das áreas de todos os pavimentos da edificação)	T	Edificações pequenas	S _t ≤ 750 m ²
	U	Edificações médias	750 m ² < S _t ≤ 1500 m ²
	V	Edificações grandes	1500 m ² < S _t ≤ 5000 m ²
	W	Edificações muito grandes	A _t > 5000 m ²

Tabela 4 - Classificação das edificações quanto às suas características construtivas

Código	Tipo	Especificação	Exemplos
X	Edificações em aço e propagação de fogo e fumaça	Edificações com estrutura e metacapa combustíveis	Prédios estruturados em aço, com proteção de ferrugem, pavilhões em áreas de estadia ferroviária e outros
		Edificações com estrutura resistente ao fogo, mas com fácil propagação de fogo entre os pavimentos	Edificações com paredes-cortinas de alvenaria (concreto), edificações com paredes com proteção estrutural entre vigas e pilares com alvenaria de alvenaria tipo "cunha" menor que 1,00 m, ou com gárgulas elevadas e vãos abertos e outros
Y	Edificações em concreto armado	Prédios com estrutura resistente ao fogo e isolamento entre pavimentos	Prédios com concreto armado: calculado para resistir ao fogo, com detalhes incompatíveis, sem divisões lineares, com perigosos de alvenaria nos acessos de emergência e outros, protegendo as entradas e saídas

Nota: Os prédios devem permanecer, ser sempre protegidos e evitados dentro do tipo "Z".

Dimensão	P (área de pavimento < 750 m ²)										O (área de pavimento > 750 m ²)											
	Altura		K		L		M		N		O		K		L		M		N		O	
Ocupação	Gr.	Div.	N ^o	N ^o	Tipo esc.	N ^o	Tipo esc.	N ^o	Tipo esc.	N ^o	Tipo esc.	N ^o	Tipo esc.	N ^o	Tipo esc.							
																						E-1
E-2	1	1	NE	1	NE	1	PF	2	PF	2	2	NE	2	EP	2	PF	3	PF				
E-3	1	1	NE	1	NE	1	PF	2	PF	2	2	NE	2	EP	2	PF	3	PF				
E-4	1	1	NE	1	NE	1	PF	2	PF	2	2	NE	2	EP	2	PF	3	PF				
E-5	1	1	NE	1	EP	2	PF	2	PF	2	2	NE	2	EP	2	PF	3	PF				
E-6	2	2	NE	2	EP	2	PF	2	PF	2	2	NE	2	EP	2	PF	3	PF				
F-1	1	1	NE	1	EP	2	PF	2	PF	2	2	EP	2	EP	2	PF	2	PF				
F-2	1	1	NE	1	EP**	2	PF	2	PF	2	2	NE	2	EP	2	PF	2	PF				
F-3	2	2	NE	2	NE	2	NE	2	PF	2	2	NE	2	EP	2	PF	2	PF				
F-4	1	1	T	1	T	1	T	1	T	1	1	T	1	T	1	T	1	T				
F-5	2	2	NE	2	EP	2	PF	2	PF	2	2	EP	2	EP	2	PF	3	PF				
F-6	2	2	EP**	2	EP	2	PF	2	PF	2	2	EP	2	EP	2	PF	2	PF				
F-7	2	2	NE	2	EP	2	PF	2	PF	2	2	NE	2	EP	2	PF	2	PF				
F-8	1	1	NE	2	EP	2	PF	2	PF	2	2	EP	2	EP	2	PF	2	PF				

NE = Escada não enclausurada (escada comum);

EP = Escada enclausurada protegida (escada protegida);

PF = Escada à prova de fumaça;

Grupo	Divisão	População ⁽¹⁾	Capacidade da U. de passagem		
			Acesso e descarga	Escadas ⁽²⁾ e rampas	Portas
A	A-1, A-2	Duas pessoas por dormitório ⁽³⁾	60	45	100
	A-3	Duas pessoas por dormitório e uma pessoa por 4 m ² de área de alojamento ⁽³⁾			
B	-	Uma pessoa por 15,00 m ² de área ⁽³⁾	100	60	160
C	-	Uma pessoa por 3,00 m ² de área ⁽³⁾			
D	-	Uma pessoa por 7,00 m ² de área ⁽³⁾	30	22	30
E	E-1 a E-4	Uma pessoa por 1,50 m ² de área ⁽³⁾			
F	E-5, E-6	Uma pessoa por 1,50 m ² de área ⁽³⁾	100	75	100
	F-1	Uma pessoa por 3,00 m ² de área ⁽³⁾			
	F-2, F-3, F-4	Uma pessoa por m ² de área ⁽³⁾			
	F-3, F-4, F-7	Duas pessoas por m ² de área ⁽³⁾ (1,8,5 m ²)			
F-4	-	1 ⁽⁴⁾			

Cinemas+Cinemas à Céu Aberto (800 pessoas no 1o pav)

Escadas: $800/75 = 10,66$

$$10,66 \times 0,55 = 5,86 \text{ m}$$

Resultado: 03 escadas protegidas de 2m de largura

Numero de Portas;

Cinema (165 lugares) $165/100 = 1,65 \rightarrow 2$ portas de 1m

Cineteatro (463 lugares) $463/100 = 4,63 \rightarrow 4$ portas de 1,5m

ANEXOS

ANEXO A

Guia da Associação Brasileira de Cinema para projeto.

ABC - RT - 001 - P - 2009 [REV. NOV2009]

4 Aspectos físicos da sala de projeção

4.1 Dimensões da tela:

4.1.1 A largura (L) da tela de projeção deve ser igual ou, preferencialmente, superior à metade da distância (D) entre a tela e face anterior do encosto da poltrona instalada na última fileira. Alternativamente, é aceitável que a largura (L) seja igual ou, preferencialmente, superior à distância (D) dividida por 2,9. (FIGURA 1)

$$L \geq D \div 2,0 \text{ (recomendável)}$$

$$L \geq D \div 2,9 \text{ (aceitável)}$$

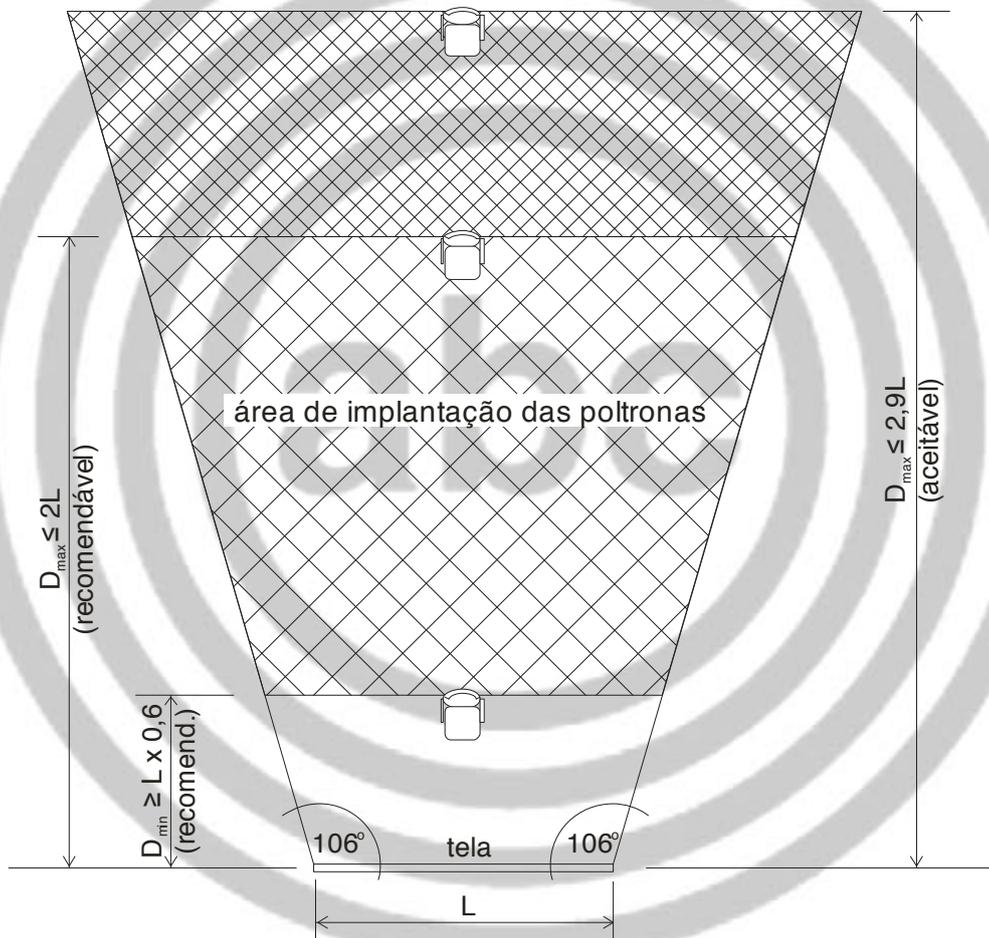


FIGURA 1 – Área de implantação das poltronas

4.1.2 A tela de projeção pode ser plana ou curva. Sendo curva, o seu raio de curvatura (R) deve ser superior a duas vezes a distância (D) entre a tela e a face anterior do encosto da poltrona mais afastada da tela.

$$R > 2 D$$

4.2 Implantação das poltronas:

4.2.1 A distância mínima (D_{\min}) entre a tela de projeção e a poltrona mais próxima a ela deve ser igual ou, preferencialmente, superior a 60% da largura (L) da tela no formato 1:2,35. (FIGURA 1)

$$D_{\min} \geq L \times 0,6$$

4.2.2 Os ângulos máximos de visão do espectador sentado na poltrona mais próxima da tela devem ser iguais ou, preferencialmente, inferiores a:

- 30 graus em relação a um plano horizontal (α) que passe pelo centro da altura da tela;
- 40 graus em relação a um plano horizontal (β) que passe pela borda superior da tela.

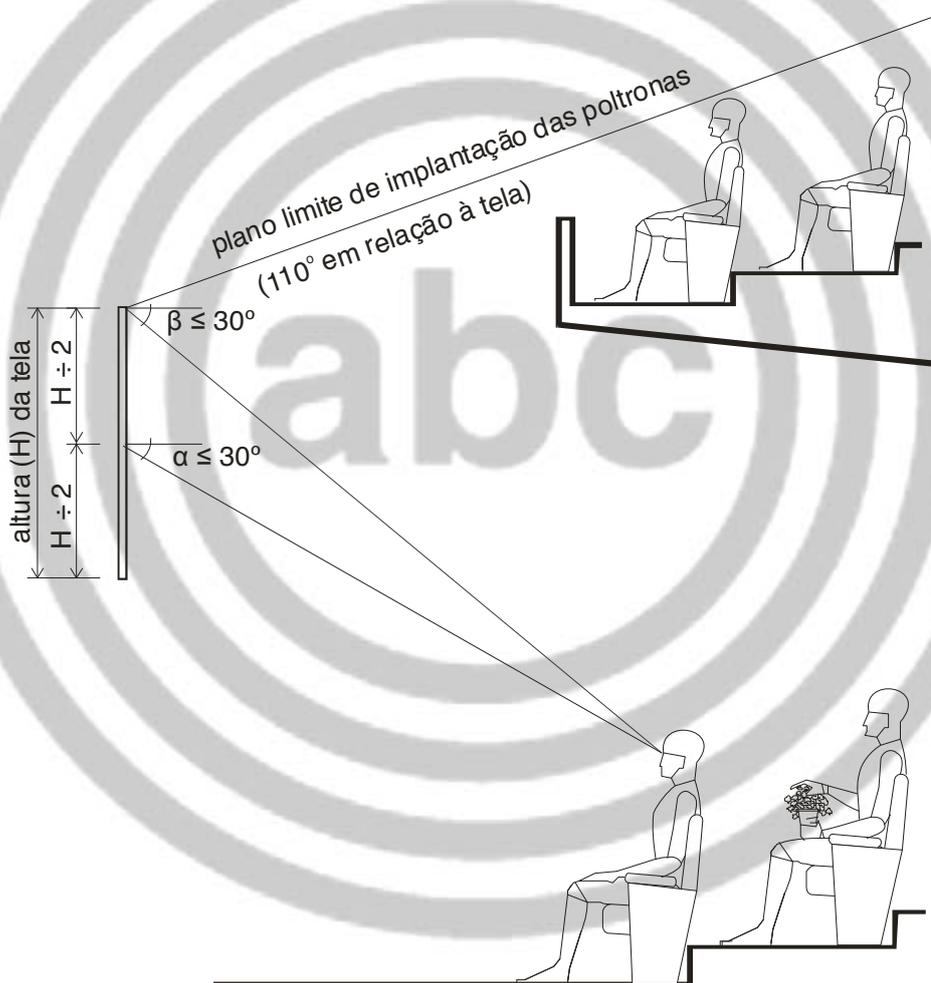


FIGURA 2 – Ângulos de visão à tela

4.2.3 A distância máxima (D_{max}) entre a tela de projeção e face anterior do encosto da poltrona mais afastada da tela deve ser igual ou, preferencialmente, inferior ao dobro da largura (L) da tela de projeção, sendo aceitável que a distância máxima (D_{max}) seja igual ou, preferencialmente, inferior a 2,9 vezes a largura (L) da tela. (FIGURA 1)

$$D_{max} \leq L \times 2,0 \text{ (recomendado)}$$

$$D_{max} \leq L \times 2,9 \text{ (aceitável)}$$

4.2.4 Todos os assentos devem estar compreendidos, em planta baixa, entre dois planos verticais que passem pelas extremidades laterais da tela formando um ângulo (γ) de 106° com o plano da tela. (FIGURA 1)

4.2.5 Todas as linhas de visão devem estar compreendidas, em corte longitudinal, abaixo de um plano que passe pela borda superior da tela, inclinado 110° em relação ao plano da tela. (FIGURA 2)

4.2.6 As poltronas devem ser dispostas de forma a se garantir um escalonamento visual igual ou, preferencialmente, superior a 0,15m (correspondente à distância entre o topo da cabeça e o nível dos olhos), considerando-se uma altura de 1,20m entre o nível dos olhos e o piso. (FIGURA 3)

As poltronas devem ser intercaladas entre fileiras dispondo-as de modo que num grupo de cinco poltronas quatro formem um retângulo e uma fique no centro. (FIGURA 4)



FIGURA 3 – Escalonamento visual

4.2.7 O ângulo θ formado pelo eixo perpendicular ao plano do encosto da poltrona e uma reta perpendicular ao centro da largura da tela, para cada poltrona, deve ser igual ou, preferencialmente, inferior a 15° . (FIGURA 4)

$$\theta \leq 15^\circ$$

4.2.8 O espaçamento entre as poltronas, medido da face anterior de um determinado encosto até a face anterior do encosto imediatamente à frente (ou atrás) deve ser igual ou, preferencialmente, superior a 1,00m. (FIGURA 4)

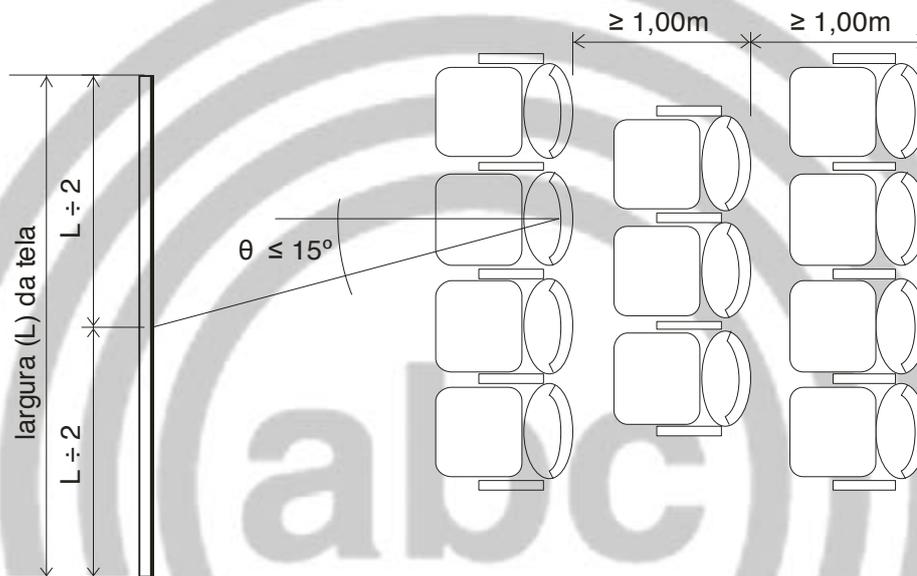


FIGURA 4 – Implantação das poltronas

4.3 Implantação da cabine de projeção:

4.3.1 A distorção trapezoidal horizontal (DT_{horz}) da imagem projetada provocada pela inclinação horizontal do eixo óptico de projeção em relação ao plano vertical passando pelo centro da tela deve ser, preferencialmente, inferior a 3%, sendo tolerável um valor máximo de 5%, desde que a relação entre a distância de projeção (D_{proj}) e a altura da imagem projetada na tela (H_{img}) seja maior do que 4.

$$DT_{horz} \leq 3\% \text{ (recomendada)}$$

$$DT_{horz} \leq 5\% \text{ (tolerável, se } D_{proj} \div H_{img} > 4)$$

4.3.2 A distorção trapezoidal vertical (DT_{vert}) da imagem projetada provocada pela inclinação vertical do eixo óptico de projeção em relação ao plano horizontal passando pelo centro da tela deve ser, preferencialmente, inferior a 3%, sendo tolerável um valor máximo de 5%.

$$DT_{vert} \leq 3\% \text{ (recomendada)}$$

$$DT_{vert} \leq 5\% \text{ (tolerável)}$$

OBS: A distorção trapezoidal é calculada a partir da seguinte fórmula:

$$\text{Distorção trapezoidal horizontal (DT}_{\text{horz}}) = (H \operatorname{sen} \alpha) \div (D' \operatorname{cos} \alpha)$$

$$\text{Distorção trapezoidal vertical (DT}_{\text{vert}}) = (L \operatorname{sen} \beta) \div (D' \operatorname{cos} \beta)$$

Onde:

L = largura da tela

H = altura da tela

D' = distância de projeção

α = ângulo de projeção horizontal

β = ângulo de projeção vertical

OBS: Embora alguns sistemas de projeção eletrônica disponham de funções para compensação das distorções da imagem, produzidas pelas angulações laterais ou verticais, é recomendável que a lente do projetor fique posicionada no interior da área definida por planos perpendiculares passando pelas bordas horizontais e verticais da tela de projeção. (FIGURA 5)

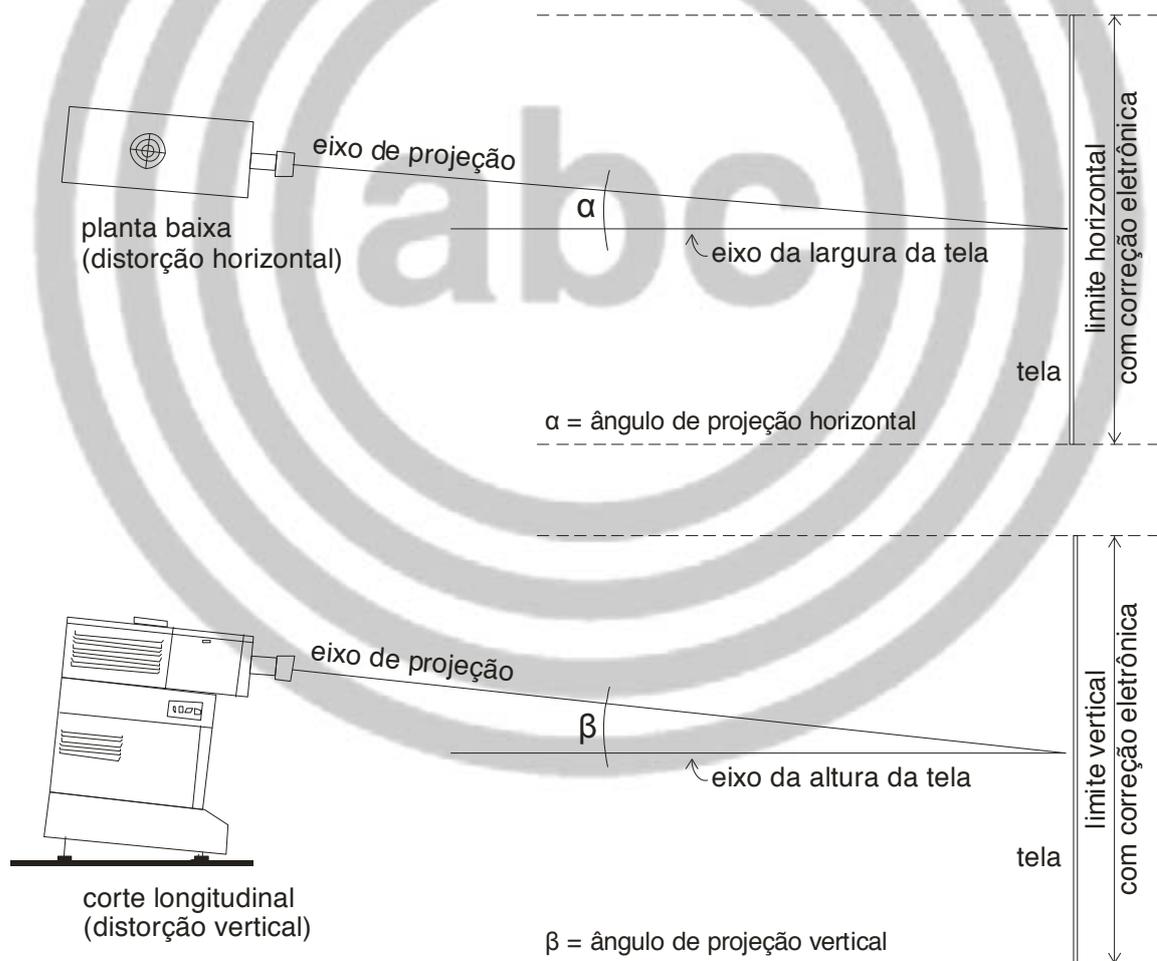


FIGURA 5 – Distorção trapezoidal da imagem projetada

ANEXO B

Legislação local:

LEI DE USO E OCUPAÇÃO DO SOLO DO MUNICÍPIO DE FORTALEZA
ANEXO 5 - INDICADORES URBANOS DA OCUPAÇÃO
TABELA 5.1 MACROZONA URBANIZADA - ZU

MICROZONAS DE DENSIDADE	TAXA DE PERMEABILIDADE (%)	TAXA DE OCUPAÇÃO - T.O. (%)						ÍNDICE DE APROVEITAMENTO - I.A.			ALTURA MÁXIMA DA EDIFICAÇÃO	DIMENSÕES MÍNIMAS DO LOTE			
		RESIDENCIAL		OUTROS	SUB-SOLO	RESIDENCIAL	CSM	RESIDENCIAL		OUTROS		TESTADA	PROFUNDIDADE	ÁREA	
		UNI	MULTI	USOS	USOS	USOS	USOS	USOS	USOS						
ZU 1	CENTRO	20	60	60	60	70	100	25	1,0	3,0	3,0	95,00	5,00	25,00	125,00
ZU 2	ALDEOTA / MEIRELES	20	55	60	60	70	100	25	1,0	2,5	2,5	72,00	5,00	25,00	125,00
ZU 3-1	FÁTIMA / BENFICA	30	55	60	60	60	100	25	1,0	2,0	2,0	72,00	5,00	25,00	125,00
ZU 3-2	ANTÔNIO BELZERSA / PE. ANDRADE	40	45	50	50	50	100	25	1,0	2,0	2,0	72,00	5,00	25,00	125,00
ZU 3-2	VARJOTA / PAPICU	40	45	50	50	50	100	25	1,0	2,0	2,0	72,00	5,00	25,00	125,00
ZU 3-3	VICENTE PINZON	40	45	50	50	50	100	25	1,0	1,0	1,0	48,00	5,00	25,00	125,00
ZU 3-4	PARANGABA / MANUEL SATIRO	40	45	50	50	50	100	25	1,0	1,5	1,5	48,00	5,00	25,00	125,00
ZU 4-1	DIONÍSIO TORRES / SÃO JOÃO DO TALUPE	30	55	60	60	60	100	25	1,0	2,0	2,0	72,00	5,00	25,00	125,00
ZU 4-2	BARRA DO CLARA / ALVARO WEYNE	40	45	50	50	50	100	25	1,0	1,0	1,0	48,00	5,00	25,00	125,00
ZU 4-2	HENRIQUE JORGE / JOÃO XXIII	40	45	50	50	50	100	25	1,0	1,0	1,0	48,00	5,00	25,00	125,00
ZU 4-3	PARQUE DO COCÓ	40	45	-	50	50	-	-	1,0	-	1,0	15,00	8,00	25,00	200,00
ZU 5	CONJUNTO CLARA / GRANJA PORTUGAL	40	45	45	45	50	140	35	1,0	1,0	1,0	48,00	8,00	25,00	200,00
ZU 6	MONTESE / JARDIM AMÉRICA / VILA UNIÃO	30	45	45	45	50	200	50	1,0	2,0	2,0	48,00	6,00	25,00	150,00
ZU 7-1	ALTO DA BALANÇA / AEROLÂNDIA	30	55	60	60	60	200	50	1,0	2,0	2,0	48,00	6,00	25,00	150,00
ZU 7-1	PIGI / MONTE CASTELO / PARQUEILÂNDIA	30	55	60	60	60	200	50	1,0	2,0	2,0	48,00	6,00	25,00	150,00

OBIS. GERAL - Para todo o Município, a Taxa de Permeabilidade poderá ser reduzida até o mínimo de 20% (vinte por cento) da área do lote, desde que a área correspondente à diferença entre este valor e a percentagem definida nesta Tabela seja substituída por área equivalente de absorção, através da instalação de drenos horizontais, sob as áreas edificadas ou pavimentadas e drenos verticais em qualquer ponto do terreno.

ANEXO 6 - CLASSIFICAÇÃO DAS ATIVIDADES PO GRUPO E SUBGRUPO

GRUPO: INSTITUCIONAL

TABELA 6.21 SUBGRUPO - EQUIPAMENTOS PARA CULTURA E LAZER - ECL

CÓDIGO	ATIVIDADE	CLASSE ECL	PORTE (III) m²	Nº MÍNIMO DE VAGAS DE ESTACIONAMENTO DE VEÍCULOS
05.32.41	Centro Social Urbano.	4-PE	Qualquer	1 vaga / 100 m² A.T.
92.13.41	Cinema. (V)	5	Até 500	1 vaga / 20 lugares
		PGT1	501 a 1000	
		PGT2	1001 a 1500	
		PGT3	Acima de 1500	
92.31.21	Teatro. (V)	5	Até 500	1 vaga / 20 lugares
		PGT1	501 a 1000	
		PGT2	1001 a 1500	
		PGT3	Acima de 1500	
92.39.81	Exploração de locais e instalações para diversões - Circo.	4-PE	Qualquer	Será objeto de estudo
92.50.01	Centro de Convenções.	4-PE	Qualquer	Será objeto de estudo

ANEXO 8 - ADEQUAÇÃO DAS ATIVIDADES AO SISTEMA VIÁRIO

TABELA 8.6 - SUBGRUPO COMÉRCIO E SERVIÇO MISTO - CSM

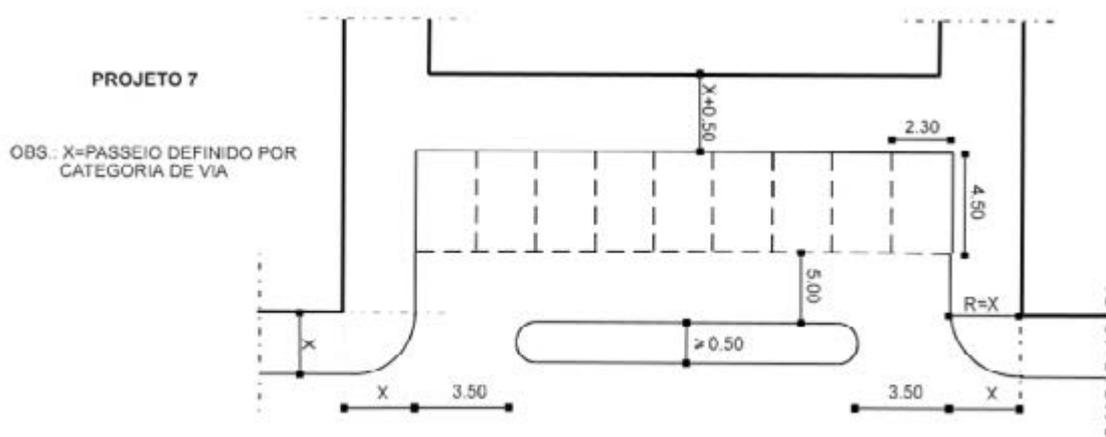
CLASSE CSM	USO	VIA EXPRESSA				VIA ARTERIAL I				VIA ARTERIAL II					
		RECUOS			NORMAS Anexo 8.1	RECUOS			NORMAS Anexo 8.1	RECUOS			NORMAS Anexo 8.1		
		FT	LT	FD		FT	LT	FD		FT	LT	FD			
1	A	7,00	3,00	3,00	06,10,19	A	7,00	3,00	3,00	06,10,18	A	7,00	3,00	3,00	06,10,18
2	A	7,00	3,00	3,00	07,10,19	A	10,00	3,00	3,00	07,10,18	A	7,00	3,00	3,00	06,10,18
3	A	10,00	5,00	5,00	02,07,10,12,19	A	10,00	5,00	5,00	02,07,11,12,18	I	-	-	-	-
PGT 1	A	10,00	10,00	10,00	02,07,11,12,13,14	A	10,00	10,00	10,00	02,07,11,12,13,14	I	-	-	-	-
PGT 2	A	10,00	10,00	10,00	03,08,11,12,13,14	A	10,00	10,00	10,00	03,08,11,12,13,14	I	-	-	-	-
PGT 3	A	10,00	10,00	10,00	objeto de estudo	A	10,00	10,00	10,00	objeto de estudo	I	-	-	-	-

A - ADEQUADO I - INADEQUADO PE - PROJETO ESPECIAL, VER CAPÍTULO PROJETO ESPECIAL

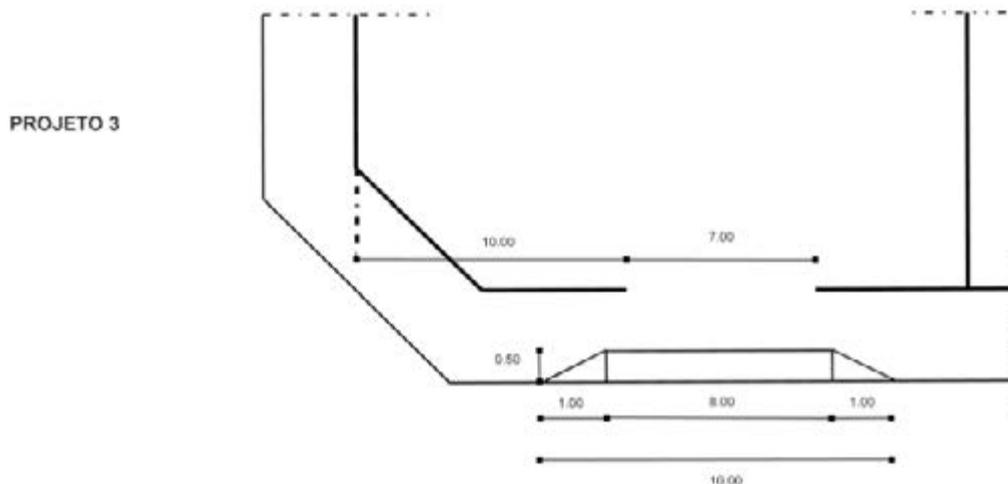
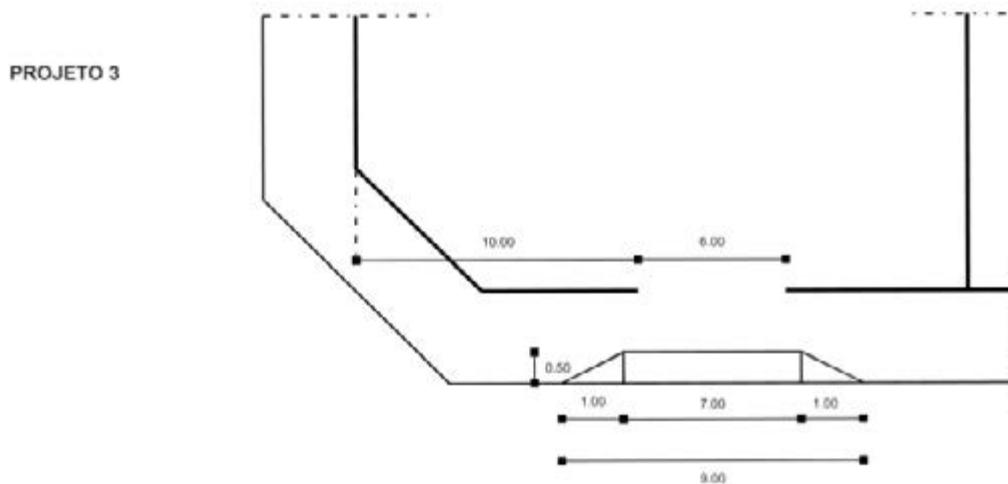
LEI DE USO E OCUPAÇÃO DO SOLO DO MUNICÍPIO DE FORTALEZA

ANEXO 8.1 - NORMAS RELATIVAS A ADEQUAÇÃO DO USOS AO SISTEMA VIÁRIO

- 01** - Não poderá ter acesso direto de automóvel quando a testada do terreno for menor que 20,00m(vinte metros).
- 02** - A testada mínima do terreno deverá ser de 20,00m (vinte metros).
- 03** - A testada mínima do terreno deverá ser de 44,00m (quarenta e quatro metros).
- 04** - A testada mínima do terreno deverá ser de 66,00m(sessenta e seis metros).
- 05** - O acesso direto de automóvel, quando for exigida vaga interna para estacionamento, deverá estar de acordo com o PROJETO 1 (anexo 8.1.1).
- 06** - O acesso direto de automóvel, quando for exigida vaga interna para estacionamento,deverá estar de acordo com o PROJETO 2 (anexo 8.1.1).
- 07** - O acesso direto de automóvel, quando for exigida vaga interna para estacionamento, deverá estar de acordo com o PROJETO 3 (anexo 8.1.1).
- 08** - O acesso direto de automóvel, quando for exigida vaga interna para estacionamento, deverá estar de acordo com o PROJETO 4 (anexo 8.1.1).
- 09** - O acesso direto de automóvel, quando for admitida vaga externa para estacionamento lindeiro ao meio fio, deverá estar de acordo com uma das alternativas dos PROJETOS 5, 6 e 7 (anexo 8.1.2).
- 10** - O acesso direto de automóvel, quando for admitida vaga externa para estacionamento lindeiro ao meio fio, deverá estar de acordo com uma das alternativas dos PROJETOS 6 e 7 (anexo 8.1.2).
- 11** - O acesso direto de automóvel, quando for admitida vaga externa para estacionamento lindeiro ao meio fio, deverá estar de acordo com uma das alternativas do PROJETO 7 (anexo 8.1.2).
- 12** - Deverá ter área própria para carga e descarga, observando o disposto nos ANEXOS 8.1.3 e 8.1.4.
- 13** - Deverá ter área apropriada para embarque e desembarque de passageiros interna ao lote e dimensionada de acordo com o subgrupo de atividade, de forma a não prejudicar a operação da via.
- 14** - Deverá ter área apropriada para acumulação de táxi e /ou veículos de aluguel dimensionada de acordo com o subgrupo de atividade, de forma a não prejudicar a operação da via.



ANEXO 8.1.1 - "LAY OUT" DE ACESSO AO LOTE



II - Os acessos para passagem de veículos deverão ser localizados a uma distância mínima de 10,00m (dez metros) do alinhamento das ruas laterais, podendo essa distância ser reduzida para 7,00m (sete metros), no caso de habilitações unifamiliares;

III - A abertura de passagem de veículos (automóveis ou utilitários) terá a largura mínima de 3,00m (três metros). Tratando-se de uma única abertura, para entrada e saída de veículos, esta deverá ser alargada para um mínimo de 6,00m (seis metros). Excluídas as aberturas para residências unifamiliares;

IV - Os acessos para os espaços de carga e descarga terão largura mínima de 3,50m (três metros e cinquenta centímetros). Tratando-se de

LeisMunicipais.com.br



uma única abertura, para entrada e saída de veículos, esta deverá ser alargada para 7,00m (sete metros);

Art. 408 - Para efeito de distribuição, localização, dimensionamento das vagas e cálculo da capacidade ou lotação, bem como das condições de acesso, circulação, estacionamento ou carga e descarga, são consideradas as seguintes dimensões mínimas de veículos:

LeisMunicipais.com.br



I - Automóveis e utilitários:

- a) comprimento 4,50m;
- b) largura 2,20m;
- c) altura 2,00m;

II - Caminhões até 6 toneladas:

- a) comprimento 8,00m;
- b) largura 3,00m;
- c) altura 3,20m;

III - Ônibus:

- a) comprimento 12,00m;
- b) largura 3,20m;
- c) altura 3,50m;

§ 1º - Os espaços de acesso e circulação principal de veículos deverão satisfazer, além das exigências para a categoria constantes da Seção I do presente Capítulo, aos requisitos seguintes:

I - Terão, para cada sentido de trânsito, largura mínima de 3,00m. em garagens ou estacionamentos com capacidade não superior a 60 veículos, será permitida faixa dupla, para comportar o trânsito nos dois sentidos, com largura mínima de 5,50m, desde que o seu traçado seja reto e tenham separação demarcada com "taxas", "capacetes" ou outro material apropriado;

II - Não deverão ter curvas com raio inferior a 5,50m. As faixas de circulação geral, com desenvolvimento em curva de raio inferior a 12,00m, terão sua largura aumentada de acordo com a fórmula:

$L(M) = 3,00(M) + 12,00(M) - R(M)12$ onde L é a largura da faixa, em metros e R o raio da curva, em metros, sendo admitidas outras soluções equivalentes:

III - Terão declividade máxima de 10%, ressalvado o caso de acesso a apenas um pavimento, com desnível de 2,50m, quando será tolerada a inclinação de 20%. Essa declividade será tomada no eixo para os trechos em reta, e na parte interna, mas desfavorável, para os trechos em curva. A sobrelevação da parte externa ou declividade transversal não será superior a 5%;

IV - O início das rampas ou a entrada dos elevadores para movimentação dos veículos não poderá ficar a menos de 5,00m do alinhamento dos logradouros;

V - As rampas terão pé-direito de 2,40m (dois metros e quarenta centímetros) no mínimo.

§ 2º - As vagas e as faixas de acesso e circulação geral serão dispostas de forma adequada à finalidade prevista, bem como à lotação fixada e à segurança dos usuários. As aberturas de acessos aos veículos deverão ter capacidade para absorver amplamente o fluxo de entrada e de saída nas horas de mais intenso movimento do logradouro e da garagem ou estacionamento.

§ 3º - A lotação de cada setor, andar, garagem ou estacionamento será obrigatoriamente anunciada em painéis afixados nos lados interno e externo, junto aos respectivos acessos.

